



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CHAPECÓ/SC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**  
**CURSO DE MESTRADO**

**ELIZANE APARECIDA LEHR**

**REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM UMA AMOSTRA DE**  
**LITERATURA INFANTOJUVENIL CATARINENSE**

**CHAPECÓ/SC**  
**2023**

**ELIZANE APARECIDA LEHR**

**REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM UMA AMOSTRA DE  
LITERATURA INFANTOJUVENIL CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Chapecó como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

**CHAPECÓ/SC**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Lehr, Elizane Aparecida  
REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM UMA AMOSTRA  
DE LITERATURA INFANTOJUVENIL CATARINENSE / Elizane  
Aparecida Lehr. -- 2023.  
165 f. : il.

Orientadora: Doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. Variação e Mudança Linguística. Pronomes pessoais  
de primeira pessoa do plural. Português brasileiro.. I.  
Snichelotto, Cláudia Andrea Rost, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**ELIZANE APARECIDA LEHR**

**REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM UMA AMOSTRA DE  
LITERATURA INFANTOJUVENIL CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendida perante Banca Examinadora em 13/04/2023

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 13 de abril de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**



Documento assinado digitalmente  
CLAUDIA ANDREA ROST SNICHELOTTO  
Data: 11/05/2023 08:44:23-0300  
CPF: \*\*\*.797.880-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Profª. Drª. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS**

Presidente da banca/orientadora



Documento assinado digitalmente  
Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott  
Data: 10/05/2023 09:01:01-0300  
CPF: \*\*\*.456.569-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Profª. Drª. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott – UFSC**

Membro titular externo



Documento assinado digitalmente  
ATHANY GUTIERRES  
Data: 25/05/2023 12:47:15-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof. Drª. Athany Gutierres – UFFS**

Membro titular interno

---

**Profª. Drª. Aline Peixoto Gravina – UFFS**

Membro suplente

---

**Prof. Dr. Valdir Prigol – UFFS**

Membro suplente

*Dedico este estudo à minha mãe e ao meu filho, meus grandes incentivadores.*

## AGRADECIMENTOS

À professora doutora Cláudia Andrea Rost Snichelotto, minha orientadora, que acreditou em mim, agradeço pela orientação, sempre pautada em uma visão crítica, exigente e oportuna, que contribuiu para delinear e enriquecer este estudo. Sem sua orientação não seria possível a realização desta pesquisa. Gratidão!

Às professoras doutoras Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e Aline Peixoto Gravina, pela leitura cuidadosa e valiosas contribuições na qualificação e avaliação deste trabalho.

À professora doutora Athany Gutierrez, pelo aceite em participar, ler, sugerir e avaliar este trabalho, obrigada pela importante colaboração.

À Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, que oportunizou esta conquista, com educação pública, gratuita e de qualidade.

Ao corpo docente do PPGEL - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, seus ensinamentos foram muitos e certamente contribuíram positivamente à minha formação.

Aos colegas de curso de mestrado em estudos linguísticos, em especial à linha 2 - Diversidade e Mudança Linguística, pela troca de conhecimento e pela parceria nesses dois anos de mestrado.

À Suianny, colega e amiga, obrigada pelo companheirismo e apoio em muitos momentos. Amizade que iniciou com o mestrado e segue para a vida.

Aos meus pais, Mário e Eli, pela compreensão, pelo amor, apoio e incentivo, durante este processo intenso de estudos.

Às minhas irmãs, Eliane e Elizangela, por me animarem com palavras fraternais nos momentos mais difíceis.

Aos meus sobrinhos, que dedico um amor especial. À Amanda, minha primeira sobrinha, obrigada pelas palavras incentivadoras desde sempre.

Aos amigos, por compreenderem minha ausência durante este percurso, em particular à Elisete, minha amiga, que acompanha minha trajetória desde o ensino fundamental.

À minha colega e amiga Vanessa, pelas trocas de ideias e palavras motivacionais durante este percurso.

À minha diretora e amiga Keila, que, por diversas vezes, foi compreensiva pelas minhas mudanças de horário e por estar sempre ao meu lado me apoiando e me incentivando entre a minha jornada de estudos e de trabalho.

Aos amigos e escritores Jovani Santos e Torres Pereira, pelo carinho, apoio e conversas literárias, corpus deste estudo.

Ao Neori, pai do Victor, pelas palavras motivacionais e o incondicional apoio e colaboração na educação e nos compromissos de nosso filho.

Ao Victor, meu filho amado, gratidão, pela compreensão nos momentos em que precisei me dedicar intensamente a este estudo. Sempre me acolheu com amor, carinho e palavras meigas.

Por fim, agradeço a Deus, pela saúde, proteção e por me permitir realizar este sonho!

## RESUMO

Esta dissertação está centrada na investigação da alternância das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, em uma amostra de 16 obras da literatura infantojuvenil produzidas em Santa Catarina, a partir da década de 1950 até a década atual. O referencial teórico encontra-se fundamentado na teoria Sociolinguística Variacionista, de Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]. A pesquisa adotou a metodologia quali-quantitativa, por amostragem, na análise de 16 obras infantojuvenis, escritas por 14 autores catarinenses. A motivação para esse estudo surgiu da percepção da pesquisadora, no exercício do ensino de Língua Portuguesa em escolas públicas e particulares de Chapecó/SC, da presença da variação e mudança pronominal no cotidiano escolar e em alguns textos da literatura brasileira. Esta pesquisa justifica-se, em nosso entender, por contribuir para a descrição da realidade sociolinguística da Língua Portuguesa brasileira, e em seu uso efetivo, heterogêneo e sistemático. Os resultados gerais levantados por nossa pesquisa a partir de uma amostra de obras da literatura infantojuvenil publicadas em Santa Catarina desde a década de 1950 até a década atual, identificaram 501 ocorrências das formas pronominais de primeira pessoa do plural, dos quais 80% referem a preferência à forma canônica e 20% variante inovadora.

Palavras-chave: Variação e Mudança Linguística. Pronomes pessoais de primeira pessoa do plural. Português brasileiro.



## RESUMEN

Esta disertación se centra en la investigación de la alternancia de las formas pronominales de referencia a la primera persona del plural, "*nós*" y "*a gente*", en una muestra de 16 obras de la literatura infantil y juvenil producidas en Santa Catarina, desde la década de 1950 hasta la actualidad. El marco teórico se basa en la teoría sociolingüística variacionista de Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]. La investigación adoptó una metodología cuali-cuantitativa, mediante muestreo, en el análisis de 16 obras de literatura infantil y juvenil escritas por 14 autores catarinenses. La motivación para este estudio surgió de la percepción de la investigadora, en el ejercicio de la enseñanza de la lengua portuguesa en escuelas públicas y privadas de Chapecó/SC, de la presencia de la variación y el cambio pronominal en el cotidiano escolar y en algunos textos de la literatura brasileña. Esta investigación se justifica, en nuestra opinión, por contribuir a la descripción de la realidad sociolingüística de la lengua portuguesa brasileña, y en su uso efectivo, heterogéneo y sistemático. Los resultados generales obtenidos por nuestra investigación a partir de una muestra de obras de literatura infantil y juvenil publicadas en Santa Catarina desde la década de 1950 hasta la actualidad, identificaron 501 ocurrencias de las formas pronominales de primera persona del plural, de las cuales el 80% se refiere a la preferencia por la forma canónica y el 20% por la variante innovadora.

Palabras clave: Variación y cambio lingüístico. Pronombres personales de primera persona del plural. Portugués brasileño.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa das Mesorregiões de Santa Catarina e das localidades de publicação das obras da literatura infantojuvenil .....	80
Quadro 1 - Distribuição dos pronomes retos segundo Neves (2011).....	48
Quadro 2 - Distribuição dos pronomes retos, segundo Castilho (2014).....	49
Quadro 3 - Expressão da 1ª pessoa do discurso, o PB dispõe dos seguintes índices, segundo Bagno (2012, p 743).....	51
Quadro 4 - Estudos anteriores de <i>nós</i> e <i>a gente</i> que investigaram amostras escritas.....	64
Quadro 5 - Obras da literatura infantojuvenil catarinense analisadas.....	78
Quadro 6: Ocorrências de sujeito preenchido por outros sintagmas nominais junto a marca morfêmica de P4 (-mos).....	82
Quadro 7: Níveis de saliência fônica.....	107
Gráfico 1 - Distribuição de <i>a gente</i> , segundo a variável gênero narrativo .....	120
Gráfico 2 - Frequência das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> por década .....	143

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das formas pronominais, segundo o preenchimento do sujeito .....	89
Tabela 2 - Distribuição de <i>nós</i> , <i>nos</i> e <i>conosco</i> , segundo o preenchimento do sujeito.....	90
Tabela 3 - Distribuição das formas <i>a gente</i> e <i>se</i> , segundo o preenchimento do sujeito .....	90
Tabela 4 - Distribuição das formas pronominais, segundo a variável função sintática.....	95
Tabela 5 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável marca morfêmica.....	100
Tabela 6 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> segundo a variável preenchimento do sujeito.....	104
Tabela 7 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável saliência fônica.....	110
Tabela 8 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável tipo de referência.....	114
Tabela 9 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável gênero narrativo.....	118
Tabela 10 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos contos infantojuvenis.....	119
Tabela 11 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável papel na narrativa	123
Tabela 12 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável tipo de narrador.....	124
Tabela 13 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável faixa etária .....	127
Tabela 14 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável sexo.....	129
Tabela 15 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável autor.....	134
Tabela 16 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável localidade .....	137
Tabela 17 - Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> , segundo a variável mesorregião de publicação da obra. ....	139
Tabela 18 - Distribuição das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> por década .....	142

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEILIJSC - Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina

EPG - Emília no País da Gramática

NURC - Norma Urbana Culta

P4 - Primeira pessoa do plural (*nós/a gente*)

PB - Português Brasileiro

PE - Português Europeu

PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua

PHPB - Projeto para a História do Português Brasileiro

PNLD - Plano Nacional do Livro e do Material Didático

RN - Reinações de Narizinho

SN - Sujeito Nulo

UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul

VARSUL - Variação Linguística na Região Sul do Brasil

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	20
1.1.1 Objetivo Geral.....	20
1.1.2 Objetivos Específicos .....	20
1.1.3 Questões e Hipóteses.....	21
<b>2 REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>26</b>
2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	26
2.1.1 A variação no nível morfossintático.....	37
2.1.2 A dimensão externa da variação.....	41
<b>3 A REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL.....</b>	<b>45</b>
3.1 A PERSPECTIVA DA NORMA NORMATIVA.....	45
3.2 A ABORDAGEM DA NORMA NORMAL.....	47
3.3 NAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	52
3.3.1 Zilles (2007).....	53
3.3.2 Brustolin (2009).....	54
3.3.3 Silvano (2016).....	57
3.3.4 Oliveira (2017).....	58
3.3.5 Caldeira (2019).....	60
3.3.6 Monguilhott et al. (2021).....	61
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	68
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>70</b>
4.1 CORPUS: LITERATURA INFANTOJUVENIL .....	70
4.1.1 Literatura Infantil no Brasil - o passado e o presente.....	71
4.1.2 A Literatura Infantojuvenil Catarinense.....	73
4.1.3 Constituição do corpus: critérios de escolha do corpus e seleção das obras catarinenses.....	75
4.2 AMOSTRA: OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL .....	77
4.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	80
4.3.1 Variável dependente e variáveis independentes .....	83
4.3.1.1 Variável dependente.....	83
4.3.1.2 Variáveis independentes: linguísticas e extralinguísticas.....	86
4.3.2 Análise dos dados .....	86
<b>5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>88</b>
5.1 RESULTADOS GERAIS.....	88

5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	91
<b>5.2.1 Função sintática.....</b>	<b>92</b>
5.2.1.1 Caracterização e hipóteses.....	92
5.2.1.2 Resultados e discussão.....	95
<b>5.2.2 Marca morfêmica.....</b>	<b>98</b>
5.2.2.1 Caracterização e hipóteses.....	98
5.2.2.2 Resultados e discussão.....	100
<b>5.2.3 Preenchimento do sujeito.....</b>	<b>101</b>
5.2.3.1 Caracterização e hipóteses.....	101
5.2.3.2 Resultados e discussão.....	104
<b>5.2.4 Saliência fônica.....</b>	<b>106</b>
5.2.4.1 Caracterização e hipóteses.....	106
5.2.4.2 Resultados e discussão.....	110
<b>5.2.5 Tipo de referência (genérica ou primeira pessoa do plural).....</b>	<b>111</b>
5.2.5.1 Caracterização e hipóteses.....	111
5.2.5.2 Resultados e discussão.....	114
5.3 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	115
<b>5.3.1 Gênero literário narrativo.....</b>	<b>115</b>
5.3.1.1 Caracterização e hipóteses.....	115
5.3.1.2 Resultados e discussão.....	117
<b>5.3.2 Papel na narrativa.....</b>	<b>121</b>
5.3.2.1 Caracterização e hipóteses.....	121
5.3.2.2 Resultados e discussão.....	123
<b>5.3.3 Faixa etária.....</b>	<b>125</b>
5.3.3.1 Caracterização e hipóteses.....	125
5.3.3.2 Resultados e discussão.....	127
<b>5.3.4 Sexo dos personagens.....</b>	<b>128</b>
5.3.4.1 Caracterização e hipóteses.....	128
5.3.4.2 Resultados e discussão.....	129
<b>5.3.5 Autor.....</b>	<b>131</b>
5.3.5.1 Caracterização e hipóteses.....	131
5.3.5.2 Resultados e discussão.....	133
<b>5.3.6 Localidade.....</b>	<b>135</b>
5.3.6.1 Caracterização e hipóteses.....	135
5.3.6.2 Resultados e discussão.....	137
<b>5.3.7 Tempo.....</b>	<b>140</b>
5.3.7.1 Caracterização e hipóteses.....	140
5.3.7.2 Resultados e discussão.....	141
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>151</b>

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

No Português Brasileiro (PB) atual, há duas formas pronominais variantes para indicar aqueles que falam ou escrevem (P4)<sup>2</sup>: a variante *nós*, que é a forma canônica, e a variante *a gente*, que é a forma inovadora<sup>3</sup>, conforme se vê nas ocorrências de 1 a 8, extraídas de obras de grandes escritores da literatura infantil e juvenil nacional, e, nos trechos de 9 a 12, retirados de obras infanto juvenis de autores catarinenses:

1. “Não fique triste, meu filho. *A gente* faz uma moradeira nova pro Latildo.” (ROCHA, 1976, p. 22).
2. “Gabriela serelepe: — Menina, para onde vai essa rua? — A rua não vai, não, *a gente* é que vai nela”. (ROCHA, 1976, p. 26).
3. “O nosso time estava cheio de amigos. O que *nós* não tínhamos era bola de futebol. Só bola de meia, mas não é a mesma coisa.” (ROCHA, 1976, p. 47).
4. “Os outros, que eram só dele, não dá *pra gente* saber nem quantos eram, de fato”. (ZIRALDO, 1980, p. 76).
5. “Mas eu lembrei da história do gigante porque *a gente* podia contar a história de Bisa Bia assim...” “ — *A gente* ia de bonde, era ótimo, fresquinho, todo aberto.” (MACHADO, 2007, p. 8-9).
6. “As duas tinham saído para fazer compras, a Mãe e a Rebeca e na volta a Mãe falou: — Quem sabe *a gente* vai andando pela praia?” (BOJUNGA, 2008, p. 8).

---

<sup>1</sup> Esta dissertação se inscreve em um projeto integrado denominado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” (doravante VMPOSC). Sob a coordenação da Prof. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto, esse projeto conta, até este momento, com 10 dissertações concluídas dos seguintes pesquisadores: Kirsten (2021), Branco (2021), Ely (2019), Zortea (2019), Strapazon (2018), Lopes (2017), Trapp (2014), Silva (2014), Bertozzo (2014) e Scherer (2014).

<sup>2</sup> Daqui em diante, adotamos a nomenclatura empregada por Câmara Jr. (2002 [1970]) para indicar a quarta pessoa do discurso, ou seja, P4 corresponde àqueles que falam ou escrevem.

<sup>3</sup> Para Faraco (2005, p 43), os termos inovador e canônico designam, respectivamente, “o elemento novo, isto é, a variante que se expande alterando aspectos da configuração da língua; e o elemento velho, isto é, a variante que representa a configuração mais antiga na língua”. Bagno (2012, p. 743) critica a prescrição nas escolas e nos livros didáticos sobre o uso de “nós” em situações formais e “a gente” em situações informais. Segundo o autor, os brasileiros adotaram o uso de “a gente” em contextos monitorados, causando mudanças nas variedades urbanas e permitindo a ascensão de uma nova classe média.

7. “Mas a mão da Rebeca escapou. — Sozinha, como? e eu? e o Donatelo? *a gente* tá sempre junto, não tá? *nós* três. E quando o pai não tá com a orquestra, ele também tá sempre em casa. Então? *nós* quatro. Sozinha por quê?” (BOJUNGA, 2008, p.12).
8. “Eu acho que Noé devia deixar de fora tudo o que é bicho enjoado, como pulga, barata e pernilongo, que fazem fiuummmm no ouvido *da gente*”. (ROCHA, 1993, p.8).
9. “Por que é que *a gente* tem que escovar os dentes todos os dias, mesmo quando não tem vontade?”, ele pensou. (SILVA, 1984, p.6).
10. “- Rafael, *nós* vamos perder a hora! Você já saiu da cama? Você já se arrumou? (SILVA, 1984, p.10).
11. “- É, bem que o pai vive dizendo que *a gente* tem que ter atenção!” (LORENZET, 2014, p.22).
12. “Naquele tempo, *a gente* não entendia bem o que era progresso, acreditávamos que devia ser o nome de algum adulto rabugento que não gostava da amizade da Castanheira com as crianças.” (TESSARI, 2013, p. 27).

Considerando a frequência de ocorrência, na obra “Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias”, de Rocha (1976), observamos a presença do pronome pessoal inovador *a gente*, conforme exemplificamos em 1 e 2. Também, em 3, identificamos a ocorrência do pronome pessoal canônico *nós*, de modo que verificamos que a autora transita, em suas obras, pelas duas formas de referência à primeira pessoa do plural. Em 8, na obra “A arca de Noé” da mesma autora, observamos somente a ocorrência da variante inovadora. Em 4, “O menino maluquinho”, de Ziraldo (1980), notamos o emprego de uma ocorrência da forma inovadora e nenhuma ocorrência da forma *nós*, o que converge com a obra “Bisa Bia, Bisa Bel”, de Machado (2007), que, em 5, emprega duas ocorrências da forma *a gente* e nenhuma ocorrência da forma *nós*. Por fim, em 6 e 7, na obra “Tchau”, Bojunga varia o uso das formas pronominais para expressão da primeira pessoa do plural.

Ainda, em um trecho extraído de uma obra da década de 1970, observamos que a referência à primeira pessoa do plural também pode ser recuperada na desinência verbal (chamamos): “Ninguém viu ele chegar. Nem barulho fez. Veio parecendo assombração na noite. Chamamos você porque enxerga mais longe que



*a gente*.” (ZOTZ, 1978, p.08-09). Neste caso também constatamos a ocorrência da forma *a gente*, mostrando como as transições entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural são recorrentes na literatura.

Além do controle da frequência de ocorrência, consideramos critérios funcionais<sup>4</sup> para descrição do uso das duas variantes pronominais extraídas desses excertos da literatura infantil e juvenil nacional.

No nível sintático, o pronome canônico na função de sujeito pode ser verificado nos excertos 3 e 7, e o pronome inovador, na mesma posição sintática, pode ser observado nos excertos 1, 2, 5, 6 e 7. Em 4 e 8, as duas ocorrências de *pra gente* e *da gente* se situam, respectivamente, na função de objeto indireto e adjunto adnominal.

No nível morfológico, as formas também se inscrevem em duas categorias distintas: em 1, *a gente* é um pronome pessoal, que, segundo Lopes (2004), passou pelo processo de gramaticalização<sup>5</sup> (do substantivo “*gente*” a pronome “*a gente*” e de pronome indefinido para pronome pessoal) a depender do contexto de uso, como em 2.

No nível semântico-pragmático, essa mudança de categoria se dá em razão de diferentes valores semânticos das formas de mais genérico para mais determinado, que, neste último caso, inclui o falante e passa a concorrer com a variante *nós*. Foi esse o caminho percorrido pela variante *a gente* ao integrar-se mais recentemente ao sistema pronominal do PB.

Esse comportamento variável na forma e no conteúdo dos pronomes *nós* e *a gente* motivou a realização de vários estudos descritivos do português (OMENA, 1998 [1986]; FREITAS, 1991; LOPES, 1998; MENON, 1995; SEARA, 2000; ZILLES, 2005, 2007; MUNIZ, 2008; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016; OLIVEIRA, 2017; CALDEIRA, 2019; MONGUILHOTT *et al.*, 2021; KIRSTEN, 2021, entre outros)<sup>6</sup> nos últimos 30 anos por grupos de pesquisa de diversas partes do Brasil tanto em amostras orais quanto em escritas. Na fala, em alternância com a forma canônica,

<sup>4</sup> O critério funcional envolve aspectos formais (morfológicos e sintáticos) e semânticos (GÖRSKI; ROST, 2008).

<sup>5</sup> O processo de gramaticalização, conforme Lopes (2004, p.50), “ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais”. Este fenômeno se dá através da regularização gradual, conforme explica Hopper e Traugott (2003), de um item lexical. A gramaticalização pressupõe a existência de variação entre formas que estão competindo, até que a nova forma se efetive. Para tanto, o processo da gramaticalização é motivado e encaixado no sistema linguístico. (ZILLES, 2007).

<sup>6</sup> Na seção 3, sistematizamos os principais resultados de alguns estudos da variação entre os pronomes de primeira pessoa do PB, principalmente em amostras escritas.

principalmente na posição de sujeito, se percebe um aumento crescente da forma inovadora nas décadas de 70 a 90 do século XX, conforme os estudos de Zilles (2007). Os resultados dessas investigações têm indicado um processo de mudança linguística em andamento na fala no qual a forma inovadora tem gradativamente ocupado os espaços da forma canônica. Entretanto, na língua escrita, a variação entre *nós* e *a gente* tem sido pouco investigada<sup>7</sup>, especialmente sob uma perspectiva sociolinguística.

As gramáticas normativas, ou prescritivas (por exemplo FARACO; MOURA, 1998; LUFT, 2002; ROCHA LIMA, 2011; BECHARA, 2006/2007; CUNHA, 2008), carecem da descrição do pronome *a gente*, pois não encontramos nenhuma (ou muito pouca) informação a respeito dessa forma inovadora no quadro de pronomes pessoais e dos pronomes indefinidos<sup>8</sup> do PB. Porém, Câmara Jr. (2002 [1970], p. 119) já dizia que “Tal quadro é, a rigor, puramente teórico; e em nenhuma região da língua portuguesa ele se realiza exatamente”. Faraco e Moura (1998, p. 171) até fazem menção ao pronome *a gente* em uma seção denominada “estilo”, na qual dizem que o pronome *nós* aparece frequentemente substituído pelo *a gente*, especificamente na linguagem coloquial. Logo, o que se percebe, observando as gramáticas de Faraco e Moura (1998), Cunha (2008) e Lima (2011), é que, ainda que passados mais de 50 anos da afirmação de Câmara Jr. (2002 [1970]), citada mais acima, o quadro de pronomes pessoais e de pronomes indefinidos do PB permanece inalterado e é amplamente adotado pelas gramáticas pedagógicas e pelos manuais didáticos<sup>9</sup>. Como descreveremos mais adiante, há diversas pesquisas (OMENA, 1998 [1986]; FREITAS, 1991; LOPES, 1998; MENON, 1995; SEARA, 2000; ZILLES, 2005, 2007; MUNIZ, 2008; KIRSTEN, 2021; entre outros), que atestam que, em decorrência de várias mudanças na língua portuguesa, esse quadro não corresponde mais à realidade das variantes pronominais do português atualmente utilizadas no Brasil. Uma dessas divergências é o não reconhecimento ou a omissão da forma inovadora *a gente* como variante pronominal em

---

<sup>7</sup> Na subseção 3.3, apresentamos uma síntese das pesquisas de Zilles, 2007; Brustolin, 2009; Silvano, 2016; Oliveira, 2017; Caldeira, 2019 e Monguilhott *et al.*, 2021, que localizamos até este momento.

<sup>8</sup> Zilles (2007) destaca que o substantivo “gente” era originalmente um nome coletivo, o que foi um fator determinante para assumir, posteriormente, o valor [+genérico] como pronome indefinido, correspondendo ao significado de “toda e qualquer pessoa”.

<sup>9</sup> Schneiders (2014) analisou duas coleções de livros didáticos do ensino médio e verificou a predominância do pronome *nós* para designar a primeira pessoa do plural na função de sujeito. Em outras palavras, nos contextos em que houve a apresentação do pronome *a gente*, essa variante não é reconhecida para expressão da primeira pessoa do plural no PB atual.

concorrência com o pronome canônico *nós* para designar a primeira pessoa do plural do PB.

Nas gramáticas descritivas (por exemplo, NEVES, 2011; CASTILHO, 2014; PERINI, 2010; BAGNO, 2012), o uso de *a gente* já consta como pronome pessoal, na linguagem coloquial. Castilho (2014) inclui o uso da forma inovadora no quadro de pronomes pessoais, mas limita seu uso exclusivamente à modalidade oral da língua. No entanto, discordamos dessa afirmação, conforme exemplificado pelas ocorrências encontradas em obras de renomados escritores da literatura infantil e juvenil brasileira, bem como em trechos extraídos de obras infanto juvenis de autores catarinenses. Perini (2010) descreve a inclusão da forma *você* e exclusão de *vós*, porém não registra a nova forma *a gente*, nem como pronome pessoal, nem como possessivo tampouco como indefinido. Já Bagno (2012) reconhece as variantes *a gente* e *nós* para expressão da primeira pessoa do plural.

Feita essa contextualização, o presente estudo, embasado na teoria Sociolinguística Variacionista, visa investigar o uso variável dos pronomes pessoais *nós* e *a gente* na escrita, a partir de uma amostra da produção literária infantojuvenil de Santa Catarina.

Nessa perspectiva, a língua é concebida como um sistema que possui uma heterogeneidade ordenada, está situada historicamente e é passível de sistematização, conforme defendido por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Labov (2008 [1972]) sintetiza o objeto da Sociolinguística como o estudo da língua no contexto social, ou seja, situada no uso da comunidade linguística. Esta, por sua vez, é entendida como o conjunto de indivíduos que, além de interagirem verbalmente, também compartilham um conjunto de normas relativas aos usos da língua.

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Para a Sociolinguística, a língua é uma instituição social e deve ser estudada no contexto situacional, cultural e histórico nos quais as pessoas a utilizam como meio de comunicação. Dessa forma, a língua é heterogênea e repleta de variedades, assim, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o

processo em si nunca para. Ou seja, a mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica.

Além de situar teoricamente esta pesquisa, a força motriz propulsora para o desenvolvimento deste estudo é o fato de a pesquisadora ter experiência na docência, especificamente há 15 anos no ensino de Língua Portuguesa e Literatura na educação básica pública e privada de Chapecó, e vivenciar em seu cotidiano a alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*, objeto deste estudo. Percebemos que os falantes, de uma forma geral, utilizam a depender do contexto *nós* e *a gente* para referência à primeira pessoa do plural, porém o que chamou nossa atenção foi a presença dessa variação na língua escrita principalmente em obras literárias infanto juvenis, conforme atestam os estudos de Oliveira (2017). Dos 21 livros de literatura infantojuvenil gaúcha analisados pela autora, o pronome "*a gente*" foi amplamente empregado na escrita da literatura infanto-juvenil gaúcha.

Assim, entendemos que esta pesquisa pode contribuir para qualificar o ensino de Língua Portuguesa da educação básica, criando uma reflexão em nós educadores quanto ao acolhimento do uso da forma pronominal *a gente*, tornando possível a promoção de práticas de linguagem oral e escrita em sala de aula que abordam conhecimentos linguísticos diversos e significativos, inclusive os advindos de variedades menos prestigiadas.

Neste sentido, se justifica a relevância social desta pesquisa pela contribuição na descrição da realidade sociolinguística da língua portuguesa brasileira, pois permite vislumbrar seu uso efetivo, heterogêneo e sistemático, uma vez que a linguagem constitui um dos mais poderosos instrumentos de ação e transformação social. Ademais, cabe o destaque, não menos importante, de que esta pesquisa assume uma proporção benéfica para a sociedade no que diz respeito à democratização e difusão da literatura catarinense, prestigiando e valorizando a sólida produção literária dos escritores do estado.

Após apresentar a contextualização deste estudo, esta dissertação está estruturada em 6 capítulos.

No Capítulo 1, faz-se uma introdução ao objeto de estudo, que são as variantes para a referência da primeira pessoa do plural em trechos de obras literárias infanto-juvenis. Após, formulamos os objetivos geral e específicos e, na sequência, propomos questões e suas respectivas hipóteses.

A revisão teórica é descrita no Capítulo 2, no qual abordamos os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), conhecida como Sociolinguística variacionista. Após, especificamos a dimensão interna e externa da variação e o fenômeno da mudança linguística.

No Capítulo 3, apresentamos um levantamento bibliográfico em gramáticas normativas e descritivas e em estudos anteriores sobre as variantes em estudo, especialmente os que analisaram amostras da língua escrita.

Apresentamos, no Capítulo 4, a metodologia quali-quantitativa que foi adotada na análise das obras selecionadas de nossa amostra, e analisar os vários aspectos para referência à primeira pessoa do plural nas mesmas. Ainda, descrevemos a evolução histórica que caracteriza a literatura brasileira e catarinense voltada para o público infantojuvenil.

No Capítulo 5, são descritos e discutidos os resultados obtidos a partir do corpus e da amostra selecionada, com foco na frequência de uso das formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural. Nossa intenção foi identificar como o uso da primeira pessoa do plural varia ao longo do tempo, sob a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos controlados neste estudo.

Por fim, no Capítulo 6, expomos nossas considerações finais.

## 1.1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

### 1.1.1 Objetivo Geral

Investigar as formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural em uma amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

Para atingir o nosso objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Levantar as formas pronominais preferenciais empregadas para referência à primeira pessoa do plural nas obras de literatura infantojuvenil catarinense examinadas;
- Investigar fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam no uso de *nós* e *a gente* nas obras da literatura infantojuvenil catarinense examinadas;
- Observar indícios de um processo de mudança linguística em andamento no uso dos pronomes para expressão da primeira pessoa do plural nas obras de literatura infantojuvenil catarinense.

### 1.1.3 Questões e Hipóteses

Com base em estudos anteriores e nos objetivos desta pesquisa, propomos questões que conduzem este trabalho e concomitantemente as respectivas hipóteses propostas:

#### Questão 1

Qual a forma pronominal preferencial empregada para referência à primeira pessoa do plural em obras de literatura infantojuvenil catarinense?

#### Hipótese 1

O pronome inovador *a gente* está cada vez mais tomando o lugar do pronome canônico *nós* entre os falantes brasileiros da língua portuguesa<sup>10</sup>, que têm apontado para o uso cada vez mais frequente do primeiro em substituição ao segundo em diversas regiões<sup>11</sup> do Brasil. Apesar disso, os estudos sobre a

---

<sup>10</sup> Segundo pesquisas como Omena (1996), Freitas 1991, Lopes (1998), Menon (1995), Fernandes (1997), Botassini (1998), Seara (2000), Zilles (2005, 2007), Tonioli e Baruffaldi (2007), Muniz, (2008), Souza e Botassini (2009), Kirsten (2021), entre outras.

<sup>11</sup> Vianna e Lopes (2015) observam que há muitas áreas, sobretudo na região Norte do Brasil, que ainda carecem de pesquisa sobre o fenômeno da variação entre *nós* e *a gente* no PB.

variação de *nós* e *a gente* na escrita são mais raros ao que parece, principalmente devido às restrições no uso da forma inovadora na escrita (ZILLES, 2007).

Os resultados de Brustolin (2009), Silvano (2016), Caldeira (2019) e Monguilhott *et al.* (2021) apontam que o pronome canônico ainda é a forma predominante na escrita monitorada, seja a desenvolvida em relatos de experiência pessoal na escola, em cartas pessoais ou em obras de literatura, embora a literatura infantojuvenil gaúcha apresente um amplo uso do pronome inovador (OLIVEIRA, 2017). Com base no levantamento desses resultados, nossa hipótese é de que, de modo geral, a forma pronominal preferencial empregada para expressão da primeira pessoa do plural nas obras de autores da literatura infantojuvenil de Santa Catarina de nossa amostra é a forma canônica. De modo específico, acreditamos que haverá incremento no uso pronome inovador *a gente* como forma de se aproximarem da linguagem do público infantojuvenil, porém, em razão do conservadorismo da língua escrita, que tende a basear-se na norma de referência escrita (norma-padrão), a frequência de uso da variante canônica ainda será maior devido à resistência ao uso da forma inovadora entre os autores da literatura de Santa Catarina da nossa amostra.

## **Questão 2**

Quais aspectos linguísticos e extralinguísticos atuam no uso de *nós* e *a gente* nas obras selecionadas da literatura infantojuvenil catarinense?

## **Hipótese 2**

Pesquisas sobre a variação de *nós* e *a gente* realizadas com dados de escrita constataram a influência de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos na escolha dessas variantes pronominais.

Brustolin (2009), apesar de controlar quatro fatores linguísticos (marca morfêmica do verbo que o acompanha (zero e –mos), sujeito preenchido e nulo, saliência fônica e paralelismo formal) e dois extralinguísticos (sexo dos informantes e série), constatou que apenas variáveis linguísticas foram consideradas significativas na variação de *nós* e *a gente* na escrita: (i) marca morfêmica, (ii) paralelismo formal e (iii) saliência fônica.

Silvano (2016) controlou vários grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos como possíveis condicionadores da concordância verbal com sujeito de P4. Contudo, após rodadas estatísticas realizadas em separado com cada forma de sujeito, apenas dois grupos de fatores foram estatisticamente relevantes: na primeira rodada, apenas considerando o sujeito *nós*, a variável social sexo foi a única selecionada significativa; na segunda rodada, apenas considerando o sujeito SN + eu, a variável linguística forma verbal foi a única selecionada significativa; e na terceira, e última rodada, considerando apenas o sujeito *a gente*, nenhuma variável linguística nem social foi selecionada como condicionadora da concordância verbal, em virtude da pouca quantidade de dados.

Oliveira (2017) testou quatro fatores linguísticos (tipo de referência, tipo de narrador, tipo de discurso e paralelismo formal) e cinco extralinguísticos (profissão, faixa etária, classe social dos personagens, sexo e década como favorecedores do uso de *a gente* em relação a *nós* em obras literárias infantojuvenis do Rio Grande do Sul. Os resultados indicaram que o uso de "*a gente*" se mostrou favorável a todos os grupos de fatores linguísticos e três fatores extralinguísticos (profissão do personagem, idade do personagem e classe social do personagem). Cabe ressaltar que os grupos de gênero e década não alcançaram relevância estatística na pesquisa de Oliveira.

Caldeira (2019) controlou seis grupos de fatores (forma, função sintática, referência (apenas para o pronome *a gente*), personagem, paralelismo de formas no enunciado e obra) para seleção de possíveis condicionadores de *nós* e *a gente* nas duas obras de Monteiro Lobato. Os resultados evidenciaram que *a gente* nominal é mais frequente que *a gente* pronominal e que a forma *nós* é mais frequente que a forma *a gente* para referir a P4.

Monguilhott *et al.* (2021), apesar de controlarem o gênero textual cartas pessoais, o século e o perfil social dos informantes e missivistas, apresentaram apenas os resultados da análise dos três séculos (XIX, XX e XXI) investigados. Segundo as autoras, os resultados revelaram crescimento no uso do pronome *a gente* no registro escrito, apesar de não observarem índices altos de uso da forma inovadora na escrita como estudos anteriores verificaram na fala.

Com base no levantamento dos resultados dos trabalhos anteriores, pretendemos controlar cinco variantes linguísticas (função sintática, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, saliência fônica, tipo de referência) e sete



extralinguísticas (gênero literário narrativo, tipo de narrador, faixa etária, sexo dos personagens, autor, localidade e tempo) mais significativas nesses estudos sobre a modalidade escrita.

Na amostra, espera-se que a forma inovadora "*a gente*" seja mais frequente na função de sujeito em comparação a outras funções gramaticais, devido ao caráter dialogal das obras e à constante troca de turno entre os personagens (CALDEIRA, 2019).

Além disso, espera-se encontrar maior indeterminação associada ao pronome "*a gente*" quando a temática tratada não envolver aspectos contextuais mais concretos (CALDEIRA, 2019).

Supomos, portanto, que as formas variantes sejam mais frequentes nas variáveis linguísticas e nas variáveis extralinguísticas, conforme descrevemos na análise.

### **Questão 3**

A mudança linguística para referência à primeira pessoa do plural, observada em dados de escrita, é visível numa amostra de obras da literatura infantojuvenil catarinense?

### **Hipótese 3**

A mudança linguística para referência à primeira pessoa do plural é visível em uma amostra de dados de escrita, conforme observado nos resultados de pesquisa anteriores (SCHMITZ, 2006; ZILLES, 2007; OLIVEIRA, 2017; CALDEIRA, 2019; MONGUILHOTT *et al.*, 2021).

Essa mudança pode ser estudada tanto em tempo real, por meio da análise de dados de fala, como diacronicamente, ao longo do tempo, através de documentos escritos. Geralmente, a mudança emerge primeiramente na oralidade e posteriormente se estabelece na escrita. Portanto, quando uma forma considerada inovadora já é encontrada em textos escritos do passado, como o uso de "*a gente*" na obra de Monteiro Lobato no início do século XX, isso indica que essa forma já estava consolidada na língua falada daquela época (CALDEIRA, 2019).

Com base nos estudos de Schmitz (2006), Zilles (2007) mostra que houve predominância da forma canônica na escrita formal (requerimentos, teses,

dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, entre outras), mas um aumento do uso da forma inovadora em textos literários e jornalísticos. Zilles (2007) também observou que os resultados da difusão da mudança da forma canônica para a forma inovadora na escrita, partem dos 56% na década de 70 e atingem os 72% na década de 90 do século XX. Porém, a autora alerta que essa investigação demanda atenção particular para as práticas sociais ligadas aos gêneros textuais, a fim de se verificar aspectos da avaliação social das formas linguísticas.

Oliveira (2017) identificou que o uso da forma inovadora alcança percentual superior a 90% em contraste ao uso da forma canônica na literatura infantil gaúcha. O pronome inovador *a gente* tem atuado como agente propagador dessa mudança, inserindo e aceitando que tal mudança ocorra na língua escrita, considerando que, na amostra textual, há autores renomados de nível nacional, como Walmir Ayala, Lygia Bojunga Nunes, Sérgio Caparelli e Moacyr Scliar, dentre outros.

Monguilhott *et al.* (2021) constataram que, assim como observado pelas pesquisas acima, *a gente* é uma forma pronominal inovadora no século XX, apesar de ser verificada em apenas oito dados investigados pelas autoras. Desse modo, no que diz respeito à expressão de P4, a forma pronominal *nós* mostrou-se categórica no século XIX e praticamente categórica no século XX.

Em síntese, com base nos resultados dos estudos anteriores, nossa hipótese geral é que a forma pronominal inovadora para referência à primeira pessoa do plural será observada ao longo das décadas nas obras escritas da literatura infantojuvenil catarinense analisadas. No entanto, de forma específica, a forma canônica ainda será predominante devido ao conservadorismo dessa modalidade, configurando-se como um processo de mudança em tempo real.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção, tratamos da Teoria da Variação e da Mudança (TVM), conhecida também como Sociolinguística Variacionista, que tem como pressuposto a investigação da relação entre linguagem e sociedade. A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda os aspectos sociais que atuam no uso da língua, especialmente das diferentes comunidades de fala, enfatizando a investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

Revisamos brevemente, nas subseções a seguir, os pressupostos teórico-metodológicos da TVM e os níveis linguísticos de variação.

### 2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A TVM objetiva o estudo da língua no contexto social da comunidade. A língua é vista como um sistema heterogêneo, formado por regras categóricas e regras variáveis, discordando da homogeneidade estrutural adotada pela teoria estruturalista de Saussure. Labov (2008 [1972]) propõe o estudo da estrutura e da mudança da língua no contexto social da comunidade<sup>12</sup>. Diferentemente das orientações teóricas que concebem a língua como uma entidade homogênea, o modelo de análise laboviano se apresenta como uma reação à ausência do componente social nos modelos teóricos que o antecederam.

O surgimento, nos anos 1960, da proposta laboviana ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista. William Labov, em contraposição às abordagens teóricas gerativistas e estruturalistas que eram marcadas pelo estudo no campo interno da língua, contrapõe essa visão através do estudo e análise dos fatores linguísticos externos (contexto social). Em 1969, foi publicado o primeiro texto que discute essa visão, intitulado “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança

---

<sup>12</sup> Os primeiros estudos sociolinguísticos conduzidos por Labov, focalizando especialmente a variação fonético-fonológica na língua inglesa, foram sua dissertação de mestrado sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos no inglês falado na ilha de Martha's Vineryard, em Massachussets, e sua tese de doutorado sobre a estratificação da variável /r/ no inglês falado na cidade de Nova York. (LABOV, 2008 [1972] p. 22 e 63).

linguística (Empirical foundations for a theory of language change)” por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog. Alguns anos seguintes, 1972, William Labov apresenta a obra Padrões sociolinguísticos (Sociolinguistic patterns).

No Brasil, no final da década de 1970, Anthony Naro introduz os estudos sociolinguísticos com a proposta de projeto de pesquisa intitulado “Censo da Variação Lingüística do Rio de Janeiro” (PEUL). Foi o primeiro projeto a constituir no país um banco de dados variacionista. O PEUL é composto por dois corpora: a amostra Censo 80, coletada na década de 1980, e a amostra Censo 00, coletada na década de 2000, com 48 horas de gravação de falantes adultos, divididos em três faixas etárias, sendo 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos e uma amostra de crianças de 7 a 14 anos. O referido banco de dados se caracteriza por controlar as variáveis sociolinguísticas estratificadas em sexo, idade, escolaridade e controla variáveis sociais não convencionais, tais como a relação com produtos culturais, posse de bens materiais e expectativas em relação ao futuro.

De acordo com Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 921), esse tipo de banco de dados permite capturar tendências amplas de variação e mudança em uma comunidade de fala, resultando na homogeneização da amostra. A partir deste projeto, outros se desenvolveram atrelados aos estudos sociolinguísticos, a exemplo do VARSUL (Variação Lingüística na Região Sul do Brasil), do VMPOSC (Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina) e do LinguaPOA.

O VARSUL foi criado em 1982 e tem por objetivo a coleta de dados de fala de informantes dos três estados do sul do Brasil. Segundo Bisol *et al.* (2008), a proposta surgiu durante o “Encontro dos Estudos do Bilinguismo e Variação Lingüística” em 1982 em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Em 1990, se iniciou a coleta de 96 entrevistas por estado, sendo que a coleta deveria ser distribuída em quatro cidades. No Paraná, foram feitas coleta de entrevistas em Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco. Em Santa Catarina, foram definidas as cidades de Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages e, no Rio Grande do Sul, compõem o acervo do VARSUL entrevistas com informantes dos municípios de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. A amostra de informantes está estratificada por grau de escolaridade, sexo e faixa etária. Atualmente, o projeto VARSUL encontra-se em

fase de ampliação de sua amostra de entrevistas além se constituir como fonte de inspiração para a criação de outros bancos de dados<sup>13</sup>.

O interesse de estudo da Sociolinguística é identificar quais são as regras variáveis, isto é, quais são as formas linguísticas que estão em variação. Segundo Labov (2008 [1972]), a existência de formas linguísticas alternativas são chamadas de variantes de uma variável, em outras palavras, significa dizer que as variantes são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa (mesmo significado referencial/representacional), com o mesmo valor de verdade. A variável se constitui em um conjunto de variantes que configuram um fenômeno variável, como é o caso do nosso objeto investigado.

Em nossa pesquisa, a variável linguística é a expressão pronominal para referência à primeira pessoa do plural em uma amostra de obras da literatura infanto-juvenil de Santa Catarina. Tecnicamente esse fenômeno linguístico é chamado de variável dependente, e as variantes são o pronome pessoais *nós* e *a gente* cujo emprego não é aleatório, mas influenciado por fatores de natureza social e/ou estrutural. Assim, Labov (2008 [1972]) denomina o grupo de fatores influentes como variável independente, que são os possíveis condicionadores (ou desfavorecedores) das formas em variação.

Os condicionadores desempenham um papel importante no favorecimento ou desfavorecimento das formas variantes e se subdividem em internos (fatores linguísticos estruturais da língua como fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos) e externos (fatores extralinguísticos como classe social, local/região, idade, sexo, profissão, escolaridade etc.).

As formas variáveis veiculam, além de significados referenciais/representacionais, significados sociais, isto quer dizer que a variação é uma propriedade do sistema linguístico, motivada pelos condicionadores mencionados acima e o falante tem competência linguística (conhecimento inconsciente e internalizado do sistema linguístico que permite a um falante usar e

---

<sup>13</sup> A implementação do projeto VARSUL inspirou a criação do projeto VMPOSC e do LínguaPOA. Aprovado em 2012, o VMPOSC tem por objetivo coletar dados de fala e de escrita de informantes do oeste de Santa Catarina. A proposta é coletar entrevistas sociolinguísticas de chapecoenses, monolíngues em português, que residem na cidade. A estrutura da amostra de dados se constitui por informantes estratificados em sexo, idade e escolaridade. O LínguaPOA é um projeto que conta com registros de fala do português brasileiro falado em Porto Alegre (RS). Esse acervo consiste em áudios e transcrições de entrevistas que abordam o cotidiano na cidade. Os informantes estão estratificados geograficamente e socialmente em Porto Alegre, considerando critérios como zona geográfica, bairro por renda, faixa etária, nível de escolaridade e gênero. Mais informações sobre o LínguaPOA pode ser acessada em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>

compreender uma língua sem necessariamente conhecer formalmente a estrutura linguística/gramatical da mesma) para operar as regras variáveis. (LABOV, 2008 [1972]).

Além da competência linguística, Labov (2008 [1972]) constatou que não há falantes de estilo único, isto é, o comportamento variável dos falantes pode ser compreendido como o domínio de diversos estilos. O autor chegou à constatação desse princípio ao coletar diferentes matrizes de estilo em casos de variação. Os estilos capturados por meio de testes, especialmente fonológicos, podem ser dispostos por meio do grau de atenção, que pode ser de maior ou menor monitoramento, que o falante infere ao usar a língua.

Por meio do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, também designada Sociolinguística Quantitativa por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados, é possível observar a correlação entre o padrão linguístico e as diferenças na estrutura social, pois pode-se “isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico” (LABOV, 2008 [1972], p. 19).

A discussão sobre os rumos do significado social no estudo da variação foi promovida por Eckert (2012) ao sumarizar as três ondas de investigação que refletem modos distintos de abordagem da variação linguística. Conforme a autora, as três ondas de análise linguística se fazem distintas principalmente no quesito tipos de amostra. A primeira onda, com foco na comunidade de fala, implementa a análise variacionista tradicional e na qual nosso estudo está situado, observa a variação correlacionada a categorias sociais preestabelecidas. A segunda onda centra-se na observação etnográfica das redes sociais, analisando a identidade local de um determinado grupo social. As variantes refletem o *status* social dos falantes, mas indexam categorias sociais definidas localmente, e específicas a cada rede social. E a terceira onda de estudos sobre a variação contempla a comunidade de prática, isto é, considera a variação na prática estilística dos grupos, ou seja, como se dá a interação desse grupo de falantes que são envolvidos por ações conjuntas.

De modo geral, Eckert (2012) defende que as três ondas não são estágios que se sucederam ao longo da história da Sociolinguística e que os bancos de dados constituídos conforme a metodologia tradicional da sociolinguística são de extrema importância para os estudos variacionistas. No entanto, é necessário aprimorá-los para contemplar também a dimensão das demais ondas.

Além do estudo da variação na vida cotidiana dos indivíduos de diferentes comunidades, a Sociolinguística também dedica papel central aos estudos sobre a mudança linguística, entendendo que toda mudança pressupõe um período de variação entre duas ou mais formas linguísticas, mas que nem toda variação conduz à mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Com o objetivo de encontrar respostas sobre a mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) expõem cinco problemas empíricos, formulados por meio de questões gerais, para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística. Cada questão corresponde a um problema a ser respondido pelo pesquisador.

a) Qual o conjunto de mudanças possíveis e de condições para mudanças que podem ocorrer em uma determinada estrutura?

O problema dos fatores condicionantes (ou problema de restrição) diz respeito ao conjunto de forças internas e externas à língua que fazem um grupo de pessoas ou até mesmo um único indivíduo a falar da maneira como fala. Os condicionadores regulam a escolha entre uma ou outra variante. Esses fatores são responsáveis por avaliar em que tipo de situação (linguística ou extralinguística) uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de outra. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Nesta pesquisa, correspondem aos fatores condicionantes (linguísticos e extralinguísticos expostos na seção 5), que podem levar os autores da amostra de obras de literatura infanto-juvenil catarinense a usarem de modo alternado os pronomes pessoais *nós* ou *a gente*.

Um exemplo ilustrativo da relevância do controle dos condicionadores é a pesquisa de Kirsten (2021), que investigou a alternância das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural em uma amostra sincrônica de fala de crianças monolíngues em português de Chapecó, Santa Catarina. Foram levantadas 324 ocorrências das variantes pronominais e foi possível perceber que a variante "*a gente*" é mais frequente do que a variante "*nós*" na função de sujeito, com a marca morfêmica e o sexo dos informantes como fatores condicionantes significativos. Esses resultados sugerem que a alternância das formas pronominais pode surgir durante a aquisição da primeira língua e que o input dos adultos pode influenciar a variação na fala das crianças do projeto VMPOSC.

b) Como as mudanças estão encaixadas na matriz linguística e extralinguística?

O problema do encaixamento refere-se à relação entre a mudança e seus contextos internos (estrutura linguística em que as formas estão situadas) e externos (estrutura social onde as formas estão envolvidas). O problema do encaixamento se divide entre estrutura linguística e social, considerando os condicionadores linguísticos e sociais, que atuam no encaixamento da variável na estrutura da língua e a relação entre os fenômenos da mudança. Assim o encaixamento promove a mudança do sistema não comprometendo sua estrutura. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Um exemplo de encaixamento linguístico ocorre com a mudança no paradigma verbal ocasionada pela mudança pronominal da primeira pessoa do plural, *a gente*, que concorda com o verbo na terceira pessoa do singular. Conforme Zilles (2007, p.30), há várias reorganizações gramaticais em curso no PB. E o uso pronominal de *a gente* como variante de *nós* na primeira pessoa do plural compõe uma destas mudanças no quadro de pronomes pessoais do PB. Segundo a autora, para que haja o encaixamento do pronome *a gente* no sistema linguístico, é indispensável também a mudança no paradigma de concordância verbal, indicando para a sua redução, uma vez que é mais recorrente o registro do pronome inovador seguido de verbo flexionado na terceira pessoa do singular, como no exemplo: “*A gente resolveu* caminhar na praia”.

Um exemplo de encaixamento social é a pesquisa que Labov realizou na ilha de Martha's Vineyard sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/. O encaixamento dos ditongos se apresenta na comunidade como uma “marca local” intensificada pelos falantes de diferentes etnias que assim o faziam para demarcar seu território e identidade cultural.

c) Como as mudanças passam de um estágio a outro, de uma comunidade a outra?

O problema da transição compreende a transmissão e o incremento da mudança, em outras palavras, prevê a observação das mudanças de um estágio para outro, assim como o caminho percorrido pela variante linguística e os estágios



intermediários até chegar à mudança linguística. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122) apontam três etapas para a mudança: (i) o falante aprende uma forma alternativa (expansão de contexto de uso); (ii) durante o tempo em que as duas formas coexistem em sua competência linguística, ou seja, os falantes convivem com as duas formas (difusão da variação/mudança em tempo real); e (iii) quando uma das formas se torna obsoleta.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a variação pode levar à mudança linguística, mas também podem ocorrer somente situações de variação estável.

Um exemplo do problema de transição é a trajetória do substantivo feminino *gente*, que designa uma quantidade não determinada de pessoas, povo, multidão, população (As ruas estavam cheias de gente) até chegar ao pronome pessoal *a gente*. A transição envolve a categorização dessa mudança desde o surgimento de formas inovadoras, bem como seu aprendizado, os estágios intermediários onde duas ou mais formas coexistem e competem entre si e finalmente na substituição das formas de referência canônica pelas formas inovadoras. Esse processo de gramaticalização de *a gente*, no que tange à transição de nome para pronome, pôde ser verificado nas falas dos personagens em diferentes perfis e situações, conforme Caldeira (2019).

d) Avaliação - Como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre a estrutura social?

O problema da avaliação refere-se ao nível de consciência dos membros da comunidade, o qual é uma característica fundamental que deve ser considerada para na mudança linguística. Diz respeito à investigação de como os falantes avaliam as formas linguísticas de modo subjetivo e consciente e como essa avaliação afeta o curso da mudança, assim como as atitudes do falante frente à mudança linguística e à própria língua. O pesquisador pode obter a avaliação por meio de aplicação de testes com sentenças em que a variável aparece e o falante expõe seu parecer subjetivo de modo positivo ou negativo perante as formas em uso. Portanto, a mudança pode ser acelerada ou retardada conforme a avaliação social dos falantes a determinadas variedades e ela finalmente é estruturada e se

encaixa tanto na estrutura linguística como na social. Nesse contexto, o indivíduo pode atuar no sentido de apressar ou de reter os processos de mudança na língua de sua comunidade, uma vez que se identifica positivamente com ela ou a rejeita. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Um exemplo de avaliação pode ser observado no estudo de Brustolin (2009, p.90) sobre a avaliação da variação pronominal na posição de sujeito de P4. A autora detectou que as variáveis *nós* e *a gente* são duas formas alternativas de referência à primeira pessoa do plural e são usadas em certas situações de interação entre os indivíduos, isto é, a depender do nível de formalidade ou informalidade, é usada uma ou outra variante. Ademais, Brustolin (2009) constatou que o uso de *a gente* em diferentes gerações, em que os mais velhos costumam utilizar o *nós* e os mais jovens fazem uso de *a gente*. Concluiu que o uso de *a gente* não é estigmatizado<sup>14</sup> e está relacionado a variáveis extralinguísticas, como nível de formalidade, escrita/oralidade e idade dos falantes.

e) A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outra língua e em outra época?

O problema da implementação está ligado ao último passo da mudança linguística. Especificamente aborda o por quê, onde e quando a mudança ocorreu, delimitando quais os condicionadores linguísticos e sociais, bem como os motivos pelos quais a mudança ocorreu em determinada língua e período. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124), o pesquisador deve identificar os problemas que envolvem a mudança linguística, são eles: condicionadores, encaixamento, transição, avaliação. Em síntese, a implementação envolve o curso da mudança linguística.

---

<sup>14</sup> Nesta dissertação não será objeto de análise a avaliação social das formas variantes para referência à primeira pessoa do singular *nós* e *a gente*, pois não são marcadas com estigma pela comunidade. Esse comportamento foi verificado por Cadeira (2019), que constatou que o pronome "a gente" é frequentemente utilizado nas obras de Monteiro Lobato analisadas, sendo usado por vários personagens sem estigma aparente e assumindo diferentes valores de referência, tanto genérica quanto determinada. O autor concluiu que a avaliação social das diferentes variantes está fortemente relacionada ao contexto sociocultural dos indivíduos retratados, sendo que o estigma se manifesta principalmente na concordância verbal, em vez de ocorrer na variação pronominal. Também foi essa a conclusão de Oliveira (2017) de que o pronome pessoal inovador não é alvo de estigma ou preconceito de qualquer tipo nas obras de literatura infantojuvenil analisadas.

A partir da busca por respostas aos cinco problemas, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125-126) sintetizam a formulação de sete princípios gerais, que são os postulados mais importantes da TVM:

1) A mudança linguística se inicia quando a generalização de uma dada alternância em um certo subgrupo da comunidade assume o caráter de diferenciação ordenada.

2) A estrutura linguística inclui formas categóricas e formas variáveis. O domínio de uma língua pressupõe o controle das regras que regem tais formas. A mudança passou a ser considerada própria da natureza das línguas humanas. Sabemos que a língua muda desde os primórdios e essa mudança é inerente a todas as línguas. O português é fruto das mudanças que aconteceram na língua latina até os dias atuais. Essas mudanças são até mesmo imperceptíveis, mas elas ocorrem num processo histórico. Assim, conforme o passar do tempo, umas das variáveis acaba predominando sobre a outra e, quando isso acontece, o processo de mudança fecha o seu ciclo.(WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 122).

Portanto, conforme exemplificado por Coelho *et al.* (2015), a mudança linguística é um processo lento e gradual, como evidenciado pelo pronome vós, que foi substituído por vocês no português falado, com o uso restrito de vós em contextos principalmente escritos de ordem jurídica e religiosa.

3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade. Em outras palavras, na perspectiva da Sociolinguística, a variação sempre precede a mudança, mas nem toda variação leva à mudança linguística. No caso do nosso objeto de estudo, pode ocorrer a variação entre dois pronomes, como por exemplo, o uso pronominal de *nós* e *a gente* e não ocorrer a mudança, isto é, as formas pronominais referidas podem conviver alternadamente.

4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é nem uniforme nem instantânea. A generalização envolve a correlação de mudanças ao longo do tempo e aparece refletida em diferentes áreas geográficas. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), a variação e a mudança linguística devem ser investigadas sob as perspectivas sincrônicas e diacrônicas. A primeira diz respeito ao modo que se encontra a língua em um determinado momento, a partir de um recorte no tempo. Já a diacronia estuda o processo de evolução da língua, em outras palavras, verifica quais as

transformações pelas quais a língua passa através dos tempos. Para os autores, o processo de mudança nas línguas deve ser observado levando-se em conta que elas possuem um caráter variável e ordenado. Desta forma, a língua não é influenciada somente pela sua estrutura, mas também pelos fatores externos.

Também, do ponto de vista metodológico, a análise do tempo pode ser verificada a partir de dois tipos de pesquisa: (i) mudança em tempo aparente, que é a observação do comportamento linguístico de diferentes gerações em um período de tempo (acesso aos dados da fala); e (ii) mudança em tempo real que é feita ao longo do tempo (os dados são acessados por documentos escritos - tipo painel e tipo tendência).

Lopes (2004) descreve o caminho que o substantivo *gente* passa até chegar ao pronome inovador *a gente*. Com o passar dos anos, o substantivo *gente* passou a coocorrer como pronome para expressão da primeira pessoa do plural. Em seu sentido original, “gente” vem do substantivo latino *gens, géntis*, que significava *povo*, que poderia representar pluralidade e todavia um traço de pessoa. Já o substantivo *gente* denominava um nome coletivo, o que foi decisivo para mais tarde assumir a função de pronome indefinido, significando toda e qualquer pessoa (ZILLES, 2007). Esse movimento é previsto em razão do caráter contínuo, da gramaticalização<sup>15</sup>, que “[...] pressupõe, principalmente nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas”. (LOPES, 2004, p.51).

Outro aspecto observado por Lopes (2004) no processo de gramaticalização de *a gente* é o gênero neutro que o pronome inovador carrega, sendo possível o seu uso tanto para o feminino quanto para o masculino. Como no exemplo: “A *gente* voltou da praia - disse ele.” “A *gente* vai ao cinema? - disse ela”.

Zilles (2007) comparou entrevistas realizadas entre as décadas de 1970 e 1990 e os resultados indicam que os jovens utilizam mais a forma inovadora, enquanto que os mais velhos empregam mais a forma canônica. Contudo, pode-se dizer que há uma mudança em curso, caso os falantes mais jovens optem pela variante *a gente* e os mais velhos por *nós*, teremos uma mudança em andamento.

---

<sup>15</sup> Zilles (2007), com base em Heine e Kuteva (2007), explica que algumas mudanças foram essenciais para concluir o processo de gramaticalização de *a gente* como referência à primeira pessoa do plural, a saber: a dessemantização, a extensão, a decategorização e a erosão. Vamos detalhar cada um desses movimentos na seção 4.3 a partir de alguns trabalhos que pesquisaram o uso de *nós* e *a gente*, em especial na forma escrita.

5) As gramáticas nas quais a mudança linguística ocorre são gramáticas da comunidade. Devido ao fato de as estruturas variáveis contidas no sistema serem determinadas por funções sociais, não é possível falar em gramáticas individuais;

6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo. Ela não está confinada a etapas discretas dentro da família. Toda e qualquer descontinuidade encontrada na mudança resulta de descontinuidades específicas observadas dentro da comunidade. É muito mais do que o resultado de diferenças de geração (entre pai e filho);

7) Fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações apenas de um ou outro aspecto falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico. Labov (2008 [1972]) já havia observado que os fatores sociais desempenham influência no processo da variação e mudança linguística. Os diferentes modos de viver em sociedade influenciam o processo de modificação da língua, portanto, não há variação sem a interferência dos falantes de uma comunidade e do contexto que esta se encontra inserida, ou seja, a modificação linguística não ocorre por si só, o falante desempenha um papel fundamental neste processo.

Conforme Labov (2008 [1972], p. 21),

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

No caso de nosso objeto de estudo, temos configurada uma clara situação de variação das formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural, conforme foi exemplificado na Introdução desta dissertação, que pode ser condicionada por fatores internos e externos. Todavia, esperamos, a partir da análise diacrônica das obras da literatura infanto-juvenil, também observar a mudança linguística ao longo do tempo, como o uso de "*a gente*" na obra de Monteiro Lobato no início do século XX, que sugere que essa forma já estava consolidada na língua falada daquela época (CALDEIRA, 2019).

Dado que o sistema linguístico é constituído de regras variáveis (ao lado de regras categóricas), que atuam em todos os níveis linguísticos (fonético-fonológico,

morfológico, sintático, lexical e discursivo)<sup>16</sup>, os condicionadores que atuam sobre as variáveis também podem ser de diferentes níveis. Considerando-se a delimitação de nosso objeto de estudo, dedicaremos a próxima subseção ao nível morfossintático.

### 2.1.1 A variação no nível morfossintático

Nesta pesquisa, vamos nos dedicar ao detalhamento do nível morfológico, que vai ao encontro do nosso objeto de pesquisa sobre a alternância entre as formas *nós* e *a gente* para referência à primeira pessoa do plural no português de Santa Catarina. Também se trata de um caso de variação sintática, pois estamos considerando, na análise dos condicionadores da variação, as diferentes funções sintáticas desempenhadas pelas formas pronominais. Além desse grupo relacionado ao nível sintático, também vamos incluir a descrição da relação entre os morfemas verbais e as formas pronominais de P4, ou seja, a concordância que se estabelece entre cada pronome e o verbo. Portanto, nosso objeto está inserido em uma interface morfossintática, visto que abarca dois níveis gramaticais.

Como bem nos assegura Castilho (2014), os pronomes pessoais, por sua centralização no sistema das línguas, são mais aptos à mudança.

Os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica porque a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal e na estrutura funcional da sentença. (CASTILHO, 2014, p. 477).

A morfologia, conforme conceitua Luft (2002, p. 119), “é a parte da gramática que se ocupa do sistema mórfico da língua, do aspecto formal das palavras”. Esse nível de análise descreve a formação, estrutura e classificação das palavras. Se nos basearmos exclusivamente na descrição da tradição gramatical, são dez as classes de palavras e a classe dos pronomes é uma delas.

---

<sup>16</sup> Não vamos nos deter no detalhamento de cada nível nesta dissertação a fim de não desviar de nosso objetivo, mas, para outros exemplos da descrição dos diferentes níveis de análise no PB, veja Górski e Rost (2008) e Coelho *et al.* (2015).

Vejam os a definição de pronome em duas gramáticas normativas: i) “[...] são palavras que servem: a) para representar um substantivo; b) para acompanhar um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado” (CUNHA, 2008, p. 199); ii) “[...] é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso. [...] Os pronomes, vazios de conteúdo semântico, têm significação essencialmente ocasional.” (ROCHA LIMA, 2011, p. 156).

Conforme Görski e Rost (2008), conseqüentemente, a definição que segue em i) tem o pronome apresentado como a palavra que representa um substantivo, ou seja, ocupa o lugar de um substantivo, ou que acompanha um substantivo, condicionando-o uma extensão no significado. Portanto é um critério funcional. Já na definição em ii), o pronome representa uma palavra que caracteriza o ente (ser), mas vazio de significado, isto é, possui significado somente no contexto em que se encontra, seguindo um critério, que, para este caso, é semântico-pragmático<sup>17</sup>, visto que tem o significado ligado ao contexto ao qual está permeado.

Segundo Görski e Rost (2008), consideramos que a classificação dos pronomes engloba os seguintes tipos: pessoais retos e oblíquos, possessivos, demonstrativos, indefinidos e relativos. Vejamos os seguintes exemplos:

- 1) *Eu deixei meu livro novo de português em casa;*
- 2) *O Paulo? Encontrei-o naquela praça ontem;*
- 3) *Vários alunos assistiram ao filme que recomendei;*
- 4) *\* Maria deixei meu livro.*

Note que as palavras *eu, o, naquela, vários, meu* são pronomes. Podemos nos perguntar quais pronomes representam substantivos e quais acompanham substantivos. Por exemplo, em *meu livro, naquela praça e vários alunos*, temos os chamados “pronomes adjetivos”, que são os pronomes que costumam acompanhar os substantivos. Já para o caso do segundo exemplo, em *O Paulo*, o pronome *o* substitui o nome *Paulo*. No primeiro exemplo, *Eu* está relacionado à pessoa que fala, isto é, à primeira pessoa do discurso, mas que não possui a propriedade de

---

<sup>17</sup> “Quando consideramos na análise lingüística o contexto de uso das formas – não só o contexto frasal, mas o contexto mais amplo que envolve a situação comunicativa, os participantes da interação, o conhecimento partilhado entre eles, as inferências sobre as intenções e crenças de um interlocutor –, estamos no âmbito da pragmática. A semântica se ocupa do significado das palavras e das sentenças. Como, muitas vezes, é difícil delimitar esses campos, vamos reuni-los no nível semântico-pragmático.” (GÖRSKI; ROST, 2008, p. 73)

substituir o nome próprio.(GÖRSKI; ROST, 2008).

No exemplo 4, a frase é considerada agramatical, já que a palavra "Maria" não está substituindo ou acompanhando um nome de forma adequada. Diferentemente, a palavra "eu", no primeiro exemplo, que possui um significado específico, sendo exclusivamente a primeira pessoa do discurso. Esse significado pode variar dependendo de quem está falando, podendo estar associado a diferentes pessoas, como Maria, João, Pedro, entre outras. Por outro lado, no exemplo 3, a palavra "vários" possui um significado definido, que é "diversos". Nesse caso, ela não apresenta um significado vazio, mas sim um significado claro e específico, independentemente da frase em que é introduzida. (GÖRSKI; ROST, 2008).

Consequentemente, a análise conceitual acerca dos pronomes feita por Görski e Rost (2018) permite concluir que existem incompatibilidades entre as definições e as palavras abrangidas pelas mesmas. Portanto, “[...] as propriedades de ‘substituir’ ou de ‘acompanhar’ o substantivo não são adequadas para delimitar a classe tradicional dos pronomes.” (GÖRSKI; ROST, 2008, p. 70),

Com base nos estudos de Castilho (2014), é possível observar um processo de reorganização dos pronomes pessoais no português brasileiro, evidenciando mudanças na utilização de "nós" como pronome canônico e "a gente" como pronome inovador. Essas mudanças são percebidas em grande parte na modalidade falada, como apontado por Zilles (2007). Porém, na modalidade escrita, Oliveira (2017) também constatou que o pronome "a gente" prevalece, representando 90,3% dos dados, enquanto "nós" aparece em apenas 9,7% das ocorrências. Isso demonstra a preferência pelo uso do pronome "a gente" na escrita, conforme exemplificado por Ayala (1972 apud OLIVEIRA, 2017, p. 110) na frase: "A gente foge. A coruja está muito ocupada fazendo sua fritada de ovos de cobra verde".

Em Zilles (2007) e Oliveira (2017), foi observado o alto índice de uso de *a gente* no lugar do pronome *nós*, tanto na fala quanto na escrita. Verificamos que estas investigações confirmaram as palavras de Castilho (2014) sobre os pronomes pessoais serem suscetíveis à mudança, assim como é o caso de tu e você no PB.

A sintaxe é compreendida como um conjunto de regras que determina o modo como as palavras podem combinar-se para formar enunciados. De acordo com Luft (2014, p. 27):



Sintaxe é a parte da Gramática que se ocupa da combinação de formas para construir unidades maiores. Em sentido lato, portanto, abrange até a derivação de palavras mediante combinação de afixos. Em sentido restrito, porém, o limite é a palavra, e por “sintaxe” entende-se, tradicionalmente, o estudo das regras que presidem à combinação de palavras para constituir frases. Ou ainda: exposição das regras segundo as quais se constroem as frases, marcando devidamente as relações entre as palavras pela posição destas, por certas partículas, ou pelo ajuste formal.

A sintaxe está relacionada com a parte da gramática que se dedica ao estudo das palavras enquanto constituintes oracionais. Nesse sentido, os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural podem exercer diferentes funções sintáticas de acordo com as relações estabelecidas dentro do enunciado.

Como descrito por Omena (2003), além da identificação da função no contexto frasal, outros fenômenos sintáticos desencadeiam a variação entre *nós* e *a gente*. O aspecto mais favorecedor, segundo o estudo da autora, foi “[...] o princípio do paralelismo, que atua fortemente na seleção das variáveis em estudo” (OMENA, 2003, p.71). Assim, o paralelismo atua na escolha do falante pela primeira forma para referir-se a algo. Geralmente se o falante utilizar a variável *nós* ou *a gente* no início da frase, tornará a usá-la no desenvolvimento do seu enunciado. Como nos exemplos:

(i) Mas nós temos o dinheiro, que nós trabalhamos bastante no início. (ii) Meu marido tinha medo dela ser infeliz, tanto que, com ela com vinte quatro horas de casada, nós fomos lá, né?...A gente, dia sim, dia não, ia na casa dela...porque a gente que é mãe quer sempre o melhor para o filho. (OMENA, 2003, p.70).

Da mesma forma, na escrita, verificamos a variação morfossintática sobre o uso de *nós* e *a gente* na obra “Meu pé de laranja Lima”, de Vasconcelos (1975, p. 77): “Você precisa saber que o coração *da gente* tem que ser muito grande e caber tudo que *a gente* gosta.” Neste caso, a primeira inserção do uso da expressão de *a gente* assume a função sintática de adjunto adnominal e na segunda verificamos um caso de sujeito.

Como vimos até aqui, o objeto de estudo desta dissertação se situa no nível morfossintático, tendo em vista que, conforme será detalhado na seção 5.2, procederemos ao controle da função sintática em que as variantes “*nós*” e “*a gente*” emergem, com foco nas ocorrências em que atuam como sujeito, que é a função

mais frequente nas pesquisas anteriores e na amostra em questão. Além disso, também efetuamos a análise morfossintática das ocorrências em que a flexão das formas verbais concorda com o pronome sujeito "*nós*" e "*a gente*", tanto expressos como marcados na desinência verbal. Na próxima subseção, vamos ver que a variação pronominal para expressão da primeira pessoa do plural pode ser condicionada por diferentes fatores extralinguísticos.

### 2.1.2 A dimensão externa da variação

As variáveis linguísticas podem ser regional (ou geográfica), social (ou diastrática), diamésica (ou decorrente da modalidade oral/escrita) e estilística (ou de registro). A variação geográfica e social pode estar relacionada a forças internas, quer dizer que o indivíduo ao se expressar pode revelar sua origem regional e social, ou seja, pode haver uma combinação de fatores que condicionam as variantes pronominais deste estudo.

A variação geográfica diz respeito às diferenças linguísticas observáveis entre falantes de diferentes regiões, de um mesmo país, como por exemplo, do sul e do nordeste, ou de diferentes países que falam o mesmo idioma como, por exemplo, Brasil e Portugal. O uso de *a gente* no Brasil, conforme diversos estudos, como de Zilles (2007) e de Oliveira (2017), apontam para um crescimento robusto da forma inovadora, enquanto que, em Portugal, segundo as pesquisas de Callou *et al.* (2007), o emprego de *a gente* e de *nós* é de 16% e 84%, respectivamente. Fica evidente que, em Portugal, a escolha pelo uso de *a gente* está em um estágio lento comparado com o Brasil, que é de 56% a preferência pela forma inovadora e 44% pela forma canônica.

A variação social ou diastrática corresponde a aspectos socioeconômicos e culturais da comunidade, ou seja, a variação segundo a estratificação social dos sujeitos de uma comunidade, como a classe social, a idade, o sexo, a escolaridade, a profissão. Assim como a fala pode trazer marcas de regiões distintas também pode espelhar características sociais de um falante. Conforme o estudo de Zilles (2007), os primeiros resultados de uma amostra quantitativa realizada com

informantes do banco de dados do VARSUL mostraram que quanto ao gênero o predomínio de uso de *a gente* é de 62% para homens e 72% para mulheres. A estratificação social referente à idade aponta que os mais jovens (25 a 50 anos) lideram o uso da forma inovadora com 66%, contra 42% dos mais velhos (50 a 70 anos). Na pesquisa de Brustolin (2009), considerando a estratificação dos informantes de escolas de Florianópolis, os números apresentados quanto ao sexo masculino na escrita apontam para 11% e 47% na fala para uso de *a gente*. O gênero feminino mostra um aumento de uso da forma inovadora, na escrita 15% e na fala 82%. A estratificação quanto à escolaridade sinalizou que os usos de *a gente* diminuí com o aumento da escolaridade. Isso demonstra que quanto maior a escolaridade o aluno tende a utilizar mais a forma canônica, segundo Brustolin (2009). Perante o contexto do nosso objeto de pesquisa, acreditamos que serão relevantes a análise dos fatores sociais como: faixa etária, sexo, autor, décadas de publicação e localidade onde as obras foram publicadas.

A variação diamésica está relacionada à fala e à escrita como processo discursivo. Neste tipo de variação, o foco do estudo está na diferença entre língua falada e escrita. Sabemos que, na oralidade, salvo em ocasiões ditas formais as frases tendem a ser mais curtas, com contrações de palavras, entonação, gesticulação, enquanto que, na escrita, há maior monitoramento com frases mais longas, uso da escrita formal da língua, sinais gráficos, etc. Na língua escrita, há um planejamento e, na língua falada, predomina a espontaneidade. Vale salientar que a variação diamésica é um espaço em que a interação se dá via escrita, mas com diversos elementos considerados típicos da fala. O controle do uso de *nós* e *a gente* foi efetuado por Brustolin (2009), o que exemplifica um caso de variação diamésica. Os trechos selecionados de fala e de escrita a seguir são uma amostra da variação no uso das formas pronominais por alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Florianópolis.

#### Amostra oral:

Bom, a minha história é que um dia, quando eu tinha seis anos, é, eu fui passeá na fazenda de uma amiga minha. Era sábado de manhã e a gente saiu de casa. Mais quando a gente chegô lá, eu fiquei muito animada e a gente quis í vê os animais, então a gente foi vê as galinha. Daí quando eu entrei lá dentro meu chinelo ficou entalado, daí a minha amiga, o nome dela é Sofia, ela foi lá tentá tirá meu chinelo, aí eu fiquei tão animada quando eu vi o chinelo na mão dela, qu'eu peguei e larguei a porta e fui pegá meu chinelo e as galinha fugiro. (Informante feminino A, da 8ª série) (BRUSTOLIN, 2009, p. 180).

#### Amostra escrita:

Fomos pra lá esse mês pro aniversário dos meus avós, lá nós dançamos, eu dirigi a moto do meu tio, andamos de cavalo, fizemos quentão resumindo fizemos uma festa de arromba e o mais importante é que a família estava toda unida e felizes. (Informante feminino B, da 8ª série) (BRUSTOLIN, 2009, p. 162).

Em ambos excertos, as informantes narram histórias vivenciadas na modalidade falada e escrita. Brustolin (2009) constatou que o pronome inovador *a gente* teve maior uso na fala enquanto que, na escrita, há uma predominância do pronome canônico *nós*. Nesse caso, Görski e Rost (2008) alertam que a questão do gênero/tipo de texto e do registro (formal ou informal) precisam ser considerados ao se comparar fala e escrita, visto que a influência da modalidade sobre os recursos linguísticos utilizados pode ser mais metodologicamente analisada se compararmos um mesmo gênero/texto e registro nas duas modalidades.

A variação estilística (ou de registro) está associada ao contexto de uso da língua e a escolha mais ou menos monitorada dependendo dos domínios em que se dão as práticas sociais. Por exemplo, aparentemente, os professores utilizam uma linguagem mais monitorada ao dar uma aula do que os alunos, porque o contexto propicia este uso. Já com seus familiares e amigos essas mesmas pessoas tendem a empregar uma linguagem com menor monitoramento. Neste tipo de contexto de sala de aula, suponhamos que, se a modalidade empregada for a escrita, o pronome preferencial a ser empregado pode ser o *nós*, mas se for empregado um diálogo, a tendência de o *a gente* emergir tanto em conversas mais formais quanto em momentos mais descontraídos é maior. Portanto, a variação estilística está relacionada aos diferentes contextos e aos papéis sociais exercidos pelos falantes durante a interação.

Nos resultados da pesquisa de Brustolin (2009), foram constatadas 424 ocorrências de uso do pronome *a gente*, e 1243 ocorrências de uso do pronome *nós*. Segundo a autora, o uso de *a gente* está se concretizando na língua, tanto na escrita quanto na fala, entre os alunos do ensino fundamental das quatro escolas investigadas de Florianópolis. Na apreciação da variação estilística, a forma inovadora é fortemente marcada na modalidade oral, apesar de na escrita os resultados serem bem menores. A autora considera estes dados bastante

expressivos tendo em vista o grau de monitoramento dos estudantes na produção textual.

O valor social das formas variantes está ligado ao uso efetivo da língua pelos falantes, que pode ser reconhecido pela sociedade como “legítima” ou de “estigma”. A fala ou a escrita é avaliada ou julgada segundo o status social dos indivíduos que a empregam, e não pelas características linguísticas em si. É no contexto da avaliação social que se observam as noções labovianas de estereótipo, marcador e indicador. Görski e Coelho (2009) exemplificam que os estereótipos designam termos como *pobrema* ao invés de problema, fumo/fomos e, no caso dos pronomes pessoais, *nóis* para *nós* e *ahente* e *ente* para *a gente*, que tendem a ser alvo de rejeição e preconceito por parte daqueles que dominam as variedades prestigiadas da língua. Os marcadores correspondem a casos como a variação dos pronomes pessoais de segunda pessoa por exemplo tu e você, e os pronomes pessoais de primeira pessoa do singular *nós* e *a gente*; e são de ordem estilística, pois não são marcados com estigma pela comunidade. Os indicadores, por sua vez, correspondem, por exemplo, ao uso da monotongação do ditongo /ey/, como em *pexe/peixe*, *feijão/fejão*, que também não são alvo de preconceito e apresentam uma distribuição regular nos diferentes estratos sociais.

Esse comportamento com relação aos fenômenos linguísticos pode apontar condições favoráveis e desfavoráveis à mudança linguística: “são favoráveis quando a forma inovadora é prestigiada pela sociedade e desfavoráveis quando a forma inovadora é estigmatizada, por exemplo.” (COELHO *et al.*, 2015, p. 93).

Um exemplo extraído de Coelho *et al.* (2015, p. 64) são as ocorrências “Depois *a gente* saímos do shopping e fomos no parque de diversões.” e “*Nós* tava andando de Bike”. As duas construções manifestam o mesmo fenômeno da concordância variável entre verbo e sujeito e são menos aceitáveis para muitos falantes do Sul do Brasil que as associam a certos grupos de falantes - especialmente os pertencentes a camadas como baixa renda e/ou pouca escolaridade. Porém, em outras regiões do país, essas mesmas construções podem não sofrer a mesma avaliação.

### 3 A REFERÊNCIA À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Nesta seção apresentamos um panorama sobre o tratamento das formas de referência à primeira pessoa do plural a partir de um levantamento realizado em gramáticas normativas (LUFT, 2002; ROCHA LIMA, 2011; BECHARA, 2007, 2006; CUNHA, 2008), isto é, segundo a perspectiva da norma normativa (FARACO; ZILLES, 2017), e em gramáticas descritivas (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014; PERINI, 2010; BAGNO, 2012), ou seja, conforme a abordagem da norma normal (FARACO; ZILLES, 2017). Observamos, na análise do fenômeno em cada tipo de gramática, os critérios (formal, semântico ou funcional) adotados. Por fim, resumizamos alguns estudos sobre as variantes pronominais *nós* e *a gente*, especialmente os que analisaram amostras escritas (ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016; OLIVEIRA, 2017; CALDEIRA, 2019) no PB.

Verificaremos, na sequência, como as gramáticas normativas tratam das formas pronominais para alternância da primeira pessoa do plural no PB, bem como os critérios (formais, semânticos ou funcionais) adotados na análise desse fenômeno em cada tipo de gramática analisada.

#### 3.1 A PERSPECTIVA DA NORMA NORMATIVA

Com o objetivo de investigar o tratamento dado à referência da primeira pessoa do plural, consultamos cinco gramáticas normativas: a *Moderna gramática brasileira*, de Luft (2002); a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2011); a *Moderna Gramática Portuguesa e a Gramática escolar da língua portuguesa*, de Bechara (2006, 2007); e a *Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha (2008).

Luft (2002) apresenta somente a forma *nós* como uma das formas para referência direta à primeira pessoa do plural no conjunto dos pronomes pessoais retos, mas não cita o uso da variante *a gente* para expressão da primeira pessoa do plural. Luft (2002, p. 154, grifo nosso) faz a seguinte classificação:

Pronomes retos (servem de sujeito ou de predicativo deste):

1ª pessoa: eu; nós.

2ª pessoa direta: tu; vós.

2ª pessoa indireta: você; vocês; vossa senhoria, etc.

3ª pessoa: ele, ela; eles, elas.

O autor destaca o aspecto sintático dos pronomes ao mencionar que servem de sujeito ou de predicativo deste. Todavia, nem mesmo em nota de rodapé ou nas observações o autor menciona na sua listagem a forma inovadora.

Da mesma forma, Rocha Lima (2011, p. 156, grifo nosso) também não inclui o pronome *a gente* na descrição dos pronomes pessoais, corroborando com essa percepção. No capítulo 9, intitulado Pronome, conceitua e classifica os pronomes, na sequência apresenta os pronomes pessoais da seguinte forma: a primeira pessoa, aquela que fala chama-se *eu*, com o plural *nós*; a segunda *tu*, que é a com quem se fala, com o plural *vós*; a terceira, que é a pessoa ou coisa de que se fala, é *ele* ou *ela*, com os plurais respectivos *eles* ou *elas*. Rocha Lima (2011) destaca o aspecto semântico das formas pronominais.

Também Bechara (2007, p. 164, grifo nosso) ignora a forma *a gente* em seu quadro de distribuição dos pronomes pessoais retos: 1ª pessoa eu, 2ª pessoa tu, 3ª pessoa ele/ela do singular; e 1ª pessoa nós, 2ª pessoa vós, 3ª pessoa eles/elas do plural. Porém, nesta obra, a forma *a gente* aparece em uma observação com fonte reduzida em que descreve que “[...] o uso do substantivo gente precedido de artigo a e em referência a um grupo de pessoas que se inclui na fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa” (BECHARA, 2007, p. 166). O autor ainda destaca que, em ambos os casos, o verbo deverá ficar na 3ª pessoa do singular.

Igualmente é o que ocorre em Bechara (2006, p. 136). O autor menciona o termo *a gente* na seção de pronomes de tratamento, não no quadro de pronomes pessoais, mas num campo de observação e exemplifica com a seguinte frase: “É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as suas birras”. Conforme exposto por Bechara (2006), a variante *a gente* não é usada em situações formais, nas quais, segundo ele, deve-se usar o pronome *nós*. Constata-se assim que o autor associa o pronome inovador ao grau de monitoramento estilístico da situação comunicativa.

De acordo com Cunha (2008), a primeira pessoa do plural é representada apenas pelo pronome *nós*. Porém, em sua seção sobre Formas de Tratamento, o autor também descreve o uso coloquial da expressão *a gente* como uma forma alternativa de substituir os pronomes "*nós*" e "*eu*". Nesse caso, a conjugação verbal deve ser feita na terceira pessoa do singular. Cunha (2008) exemplifica: "*A gente ia abaixando em silêncio, a gente ouvia, respeitava-os*". Nota-se que o autor considera que o uso dessa variante é mais adequado em contextos de baixo monitoramento estilístico da situação comunicativa.

Em síntese, constatamos, a partir da análise das gramáticas normativas, a descrição de um quadro pronominal que não corresponde à língua falada nem escrita do PB, conforme veremos no levantamento efetuado em gramáticas descritivas e em estudos linguísticos mais recentes sobre essa alternância na fala e na escrita nas duas subseções a seguir. Os critérios adotados pelos gramáticos normativos recobrem parcialmente a descrição da referência à primeira pessoa do plural em uso no quadro pronominal, justamente pela omissão da variante inovadora.

Verificaremos, na sequência, como as gramáticas descritivas tratam das formas pronominais para alternância da primeira pessoa do plural no PB, bem como os critérios (formais, semânticos ou funcionais) adotados na análise desse fenômeno em cada tipo de gramática analisada.

### 3.2 A ABORDAGEM DA NORMA NORMAL

Com o objetivo de investigar o tratamento dado à referência da primeira pessoa do plural, consultamos quatro gramáticas descritivas: a *Gramática de usos do português*, de Neves (2011); a *Nova gramática do Português Brasileiro*, de Castilho (2014); a *Gramática do Português Brasileiro*, de Perini (2010); e a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Bagno (2012).

Neves (2011) descreve, na seção dos pronomes pessoais, as formas *você* e *vocês* como pronomes de segunda pessoa do singular ao lado de *tu* e no plural ao lado de *vós*, contudo não contempla a forma *a gente* como variante de *nós* na referência à primeira pessoa do plural. Vejamos:



Quadro 1 - Distribuição dos pronomes retos segundo Neves (2011)

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	eu	<i>nós</i>
2ª pessoa	tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Fonte: Neves (2011, p. 450, grifo nosso)

Ao final da exposição sobre os pronomes pessoais, a autora comenta a respeito da forma *a gente*: “Na linguagem coloquial o sintagma nominal *A GENTE* é empregado como um pronome pessoal” (NEVES, 2011, p. 469). Assim, a autora explicita que essa variante é usada apenas na linguagem coloquial, mas exemplifica a diferença no uso dessa forma, em a), para referência à primeira pessoal do plural e, em b), para referência genérica, incluindo todas as pessoas do discurso, conforme a seguir:

a) É. Vamos... Mais adiante, *A GENTE* toma um táxi e manda rumar para Marrocos. (A)  
Depois *A GENTE* conversa. (AGO)  
Que tal *A GENTE* se encontrar lá na Beira Mar? (AGO)

b) Dizem que a *A GENTE* se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade. (A)  
Nessas horas *A GENTE* não pensa em nada, perde a cabeça. (AFA)  
Sorte é como topada, que *A GENTE* dá sem querer. (AM) (NEVES, 2011, p.469)

Conforme exposto, constata-se que Neves (2011) ressalta o componente semântico do pronome inovador ao observar dois diferentes contextos de usos dessa forma: (i) pronome pessoal e (ii) referência genérica. Além disso, destaca a variação estilística no uso das formas a depender da situação comunicativa, o que também é descrito por Castilho (2014). O autor descreve a forma inovadora *a gente* como concorrente da forma cânone *nós*, nos mesmos contextos de uso. Segundo o autor, a variedade brasileira atual apresenta o seguinte quadro de pronomes pessoais retos baseado nos dados coletados pelos inquéritos do projeto Norma Urbana Culta (NURC):

Quadro 2 - Distribuição dos pronomes retos, segundo Castilho (2014)

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	eu	me, mim, comigo	eu, a gente	eu, me, mim, Prep +eu, mim
2ª pessoa sg.	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora	você/ocê/tu	você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)
3ª pessoa sg.	ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	ele/ei, ela	ele, ela, lhe, Prep + ele, ela
<b>1ª pessoa pl.</b>	<b>nós</b>	<b>nos, conosco</b>	<b>a gente</b>	<b>a gente, Prep + a gente</b>
2ª pessoa sg.	vós, os senhores, as senhoras	vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras	vocês/ocês/cê s	vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês
3ª pessoa sg.	eles, elas	os/as, lhes, se, si, consigo	eles/eis, elas	eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas

Fonte: Castilho (2014, p. 477, grifos nossos).

Comenta Castilho (2014, p. 478) que o pronome *nós* tem sido substituído pelo sintagma nominal *a gente*, conforme exemplos a seguir:

- a) *A gente não está sabendo bem como sair desta;*
- b) *Nós rimos muito ontem à noite, e aí a gente começamos a se entender;*
- c) *Nós tem uma sinuquinha lá que nós fizemos, a gente não se fala legal.*

Na frase a), o verbo "estar" está conjugado na terceira pessoa do singular ("está"), em concordância com o sujeito "*a gente*". Na frase (b), é perceptível que a concordância verbal, quando utilizada com "*a gente*", é feita de acordo com a variante *nós*, o que é considerado altamente estigmatizado pelos falantes cultos do português brasileiro, mesmo em situações informais. Em (c), ocorre uma situação semelhante de estigma em relação à concordância verbal da forma *ter* com o pronome *nós*. Conforme Caldeira (2019, p. 50), no que se refere ao julgamento que se faz dos falantes, através da língua, percebe-se avaliações ligadas a fatores sociais. Logo, a avaliação social das variantes pronominal está intimamente ligada

ao perfil sociocultural dos personagens, e o estigma está na concordância verbal e não na variação propriamente dita, conforme verificamos no exemplo extraído de Caldeira (2019, p. 78): “*Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha – uma Oração que rezava assim: Nós vai brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – Vamos. (EPG/19, dona Sintaxe, p. 97)*”. Nota-se que o personagem Dona Sintaxe corrige outro personagem atestando o estigma na concordância verbal.

Castilho (2014), apesar de basear o Quadro 2 em dados do NURC e contemplar a variante *a gente*, considera esta forma de expressão da referência da primeira pessoa do plural apenas no registro informal especialmente na modalidade oral.

Em Perini (2010, p. 115), na descrição dos pronomes pessoais, especificamente no capítulo 9, o autor lista os seguintes pronomes: *eu, você, tu, ele (ela), nós, vocês, eles (elas)*, além de *se*. Na sequência, explica que existem outras formas pronominais, como é o caso de *vós*, usada em certos contextos religiosos; de *vossa Excelência*, usado para nominar altas autoridades; de *o senhor/a senhora*, usado no contexto com pessoas que se tem um distanciamento respeitoso; e de *a gente*, usado informalmente entre pessoas com grau de intimidade. Segundo o autor, podem ser considerados “pronomes pessoais” no sentido de se referirem ao interlocutor, mas, na gramática, não diferem dos sintagmas nominais.

Bagno (2012) descreve no Quadro 3, a seguir, o pronome *a gente* como variante do pronome *nós* para referência à primeira pessoa do plural.

Quadro 3 - Expressão da 1ª pessoa do discurso, segundo Bagno (2012, p 743)

INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
SUJEITO		OBJETO DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEMENTO OBLÍQUO	
sing	plural	sing	plural	singular	plural	sing.	plur.	singular	plural
EU ME MIM	<b>NÓS A GENTE</b>	ME EU	<b>NOS NÓS</b>	ME A MIM PARA MIM PARA EU	<b>NOS A NÓS PARA NÓS À GENTE PARA A GENTE</b>	ME	<b>NOS SE</b>	MIM (COMIG O) EU	<b>NÓS (CONOSCO) A GENTE</b>

Fonte: Bagno (2012, p. 743, grifos nossos)

O autor ainda ressalta que, na posição de sujeito do PB contemporâneo, a preferência é pela forma *a gente*, principalmente por jovens, o que tem se tornado cada vez mais comum. Bagno (2012, p. 743) critica as escolas e os livros didáticos que, ao referirem-se ao uso de *nós* em situações de mais monitoramento e *a gente* em situações de menor monitoramento, conferem status de prescrição e não de descrição ao fenômeno. Segundo o autor, os brasileiros já passaram a usar a forma *a gente* mesmo em contextos mais monitorados, ocorrendo assim mudança nas variedades urbanas de prestígio que passam a comportar a ascensão de uma nova classe média. Conforme Bagno (2012), as variedades urbanas de prestígio também costumam conjugar formas verbais de primeira pessoa do plural para fazer referência a *a gente* na posição de sujeito, como no exemplo retirado do NURC:

[...] e então **nós ficávamos** jogando... aí que eu aprendi a jogar buraco... e **a gente gostou** tanto que **ficava** todo o dia jogando... lembro que **nós passamos** no hotel ... mas **a gente não jogava** a dinheiro nada... só assim na brincadeira... **então passamos** tinha umas velhas uma senhoras de mais idade e **nos viram**... sempre jogando...quando **nós passamos** elas disseram assim “essas viciadas” ((risos)) como se **a gente jogasse** ah... muito...(BAGNO, 2012, p. 744, grifo do autor).

Em síntese, após a análise de algumas gramáticas descritivas, vimos que os autores incluem a forma *a gente* como variante da forma *nós* para referência à primeira pessoa do plural no quadro de pronomes pessoais. Embora as gramáticas descritivas incluam *a gente* nesse quadro, exceto Perini (2010), associam seu uso

ao registro informal do PB. Todavia, Bagno (2012) alerta para o uso dessa forma também em situações de registro formal, isto é, de mais monitoramento. Os autores diferenciam ainda os significados (referência genérica e referência à primeira pessoa do plural) das formas pronominais e ressaltam as diversas funções sintáticas das variantes.

### 3.3 NAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Nesta seção, apresentamos uma revisão na literatura de referência acerca de estudos, sob a ótica da TVM, que pesquisaram o uso de *nós* e *a gente* especialmente na modalidade escrita (ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016; OLIVEIRA, 2017; CALDEIRA, 2019; MONGUILHOTT *et al.*, 2021), a fim de corroborar com a análise da nossa amostra investigada. Com a intenção de identificar tendências comuns, mas sem qualquer ambição de estabelecer comparação, as pesquisas, a seguir, são apresentadas por ordem cronológica e são exibidas, sempre que possível, segundo autor(es), tema, objetivo(s), metodologia e resultado(s).

O foco principal de análise dos estudos de Zilles (2007), Brustolin (2009), Oliveira (2017) e Caldeira (2019) é a variação entre os pronomes P4. Todavia, também incluímos, na revisão a seguir, uma investigação sobre a variação da marcação da concordância de P4, que foi objeto de Silvano (2016). A pesquisa de Monguilhott *et al.* (2021), por sua vez, conciliou a observação desses dois fenômenos diretamente relacionados: a alternância entre os pronomes para referência a P4 e a respectiva marcação de concordância.

Por fim, cabe a ressalva de que todas as pesquisas investigaram gêneros textuais distintos: Brustolin (2009) e Silvano (2016) – relato de experiência; Oliveira (2017) e Caldeira (2019) – obras da literatura infantojuvenil; e Monguilhott *et al.* (2021) – cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Görski (2020) chama a atenção para o uso de obras literárias como corpus base de análises variacionistas, presentes em diferentes fenômenos, em sincronias diversas, organizado em características similares constitui um corpus unitário de escrita, que corresponde o tempo representativo de cada época, então, tratadas como fatores constituintes de uma

variável independente, tais como os gêneros textuais/discursivos (romances, peças teatrais, editoriais jornalísticos, etc.). Ainda que se mostre como um procedimento metodológico propício e adequado, tende a esconder traços de especificidades estilísticas importantes para a descrição fenomenológica da dinâmica funcional dos fenômenos linguísticos no que tange à variação/mudança.

### 3.3.1 Zilles (2007)

A compilação de resultados de pesquisas sobre a referência à primeira pessoa do plural é objeto da revisão de Zilles (2007)<sup>18</sup>. Porém, para não desviar o foco de nossa investigação, passamos a detalhar os resultados dos estudos sobre dados de escrita.

Após a revisão dos quatro estudos, Zilles (2007, p. 38) sugere que o procedimento para aprofundar a avaliação social no uso do pronome inovador é observar o julgamento das pessoas sobre o seu uso, ou, outra forma menos explorada, é observar o seu uso na escrita, o que mais nos interessa nesta pesquisa, visto que o nosso objeto de estudo investiga a referência à primeira pessoa do plural numa amostra de obras da literatura infantojuvenil catarinense. Para a autora, a avaliação social de uso de *a gente* no caso de uma mudança em andamento no uso da forma inovadora envolve questões como: Em que contextos? Que gêneros textuais? Para que leitores? Com que finalidade? As respostas a essas questões é o que vislumbramos chegar com nosso estudo.

Zilles (2007), cita Schmitz (2006, p. 44), cujo estudo revela que a forma inovadora encontra restrições de uso na escrita, especialmente a formal, como por exemplo em requerimentos, teses, dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, entre outros. Ao passo que, em textos literários e jornalísticos, Schmitz (2006) observou que ocorrem mais manifestações de *a gente*. Em textos formais, como os citados, espera-se um registro mais padronizado e canônico,

---

<sup>18</sup> Primeiramente, a autora expõe resultados de quatro estudos sobre a avaliação social do uso do pronome inovador a partir de dados de fala. O primeiro investigou uma amostra estratificada (idade, gênero e escolaridade) de informantes do Varsul de Porto Alegre; o segundo pesquisou uma amostra com informantes universitários; o terceiro analisou uma amostra realizada em quatro localidades diferentes (dentre elas, duas bilíngues) do Rio Grande do Sul; e o quarto desenvolveu uma pesquisa com base em uma amostra comparativa entre capitais e cidades do interior do Brasil. (ZILLES, 2007)

enquanto que, em textos literários e jornalísticos, pode haver mais espaço para a informalidade. No entanto, a escolha do registro linguístico pode depender do contexto e do objetivo comunicativo do texto em questão.

Ainda a respeito de textos literários, Zilles (2007) comenta acerca do uso da forma inovadora em obras da literatura infantojuvenil, como em Tchou, de Bojunga (2001): “*Sozinha como? e eu? e o Donatelo? a gente tá sempre junto, não tá?*” A forma *a gente* aparece como pronome pessoal pleno (eu+tu). Em outras obras da literatura infantil, *a gente* surge em textos que dão voz às crianças e em diálogos dirigidos a elas, como em Drummond de Andrade (1989, p. 35), na fala da professora se dirigindo à classe: “*Muito bem. Será uma espécie de plebiscito. A palavra é complicada, mas a coisa é simples. Cada um dá sua opinião, a gente soma as opiniões, e a maioria é que decide*”.

Por fim, Zilles (2007) destaca que *a gente* é abordado em alguns dicionários, como o Dicionário Eletrônico Houaiss (2001), que registra as duas variantes como equivalentes; aparece sob o rótulo de locuções (pessoa que fala=eu/pessoa que fala em nome de si e de outros=*nós*).

Conclui Zilles (2007), baseada em Schmitz (2006), que houve preponderância da forma canônica na escrita formal, mas incremento da forma inovadora na escrita de textos literários e jornalísticos. Com estes apontamentos, concordamos com os autores que a difusão da mudança na escrita requer atenção para as práticas sociais ligadas aos gêneros textuais, como é o caso do objeto de investigação de nossa pesquisa, em que selecionamos variados gêneros da literatura infantojuvenil catarinense, conforme se verá na subseção 4.2.

### 3.3.2 Brustolin (2009)

Brustolin (2009) investigou a variação de *nós* e *a gente* na escrita<sup>19</sup> de estudantes do Ensino Fundamental de quatro escolas de Florianópolis. A amostra de estudantes foi estratificada em sexo (masculino e feminino), faixa etária (de 10 a 19

---

<sup>19</sup> A autora também analisou 85 narrativas orais de estudantes de uma das quatro escolas investigadas. Foram localizadas 250/383 (65%) ocorrências do pronome *a gente* e 133/383 (35%) ocorrências do pronome *nós* na fala desse grupo de alunos. Para mais detalhes sobre os resultados referentes à análise de dados de fala, consulte Brustolin (2009).

anos), ano/série (6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental) e tipo de escola (1, 2, 3 e 4). O *corpus* investigado foi constituído por 393 produções textuais de narrações de experiências pessoais dos alunos.

Tratamos, na sequência, dos quatro fatores linguísticos controlados por Brustolin (2009) e selecionados como significativos em ordem de relevância foram: marca morfêmica do verbo; preenchimento do sujeito; paralelismo formal; e saliência fônica; e dos dois fatores extralinguísticos selecionados como significativos em ordem de relevância foram: sexo e série. Também foi controlada a variável social tipo de escola, que não se mostrou relevante no estudo.

Os resultados gerais de Brustolin (2009) apontam 1284 dados das variantes na escrita dos estudantes, dentre eles 174/1284 (14%) representam o uso da forma inovadora e 1110/1284 (86%) retratam o uso da forma canônica. Segundo a autora, por trás dessa variação, há implicações linguísticas e extralinguísticas a serem observadas, que são detalhadas na sequência.

Quando analisados os resultados das variáveis linguísticas individualmente, Brustolin (2009) constatou que o pronome *a gente* ocorre em 83% das ocorrências relativas ao uso da marca morfêmica zero e em 17% com a marca morfêmica *-mos*. O pronome *nós* ocorre em 98% das ocorrências relativas ao uso da marca morfêmica *-mos* e apenas em 2% com a marca morfêmica zero. Neste caso, a autora conclui que, além de, nos registros de escrita, permanecerem elevados os índices para uso da forma *nós*, a combinação entre o pronome *a gente* com a marca morfêmica zero e o pronome *nós* com a marca morfêmica *-mos* e se dá de forma majoritária nos resultados. Portanto, os resultados da autora atestam que o comportamento geral dos estudantes é pelo uso da forma pronominal de P4 com as respectivas marcas da concordância da norma culta.

Conforme Brustolin (2009), os resultados do grupo preenchimento do sujeito revelaram uma discrepância, visto que a variante inovadora predominou quando o sujeito é preenchido (97%) ao contrário de quando o sujeito é nulo (3%). Já a variante canônica apresentou proporções diferentes, ou seja, utiliza-se mais o sujeito nulo (65%) e apenas 35% de sujeito preenchido na escrita dos estudantes.

A próxima variável linguística analisada por Brustolin (2009) consistiu no registro das ocorrências das formas de P4 em relação ao paralelismo formal (sujeito-sujeito). Os resultados de sua análise demonstram que as formas de



paralelismo *a gente/nós...ø*<sup>20</sup> (83%) e *a gente...a gente* (49%) são mais recorrentes nos dados da modalidade escrita. Neste caso, segundo a autora, dada a circunstância preterível pela variante *a gente*, o informante seleciona a forma e volta a repeti-la na mesma sequência do discurso.

O último fator linguístico controlado por Brustolin (2009) foi a saliência fônica. Os resultados da análise da pesquisadora apontam que o pronome *nós* é mais elevado tanto nos graus mais altos (87%) quanto nos graus mais baixos (81%) de saliência na escrita dos estudantes, ao passo que os percentuais de *a gente* apresentaram menor elevação (19%) nessa modalidade.

Quando analisados os resultados das variáveis extralinguísticas individualmente, Brustolin (2009) constatou que o sexo feminino apresenta 15% de ocorrências da forma *a gente* e 85% da forma *nós*; já o sexo masculino representou 11% do uso da forma inovadora e 89% do uso da forma canônica. De acordo com a autora, os percentuais apresentados entre os sexos feminino e masculino ainda foram baixos para uso da forma *a gente* perante a forma *nós* na modalidade escrita, contudo, é ainda um percentual elevado se for considerado o quão a forma canônica é induzida pelos livros didáticos e pelo ensino escolar tradicional baseado, na maioria das vezes, em gramáticas normativas. A autora conclui que são os primeiros indícios de que a variação já está bem marcada nos registros textuais.

Por fim, a última variável social observada por Brustolin (2009) foi a série do informante. Os resultados apontam que o emprego da forma *a gente* ainda é pequeno na escrita, porém, o 6º ano foi a série que apresentou maior ocorrência de uso da forma inovadora (21%), trazendo para os registros escritos a bagagem linguística do seu convívio social. Nas demais séries, o percentual cai quase pela metade em comparação ao 6º ano: para 12% no 7º ano, 13% no 8º ano e 10% no 9º ano.

Conforme os resultados de Brustolin (2009), *nós* e *a gente* estão em variação na escrita de estudantes do 6º ao 9º ano de Florianópolis. A forma canônica permanece com a maior frequência de ocorrência nessa modalidade, porém *a gente* está aos poucos se efetivando na língua escrita.

---

<sup>20</sup> O símbolo ø aqui significa que, na sentença seguinte, os estudantes não empregaram nenhuma forma pronominal, isto é, o sujeito foi nulo.

### 3.3.3 Silvano (2016)

Silvano (2016) observou a concordância verbal da primeira pessoa do plural de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Florianópolis, considerando duas amostras sincrônicas: a primeira amostra constituída por textos escritos (gênero relato de experiência pessoal) de duas turmas do 6º ano e de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, por questionários sociais aplicados aos alunos das turmas investigadas e por questionários sociais aplicados aos professores de Língua Portuguesa das turmas investigadas; e a segunda amostra foi composta por uma atividade adaptada de avaliação/correção de um texto produzido por um aluno do 9º ano do Ensino Fundamental.

Vamos nos deter apenas na apresentação dos resultados da amostra 1 a seguir.

Os fatores linguísticos controlados por Silvano (2016) foram: forma verbal; realização do sujeito/posição do sujeito; vogal temática; posição do acento; saliência fônica; conjugação do verbo; estrutura verbal. Os fatores extralinguísticos controlados foram: escolaridade dos alunos; sexo; escolas.

Os resultados de Silvano (2016) indicaram o total de 1113 dados de pronomes de primeira pessoa do plural, associados às desinências –mos, -mo e zero. Foram localizados 872 dados com o sujeito pronominal *nós*, 145 dados com o sujeito nominal SN + eu e 96 dados com o sujeito pronominal *a gente*.

As rodadas estatísticas, segundo a autora, foram realizadas em separado: na primeira, considerando apenas o sujeito *nós*, somente a variável social sexo foi selecionada significativa; na segunda rodada, considerando apenas o sujeito SN + eu, somente a variável linguística forma verbal foi mais significativa; e, na terceira rodada, considerando somente o sujeito *a gente*, nenhuma variável linguística nem social foi selecionada como condicionadora da concordância verbal, em virtude da pouca quantidade de dados.

Em relação aos resultados gerais acerca da concordância verbal de primeira pessoa do plural com os sujeitos *nós*, SN + eu e *a gente*, Silvano (2016) observou que, dos 872 dados de *nós*, 852 (97,7%) apresentaram concordância padrão com a desinência –mos, a concordância com a desinência preenchida –mo só ocorreu em 8 dados (0,9%) e a realização da não concordância do pronome *nós* com o zero se

deu em 12 dados de *nós* (1,4%). Com o pronome *a gente*, a autora verificou a concordância padrão com a desinência zero em 91 dos 96 dados (94,8%), a desinência –mos ligada ao *a gente* só apareceu em apenas 5 dados (5,2%) e não houve nenhum caso de concordância de *a gente* com a desinência –mo.

Conforme os resultados de Silvano (2016), há uso quase categórico dos sujeitos *nós*, SN + eu e *a gente* com a sua respectiva desinência padrão –mos, -mo e zero. Esse comportamento revela, segundo a autora, a predileção pelas formas consideradas canônicas na escrita, tendo em vista o monitoramento que a modalidade suscita e o incentivo do ambiente escolar pelo uso das variedades linguísticas mais formais e consideradas privilegiadas na sociedade.

### 3.3.4 Oliveira (2017)

Oliveira (2017) procura investigar o caminho de entrada do pronome pessoal inovador *a gente* na língua escrita, neste caso, a partir de uma amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha. A autora também pretende mostrar se houve crescimento do pronome de primeira pessoa do plural *a gente* na função de sujeito, nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX na literatura infantojuvenil do Rio Grande do Sul.

O corpus de análise foi constituído por 21 obras<sup>21</sup> de 10 autores dedicados ao público infantojuvenil: Charles Kiefer, Cláudio Levitan, Diana Noronha, Jane Tutikian, Luís Dill, Lígia Bojunga Nunes, Marcelo Carneiro da Cunha, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli e Walmir Ayala.

As variáveis linguísticas controladas por Oliveira (2017) foram selecionadas por ordem de relevância: tipo de referência, tipo de discurso, tipo de narrador e paralelismo formal. As variáveis extralinguísticas selecionadas<sup>22</sup>, por sua vez, foram: faixa etária do personagem, classe social do personagem e profissão dos personagens.

---

<sup>21</sup> Para conhecer as obras selecionadas para esta pesquisa, consulte Oliveira (2017, p. 47-48).

<sup>22</sup> Oliveira (2017) controlou outros condicionadores extralinguísticos, porém não se mostraram significativamente relevantes: autores das obras, gênero dos personagens e décadas de publicação das obras.

A principal hipótese de Oliveira (2017) era que o uso de *a gente* se projetasse numa curva ascendente no decorrer das três décadas investigadas. Os resultados, de modo geral, apontaram que o pronome pessoal inovador está presente em todas as obras da literatura infantojuvenil analisadas, mas ambos (canônico e inovador) estão em competição na amostra, visto que a diferença entre eles é de somente 6%, ou seja, a forma *nós* (pleno e nulo) ocorreu em 53% das ocorrências das obras analisadas e a forma *a gente* (pleno e nulo) em 47% dessas ocorrências. Contudo, separando os resultados por década, a autora verificou que o pronome *a gente* predomina nos três períodos de tempo com percentuais próximos ou acima dos 90%. Logo, Oliveira (2017) constata que os autores da literatura infantojuvenil analisados estão impulsionando o uso da forma inovadora para referência à primeira pessoa do plural na escrita de narrativas ficcionais.

Ao considerar apenas as ocorrências de pronomes pessoais plenos, a distribuição percentual é ainda mais impressionante, segundo Oliveira (2017): 1029 (90,3%) dados de uso de *a gente* e apenas 110 (9,7%) dados de *nós*. Esse resultado, conforme a autora, revela o incremento no uso do pronome *a gente* em relação ao emprego do pronome *nós* nas obras da literatura infantojuvenil gaúcha. Ao fazer a mesma análise das ocorrências de pronomes nulos, a autora verificou que o uso do pronome pessoal *a gente* nulo é bastante raro (apenas 112 dados = 8,6%) se comparado ao emprego muito superior do pronome pessoal *nós* nulo (1193 = 91,4%) .

Por fim, conforme Oliveira (2017), os estudos sociolinguísticos voltados para a variação em questão revelam que a gramaticalização do pronome pessoal *a gente* encontra-se em um estágio muito avançado e, como tal, não é alvo de estigma, nem de preconceito de nenhuma ordem nas obras de literatura infantojuvenil estudadas. Como veremos na próxima subseção, Caldeira (2019) alerta que o estigma está associado à concordância verbal e não à variação pronominal para referência à primeira pessoa do plural.

### 3.3.5 Caldeira (2019)

Caldeira (2019) investigou o paradigma pronominal do PB, especialmente a expressão variável de P4, mediante o uso alternado dos pronomes *nós* e *a gente*, com atenção especial para a forma inovadora. Também objetivou refletir sobre a variação/mudança focalizando o uso inovador de *a gente* como P4 no sistema pronominal e discutir implicações disso para o ensino de gramática, contribuindo para uma “pedagogia da variação”.

Sobre os procedimentos metodológicos, o corpus de análise foi constituído por duas obras do escritor pré-modernista Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* (RN) e *Emília no País da Gramática* (EPG) dos anos de 1931 e 1934 respectivamente. Diante do exposto, Caldeira (2019) considera importante tomar a análise das obras de Monteiro Lobato a partir da fala dos personagens, pois podem ser representações muito próximas de uma situação comunicativa real e vinculada a um contexto.

Os grupos de fatores linguísticos controlados por Caldeira (2019) foram: formas, função sintática, referência (apenas para o pronome *a gente*) e paralelismo de formas no enunciado. Os grupos de fatores extralinguísticos foram: personagem e obra.

Quanto ao procedimento de análise, Caldeira (2019) levantou ocorrências de *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e *a gente* (nominal e pronominal), além de dados de pronome oblíquo átono (nos), pronome oblíquo tônico (conosco) e possessivo (nosso), para evidenciar o comportamento do paradigma pronominal de P4.

Caldeira (2019) justifica que, em razão da baixa quantidade de dados de P4 para uma análise quantitativa nos moldes da sociolinguística variacionista laboviana, na sua pesquisa apresentou apenas os resultados relativos a frequências e percentuais.

Os resultados do mapeamento acerca do uso de *nós* e *a gente* nas falas dos personagens revelaram que as formas pronominais de P4 são coexistentes, mesmo sobressaindo-se o uso do *a gente* pronominal. Em outras palavras, segundo Caldeira (2019), *a gente* nominal é mais frequente que *a gente* pronominal e que, apesar da maior ocorrência de *nós* em relação *a gente* para referir a P4, o uso deste

último foi consideravelmente significativo, tendo em vista a época (em meados da década de 1930) em que os livros foram escritos. O autor também verificou que não há variação no uso das referidas formas num mesmo enunciado apesar de serem empregadas alternativamente pelos mesmos personagens. O contexto em que mais se observou variação pronominal foi na função sintática de sujeito e na fala dos próprios personagens: Narizinho (em RN) e Emília (em EPG). Caldeira (2019) também concluiu que não há condicionadores claros que propiciam mais ou menos o uso de *nós* e *a gente* nas duas obras, pois as ocorrências variam em diversas situações e personagens.

Caldeira (2019) constatou ainda a inexistência de estigma associado especialmente à forma inovadora porque foi usado por vários personagens independentes de suas características socioculturais. Em especial, na obra RN, a personagem negra, não escolarizada e empregada da família, a Tia Nastácia é quem faz mais uso de *a gente*, o que poderia ser uma hipótese de estigma e preconceito. No entanto, essa hipótese perde força ao observar em EPG, o personagem que mais usa *a gente* em lugar de *nós* é o rinoceronte, tido como gramático sabichão.

Por fim, chamou a atenção de Caldeira (2019) o fato de que, na análise de RN e EPG, já em meados da década de 1930, Monteiro Lobato procurava trazer em sua obra reflexões sobre a variação e a mudança linguística, e o uso variável de *a gente* como pronome de P4 – constatação que, segundo Caldeira (2019), é de grande importância para se pensar o ensino de gramática em sala de aula.

### **3.3.6 Monguilhott et al. (2021)**

Monguilhott et al. (2021) investigaram o comportamento diacrônico da variação na expressão da primeira pessoa do plural (*nós* ~ *a gente*) e a marcação explícita da concordância verbal de primeira pessoa do plural (*nós* gostamos ~ nó(i)s gostaØ; *a gente* vaiØ ~ *a gente* vamos) em uma amostra de 157 cartas pessoais dos séculos XIX e XX, que compõem o corpus do projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC). Para isso, revisaram os estudos sincrônicos de Brustolin (2009) e de Silvano (2016) sobre a expressão da primeira

pessoa do plural e sobre a marcação explícita da concordância verbal de primeira pessoa do plural em amostras da modalidade escrita e da modalidade oral catarinense.

Os resultados dessa primeira etapa da análise de Monguilhott *et al.* (2021) já foram apresentados por nós em separado nas subseções precedentes, por isso não vamos retomar aqui. Vejamos, assim, primeiramente, os resultados relativos à variação na expressão da primeira pessoa do plural na amostra de cartas pessoais empreendidos pelas autoras.

Apesar da baixa ocorrência de dados (142 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas – plenas – e não explícitas – desinenciais ou nulas), Monguilhott *et al.* (2021) constataram o predomínio da forma *nós* sobre a forma *a gente* independentemente do século, sendo que a forma inovadora *a gente* surge apenas na escrita do século XX.

Na sequência, Monguilhott *et al.* (2021) efetuaram uma comparação entre os seus resultados e os das pesquisas feitas por Brustolin (2009) e Silvano (2016) para verificar as possíveis aproximações e distâncias entre a frequência de uso relativas a cada uma das formas pronominais de P4 e à marcação da concordância verbal de P4.

Embora as análises tenham abrangido diferentes gêneros textuais em três amostras investigadas, com épocas distintas, informantes e remetentes de diferentes perfis sociais, e com um número desigual de dados, as autoras identificaram uma diferença significativa no uso dos pronomes *nós* e *a gente* dependendo da modalidade oral ou escrita. Em especial na modalidade escrita, ao longo dos séculos, Monguilhott *et al.* (2021, p. 163) verificaram um crescimento no uso da forma inovadora: “de 0% no século XIX para 5,8% no século XX, entre 8,6% (SILVANO, 2016) e 14% (BRUSTOLIN, 2009), respectivamente, no século XXI.” As autoras comentam que, embora os estudos anteriores tenham percebido um aumento no uso da forma inovadora na fala, não observaram índices elevados desse uso na escrita por elas analisada.

Quanto aos resultados relativos à variação na marcação da concordância verbal de P4, Monguilhott *et al.* (2021) verificaram, segundo estudos tanto em amostras sincrônicas (SILVANO, 2016) quanto em amostras diacrônicas, o emprego predominante de *a gente* + marca morfêmica Ø, o que Brustolin (2009) definiu como um fenômeno de “hipercorreção”. Silvano (2016), por sua vez, atestou que os dados

de *a gente* apresentaram um percentual bem maior de concordância com  $\emptyset$  (94,8%) do que com -mos (5,2%), o que não corresponde ao que Brustolin (2009) encontrou em seus dados de escrita. Com relação ao pronome *nós*, Silvano (2016) também encontrou altos índices percentuais de concordância padrão, nesse caso com -mos (97,7%), e baixos índices com -mo (0,9%) e com  $\emptyset$  (1,4%).

Após a compilação de estudos baseados em amostras de escrita, resumimos os estudos anteriores no Quadro 4, a seguir, descrevendo seus objetivos, a quantidade de dados do corpus, os fatores linguísticos e sociais que atuam como condicionadores das formas em variação e os principais resultados das pesquisas aqui sumarizadas.



Quadro 4 - Estudos anteriores de *nós* e *a gente* que investigaram amostras escritas.

Autor(a)	Objetivos	Corpus	Fatores linguísticos	Fatores extralinguísticos	Principais resultados
ZILLES (2007) cita Schmitz (2006)	Sintetizar os principais resultados de pesquisas acerca da gramaticalização de <i>a gente</i> .		-		Foram identificados alguns gêneros nos quais a variante inovadora não é observada, como em documentos oficiais - requerimento, declaração, ofícios, textos jurídicos, entre outros. Porém, o uso de <i>a gente</i> ocorre em gêneros literários e em textos publicitários.
BRUSTOLIN (2009)	Descrever e analisar a variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na	393 produções escritas de alunos do ensino fundamental de	Marca morfêmica do verbo que o acompanha	Sexo, faixa etária, ano/série (5a, 6a, 7a e 8a)	Foi constatado o uso efetivo da forma inovadora na escrita dos

	escrita de alunos do ensino fundamental. Local: quatro escolas de Florianópolis-SC.	quatro escolas de Florianópolis	(zero e -emos), sujeito preenchido e nulo, paralelismo formal, saliência fônica	e tipo de escola dos informantes	estudantes. Os resultados gerais apontam 174/1284 (14%) ocorrências de <i>a gente</i> e 1110/1284 (86%) de <i>nós</i> na escrita.
SILVANO (2016)	Descrever e analisar fatores (linguísticos e sociais) que condicionam os usos de concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de estudantes de Florianópolis-SC.	Textos escritos (gênero relato de experiência pessoal), questionários sociais	forma verbal; realização do sujeito/posição do sujeito; vogal temática; posição do acento; saliência fônica; conjugação do verbo; estrutura verbal	escolaridade (6º e 9º ano do ensino fundamental), sexo e escolas	Foram levantados 1113 dados de sujeito, dentre os quais 872 dados com o sujeito pronominal <i>nós</i> , 145 dados com o sujeito nominal SN + eu e 96 dados com o sujeito pronominal <i>a gente</i> .
OLIVEIRA (2017)	Esclarecer o caminho de entrada do pronome inovador <i>a gente</i> na língua escrita,	21 obras da literatura infantojuvenil gaúcha de 10 autores	Tipo de referência, tipo de discurso, tipo de narrador e paralelismo formal.	Faixa etária, classe social, profissão e gênero dos personagens, autores e	Foi constatado o uso do pronome <i>a gente</i> pleno (1029 = 90%) versus <i>nós</i> pleno (110 = 10%) em

	por meio da literatura infantojuvenil gaúcha.			décadas de publicação (1970, 1980 e 1990)	21 obras de literatura infantojuvenil gaúcha.
CALDEIRA (2019)	Investigar o paradigma pronominal do PB, contemplando a expressão variável da primeira pessoa do plural mediante o uso alternado dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , especialmente na forma inovadora.	Obras RN e EPG de Monteiro Lobato	Forma, função sintática, referência (apenas para o pronome <i>a gente</i> ) e paralelismo de formas no enunciado	personagem e obra	Foi evidenciado que <i>a gente</i> nominal é mais frequente que <i>a gente</i> pronominal e que <i>nós</i> é mais frequente que <i>a gente</i> para referir a P4 nas duas obras de Monteiro Lobato.
Monguilhott <i>et al.</i> (2021)	Investigar o comportamento diacrônico da variação na expressão da primeira pessoa do plural ( <i>nós</i> ~ <i>a gente</i> ) e a marcação explícita da concordância	157 cartas pessoais dos séculos XIX e XX	marca morfêmica (morfema zero – <i>a gente vai</i> ∅); preenchimento do sujeito (sujeito preenchido – <i>a gente fala</i> ); fala/escrita (o pronome <i>a gente</i>		Foi observado o predomínio da forma <i>nós</i> sobre a forma <i>a gente</i> independentemente do século, sendo que a forma inovadora <i>a gente</i> surge apenas na escrita do século

	<p>verbal de primeira pessoa do plural (<i>nós</i> gostamos ~ <i>nó(i)s</i> gostaØ; <i>a gente</i> vaiØ ~ <i>a gente</i> vamos) em uma amostra de cartas pessoais dos séculos XIX e XX, que compõem o corpus do projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC).</p>				<p>XX, apesar da baixa ocorrência de dados (142 ocorrências das formas pronominais <i>nós</i> e <i>a gente</i> explícitas – plenas – e não explícitas – desinenciais ou nulas), Foi verificado ainda o emprego predominante de concordância padrão na amostra investigada.</p>
--	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2023).

### 3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, mostramos que existe no PB, em especial no português escrito, mais de uma forma para referenciar a primeira pessoa do plural. Apresentamos essa temática no contexto das gramáticas normativas e descritivas e vimos que as primeiras não descrevem de forma adequada a alternância entre as formas *nós* e *a gente* na língua falada e escrita do PB, conforme evidenciado em estudos linguísticos recentes. As gramáticas descritivas, por sua vez, incluem a forma *a gente* como uma variante da forma *nós* para expressão da primeira pessoa do plural, mas geralmente associam seu uso ao registro informal. No entanto, há evidências de que essa forma também é utilizada em situações formais.

Por essa razão, nos dedicamos ao estudo do uso da forma inovadora *a gente*, em contraste com o uso da norma canônica *nós*, a partir de seis pesquisas linguísticas: a gramaticalização de *a gente* no PB (ZILLES, 2007); o uso de *nós* e *a gente* em textos escritos por alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis (BRUSTOLIN, 2009); a concordância verbal de primeira pessoa do plural em textos escritos por alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis (SILVANO, 2016); a variação de *nós* e *a gente* numa amostra de literatura infantojuvenil gaúcha (OLIVEIRA, 2017); o uso de *a gente* pelos personagens presentes em algumas obras de Monteiro Lobato (CALDEIRA, 2019); a variação *nós* e *a gente* em Santa Catarina: do presente para o passado (MONGUILHOTT *et al.*, 2021). Por fim, propomos um quadro ilustrativo com a síntese dos resultados dos trabalhos anteriores, situando e fundamentando a importância da nossa proposta de pesquisa, bem como sua relevância e atualidade.

Em resumo, os resultados das pesquisas mostraram que a variante inovadora *a gente* não é observada em certos gêneros, como documentos oficiais, textos jurídicos e requerimentos, mas é utilizada em gêneros literários e publicitários. O uso efetivo dessa forma inovadora foi constatado na escrita dos estudantes, representando aproximadamente 14% das ocorrências, enquanto a forma *nós* corresponde a cerca de 86%. O levantamento de dados sobre o sujeito mostrou que *nós* é mais frequente, seguido por *a gente* e pelo sujeito nominal "SN + eu". Em obras de literatura infantojuvenil gaúcha, o pronome *a gente* foi utilizado em 90% das ocorrências em comparação com *nós* em 10%, resultado diferente do observado

em obras de Monteiro Lobato. Nessa amostra, a forma *nós* é predominante em relação ao *a gente* para se referir à primeira pessoa do plural. A forma *nós* prevalece em relação a *a gente* em diferentes séculos, embora a forma inovadora tenha surgido apenas no século XX, com uma baixa ocorrência de dados. A concordância padrão com as formas de P4 foi predominantemente empregada na amostra investigada.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, para realizar a investigação das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural na escrita de obras da literatura infantojuvenil catarinense, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo quali-quantitativo. Primeiramente, fazemos a descrição do corpus e da amostra<sup>23</sup> de onde as ocorrências das formas variantes foram extraídas. Na sequência, elencamos os critérios para levantamento e delimitação do nosso objeto de pesquisa. As seções seguintes tratam dos procedimentos de coleta, tratamento e análise dos dados.

### 4.1 CORPUS: LITERATURA INFANTOJUVENIL

Nesta subseção, antes de apresentarmos os critérios de seleção das obras, é oportuno realizar uma breve revisão histórica sobre a literatura infantil e juvenil, bem como fornecer informações sobre o corpus e a amostra adotados nesta pesquisa. Iniciamos com o contexto histórico e social brasileiro da literatura infantojuvenil até as tendências e os autores contemporâneos. Na sequência, focamos nossa revisão no escopo do nosso trabalho, a literatura infantojuvenil catarinense, expondo os principais autores e suas respectivas obras. Por fim, apresentamos a justificativa para a escolha específica deste corpus e, em seguida, detalhamos os critérios utilizados na seleção das obras de literatura infantojuvenil de Santa Catarina que compõem a nossa amostra.

---

<sup>23</sup> Nesta dissertação, usamos o termo *corpus* para nos referir ao conjunto de obras de literatura infantojuvenil de onde a amostra de 16 obras escritas foi extraída. Em resumo, o *corpus* é o conjunto completo de dados linguísticos disponíveis, enquanto a amostra é uma seleção específica e representativa desse *corpus* utilizado para análise e estudos.

#### 4.1.1 Literatura Infantil no Brasil - o passado e o presente

O desabrochar da literatura infantil nacional foi inspirado na literatura infantil europeia. Segundo Lajolo e Zilberman (1999), a literatura europeia teve seu início com a publicação dos *Contos da Mamãe Gança* (1967), de Charles Perrault. No Brasil, a literatura infantil só veio a surgir no final do século XIX, apesar da implantação da Imprensa Régia em 1808, e a publicação de traduções de livros destinados ao público infantil. Alberto Figueiredo Pimentel foi um dos primeiros autores a fazer adaptações dos contos europeus no Brasil. Figueiredo Pimentel traduziu os contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como *Contos da carochinha*, *Histórias da avozinha*, *Histórias da baratinha*, nos anos de 1894 e 1931. No entanto, estas publicações eram escassas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira. (CADEMARTORI, 2010).

Segundo Cademartori (2010), o primeiro registro oficial da literatura infantil brasileira se deu somente em 1920, a partir da publicação da obra *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, que é considerado o pai da literatura infantil no Brasil por desenvolver em sua obra características típicas brasileiras para o público infantil. *O sítio do Picapau Amarelo*, cenário de suas histórias, é um exemplo que integra costumes do campo e lendas folclóricas brasileiras, além de destacar a cultura nacional.

Para Cademartori (2010), os livros de Monteiro Lobato antecipam uma realidade que supera os preconceitos históricos e a moralidade tradicional, muito presente nas obras infantis europeias, valorizando a inteligência, a esperteza e a liberdade dos personagens.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. (CADEMARTORI, 2010, p. 54).

Outros escritores contemporâneos a Lobato se dedicaram à literatura infantil, como é o caso de Menotti Del Picchia<sup>24</sup>, José Lins do Rego, Viriato Correa, Érico

---

<sup>24</sup> Além de sua contribuição para a literatura adulta, Menotti Del Picchia também se destacou na literatura infantil, escrevendo histórias e contos voltados para o público jovem. Seus livros abordavam



Veríssimo, dentre outros, no entanto sem seguir a linha lobatiana, preferindo tender à exemplaridade e aos valores morais.

A literatura infantil, depois de Lobato, abarca um período de adormecimento em razão, dentre outros fatores, da repressão do regime de 1964, ressurgindo somente nos anos 70 do século XX, devido ao investimento no ensino básico e ao resgate do livro enquanto instrumento indispensável para o desenvolvimento das crianças. Devido a isso, o governo brasileiro tratou de criar iniciativas de propagação da leitura na escola, tais como a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), várias associações de professores de língua e literatura e a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979), entre outras, que contribuíram para expandir o mercado literário voltado ao público infantil (LAJOLO; ZILBERMAN, 1986).

Segundo Rocha (2016, p.5), a partir de 1970, a literatura infantil é composta por escritores que produziram livros despreocupados com o caráter didático-pedagógico. Utilizam uma linguagem inovadora em um tom coloquial, com a presença de gírias, dialetos e falares regionais em suas obras.

Com todas estas instituições de incentivo à leitura, o mercado nacional de editoras e livrarias desenvolveu um amplo comércio literário, atraindo grandes autores da literatura nacional, como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho entre outros, a voltarem o olhar às crianças, seguindo a trilha lobatiana por novos caminhos, que contemplem as temáticas da crítica social, o humor, o suspense e a aventura.

Além disso, a literatura tem sido enriquecida pelo grande investimento no campo visual da obra, assim a sua leitura deve considerar aspectos da linguagem verbal e não-verbal.

Em outras palavras, as obras contemporâneas têm um caráter híbrido e a análise discursiva compreende efeitos de sentidos complexos, porque reúne ao mesmo tempo o caráter literário, estético, artístico, cultural e comunicativo.

Conforme as palavras de Frantz (2001), a literatura dos últimos tempos possui novas tendências. Uma delas é o conto de fadas atualizado com características de

---

temáticas como aventuras, fábulas e valores morais, apresentando uma linguagem acessível e cativante para as crianças.

nossa época e a criticidade, ou seja, uma visão mais crítica da realidade, como por exemplo a temática de proteção ao meio ambiente. A tendência humorística e a presença do folclore brasileiro também é muito acentuada na literatura infantil com o intuito de encantar e divertir as crianças. Também a tendência do gênero poético aguça a sensibilidade e a expressão dos sentimentos no pequeno leitor.

Uma contribuição para a Literatura infantil contemporânea foi o PNLD - Plano Nacional do Livro Didático - Literário. As obras literárias passaram a ser distribuídas a partir do ano de 2018 e a sigla do programa passou a ser descrita como Programa Nacional do Livro e do Material Didático. A presença do livro literário na escola brasileira representa um recurso muito importante para a prática da leitura literária, pois possibilita a ampliação do repertório cultural dos estudantes.

#### **4.1.2 A Literatura Infantojuvenil Catarinense**

Em Santa Catarina, vários escritores como Eloí Bocheco, Maria de Lourdes Krieger e Paulo Venturelli vêm se dedicando ao público infantojuvenil, inclusive autores consagrados do público adulto, como Flávio José Cardozo e Alcides Buss.

A despeito da produção existente no estado, a primeira dúvida que surge é quanto à classificação de uma obra como sendo catarinense, considerando que muitos escritores não nasceram em Santa Catarina. Neste sentido, a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina (AEILIJSC) se posiciona que não se podem estabelecer critérios fechados a esse respeito porque muitos escritores que aqui fixaram residência são oriundos de outros estados. Pontua que, para ser literatura catarinense, esta deveria ser a expressão do povo e nosso estado foi construído na multiplicidade de fatores culturais devido ao processo formador de variados povos. O ideal, segundo a AEILIJSC, é denominar Literatura de Santa Catarina, independente do lugar de nascimento dos autores e da valorização dos aspectos de natureza regional, assim Literatura de Santa Catarina é a produção literária feita no estado.

É nessa direção a opinião de Salim Miguel em entrevista a Coutinho (1985) sobre o que, segundo ele, define um escritor catarinense:

Não sei se há algo que especifique um escritor catarinense. Será por acaso o fato de ter nascido em terra catarinense? ou ter se criado e vivido aqui? No primeiro caso, vamos a um exemplo concreto: Deonísio da Silva, nascido em Santa Catarina, mas com toda formação e vivência fora daqui será, dentro de tal configuração, um escritor catarinense, já que sua postura e sua temática raramente se circunscrevem ao estado? Por outro lado, Holdemar Menezes, nascido no Ceará, criado no Rio onde se formou, mas com um tipo de literatura e de temas voltados para a realidade catarinense não será, na verdade, um escritor catarinense? Penso que, basicamente, o necessário é que alguém seja de tudo escritor. Depois vem o depois. E à denominação escritor catarinense, prefiro escritor de Santa Catarina. (COUTINHO, 1985 p.145).

Concordamos com as palavras de Salim Miguel, escritores catarinenses são os que produzem obras em Santa Catarina e não somente os de nascimento neste estado. Portanto, a amostra de obras desta dissertação com temas voltados à realidade e às características catarinenses transfigura-se como literatura de Santa Catarina.

Segundo Sachet (1985), o primeiro livro publicado em terra catarinense foi “Brincando no Olimpo”, de Lausimar Laus, em 1949, que conta a história de um grupo de crianças que foram visitar o Olimpo e lá viveram muitas aventuras. Mas é na década de 70 do século XX que a literatura infantil e juvenil de Santa Catarina começa com grandes nomes como Urda Alice Klueger, Eloí Elisabeth Bocheco, Ana Maria Kovács, Yedda de Castro Bräscher Goulart, Flávio José Cardozo, Maria de Lourdes Krieger, Alcides Buss, Ricardo Hoffmann, Eglê Malheiros, Roberto Gomes, Lausimar Laus, Werner Zotz. Todos publicaram e alguns ainda continuam publicando livros direcionados à literatura infantil e juvenil, inclusive com obras premiadas.

Desde sua alavancada no mercado editorial em 1970, as obras de literatura infanto-juvenil vêm acompanhando as mudanças e a modernização conforme o tempo e o público receptor. E vem ampliando e diversificando suas produções, temáticas, modos de produção e circulação. Um dos fatores importantes nessa disseminação é o papel desempenhado pelas associações de escritores locais em Santa Catarina, a exemplo da ACHE - Associação Chapecoense de Escritores, fundada em 1986, e de outras associações espalhadas pelo estado catarinense. Também a Associação Catarinense de Letras, ao longo dos anos, vem desempenhando um papel importante na organização de escritores, e estímulo à criação literária. Ademais, observamos ainda o crescimento de publicações literárias em Santa Catarina oriundas do esforço e custeio dos próprios autores. Cremos que

tal atitude decorre da falta de interesse do mercado editorial pela publicação de obras de novos escritores. Mas, essa é uma hipótese para uma outra pesquisa, que não cabe aqui aprofundar.

#### **4.1.3 Constituição do corpus: critérios de escolha do corpus e seleção das obras catarinenses**

A escolha deste corpus de obras de literatura infantojuvenil foi motivada pelo intuito de trabalhar com um material produzido em Santa Catarina, que retrate, tanto quanto possível, os padrões da língua portuguesa usada no estado. A preferência pela literatura infantil e juvenil se deu pelo fato de estar permeada em nosso cotidiano e, por assim dizer, de uma ferramenta de trabalho da professora de língua portuguesa e literatura. Além do mais, a valorização e o prestígio pelos escritores locais e que fazem parte da história da literatura catarinense foram fundamentais na escolha deste corpus. Outro motivo, não menos importante para a tomada da decisão, foi o levantamento bibliográfico feito em estudos anteriores a respeito do nosso objeto e análise. Observamos que os estudos sobre a variação das formas de P4 foram pesquisados, em sua maioria, na língua falada e escrita de alunos, sendo somente dois estudos voltados à língua escrita literária, na região Sul do Brasil, como é o caso de Oliveira (2017) e Caldeira (2019). Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2014, p. 93) afirma que as “Obras literárias de boa qualidade nos fornecem subsídios sociolinguísticos, pois os autores, na busca da verossimilhança para seus personagens, esmeram-se nos diálogos e na descrição das características de suas falas.”

Passamos a detalhar e a justificar, a seguir, os critérios adotados para seleção das obras catarinenses analisadas.

Em primeiro lugar, optamos por restringir o espaço geográfico das produções, bem como o ano de publicação das obras. A delimitação do espaço geográfico das produções de literatura infantojuvenil catarinense é um critério válido para um estudo mais específico sobre a produção literária no estado. Ao restringir o escopo geográfico, é possível analisar com mais profundidade as obras e autores que surgiram nessa região e explorar suas particularidades e contribuições para a literatura infantil.

Ao tomar como ponto de partida o ano de publicação da primeira obra de literatura infantojuvenil catarinense, "Brincando no Olimpo", de Lausimar Laus, em 1949, estabelece-se um marco histórico para o estudo da evolução e do desenvolvimento da literatura infantil na região ao longo das décadas seguintes. Essa delimitação temporal permite observar as transformações, tendências e temas abordados na literatura infantojuvenil catarinense ao longo do tempo, bem como identificar os principais autores e obras que surgiram nesse período. Além disso, é possível analisar como a produção literária infantil em Santa Catarina dialoga com o contexto social, cultural e histórico da região.

É importante ressaltar que, ao restringir o estudo a um espaço geográfico específico e a um período de tempo determinado, é possível obter uma visão mais detalhada e aprofundada da literatura infantojuvenil catarinense, suas características e influências, contribuindo para um melhor entendimento e valorização dessa produção local. Assim, analisamos somente livros publicados por autores catarinenses ou por aqueles que produziram obras destinadas ao público infantojuvenil no estado de Santa Catarina.

Em segundo lugar, decidimos fazer o levantamento de obras cujos gêneros literários fossem contos, fábulas, crônicas, romance e novelas destinados ao público infantojuvenil, pois entendemos que, nestes gêneros, poderia haver mais trechos de diálogo em que as variantes pronominais poderiam emergir. Logo, outros gêneros como poesia, lenda, anedota e parábola não foram considerados nesta investigação.

Em terceiro lugar, optamos por selecionar livros originais de primeira edição, uma vez que entendemos que a linguagem empregada seria mais fiel aos propósitos desta pesquisa, já que as edições subsequentes podem conter alterações na linguagem que poderiam influenciar nos resultados.

Cabe o destaque de que o acesso a essas obras literárias para a coleta de dados foi tarefa trabalhosa. Primeiramente, pesquisamos na Internet, a fim de encontrarmos as obras digitalizadas, porém apenas uma foi localizada: O coelhinho do halo azul, de 1959. Outra estratégia adotada foi entrar em contato com alguns escritores de Chapecó, como Anair Weirich, Dinara Tessari, Gina Zanini, Elisiane Nicolau, Jovani Santos e Torres Pereira. Após o contato pessoal, com exceção de Dinara Tessari, que conversamos via WhatsApp, todos de uma forma ou outra contribuíram com informações a respeito das obras. Os autores Jovani Santos e Torres Pereira, inclusive, emprestaram obras de seus acervos pessoais, a fim de

contribuir com a pesquisa. Na sequência, foi feita uma reunião com a coordenadora da biblioteca pública de Chapecó “Neiva Maria Andreatta Costella”, quando apresentamos o objetivo de nossa pesquisa e assim conseguimos o empréstimo de uma grande quantidade de livros para a triagem de dados. O próximo passo foi a visita às livrarias de Chapecó, com o objetivo de encontrar obras das últimas décadas. Outra contribuição foi da professora doutora da Universidade Federal de Santa Catarina, Eliane Debus, especialista em literatura infantojuvenil que nos informou a respeito de grandes nomes da literatura catarinense. Contudo, foi a pesquisa em sites de sebos espalhados por todo o Brasil, que obteve maior resultado em nossa busca. A aquisição dos livros, principalmente por meio de sebos virtuais, revelou-se extremamente vantajosa, pois possibilitou obter exemplares originais de primeira edição. Esse critério desempenha um papel significativo na pesquisa, uma vez que edições posteriores da obra poderiam ter passado por modificações, o que poderia impactar os resultados do estudo.

Feita a justificativa e apresentados os critérios de seleção das obras, cabe o destaque de que essa amostra possibilitará a análise do uso das variantes pronominais para expressão da primeira pessoa do plural por meio de uma sucessiva linha de tempo que inicia com as primeiras publicações de literatura infantil e juvenil em terras catarinenses na década de 1950 até os dias atuais, compreendendo aproximadamente 70 anos de produção literária dedicada ao público infantojuvenil. Com este recorte no aspecto temporal, será possível observar qual o comportamento dos escritores selecionados para esta amostra no que tange ao uso das formas de referência à primeira pessoa do plural e assim identificar se o processo de mudança em andamento na fala também pode ser percebido na escrita, conforme indicado por Schmitz(2006) citado por Zilles (2007), Oliveira (2017), Caldeira (2019) e Monguilhott *et al.* (2021).

#### 4.2 AMOSTRA: OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

No quadro 5, relacionamos as obras selecionadas, bem como detalhamos a autoria, a localidade e o ano de publicação, o gênero e o total de páginas de cada uma delas.

Quadro 5 - Obras da literatura infantojuvenil catarinense analisadas

	TÍTULO	AUTOR(A)	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO	GÊNERO	TOTAL DE PÁGINAS
1	<i>Um grande entendimento</i>	Balbino Martins	Florianópolis	1957	Fábula	18
2	<i>O coelhinho do halo azul.</i>	Adolfo Bernard Schneider	Joinville	1959	Conto	16
3	<i>Balão de cor</i>	Werner Zotz	Indaial	1967	Conto	118
4	A superfície	Ricardo Luiz Hoffmann	Blumenau	1967	Romance	205
5	<i>Barco branco em mar azul</i>	Wener Zotz	Indaial	1978	Conto	55
6	<i>Recordações de um agente secreto</i>	Maria de Lourdes Krieger	Brusque	1979	Romance	118
7	<i>Uma família tão comum</i>	Maria de Lourdes Krieger	Brusque	1983	Crônicas	66
8	<i>Maricota e Cocota</i>	Marta Martins da Silva	Florianópolis	1984	Conto	31
9	O anjo rouco	Paulo Venturelli	Brusque	1994	Novela juvenil	69
10	O menino que descobriu o sol	Roberto Gomes	Blumenau	1995	Conto	22
11	Crônicas de Natal e histórias da minha avó	Urda Klueger	Blumenau	2001	Crônicas	64
12	O presente	Edla Van Steen	Florianópolis	2001	Conto	20
13	A árvore da rua	Dinara	Chapecó	2013	Conto	32

	tagarela	Tessari				
14	Nico e Anita e as aventuras no rio Ariranha	Sérgio T. Lorenzet	Chapecó	2014	Conto	38
15	A lagarta que mudou a minha vida	Adriana Sgarbosa	São José	2020	Fábula	26
16	Quatro contos infantis	Antônio Natálio Vignali	Sombrio	2021	Conto	94
<i>Total</i>						992

**Fonte:** elaborado pela autora (2023)

Decidimos coletar, na medida do possível, no mínimo, duas obras por década, totalizando 16 obras analisadas, a fim de investigar as formas de referência à primeira pessoa do plural empregadas pelos autores de Santa Catarina. Dentre os gêneros literários narrativos das obras infanto juvenis coletadas, houve 9 contos, 2 fábulas, 2 romances, 2 crônicas e 1 novela, totalizando 16 obras, duas por década. Temos consciência, contudo, de que nossa coleta apresenta desequilíbrio no quantitativo e tipos de gêneros narrativos. Esse aspecto será retomado na subseção 6.3.1.

Para esse levantamento, o que nos causou surpresa, em termos de distribuição espacial das obras, foi que conseguimos obras representativas das cidades de Florianópolis, Joinville, Blumenau, Indaial, Brusque, Chapecó, São José e Sombrio, contemplando assim quase todas as seis regiões do estado catarinense, designadas mesorregiões. No Norte Catarinense se destacou o gênero conto, assim como no Vale do Itajaí, no Sul Catarinense, na Grande Florianópolis e no Oeste Catarinense. No entanto, infelizmente não conseguimos nenhuma obra infantojuvenil da região Serrana do estado, pelo fato de a mesma não apresentar o perfil de investigação almejado por nossa pesquisa, qual seja: obra literária infantojuvenil do espaço geográfico catarinense no período almejado (da década de 1950 até os dias atuais), gênero literário conto, fábula, crônica, romance ou novela e originais de primeira edição.

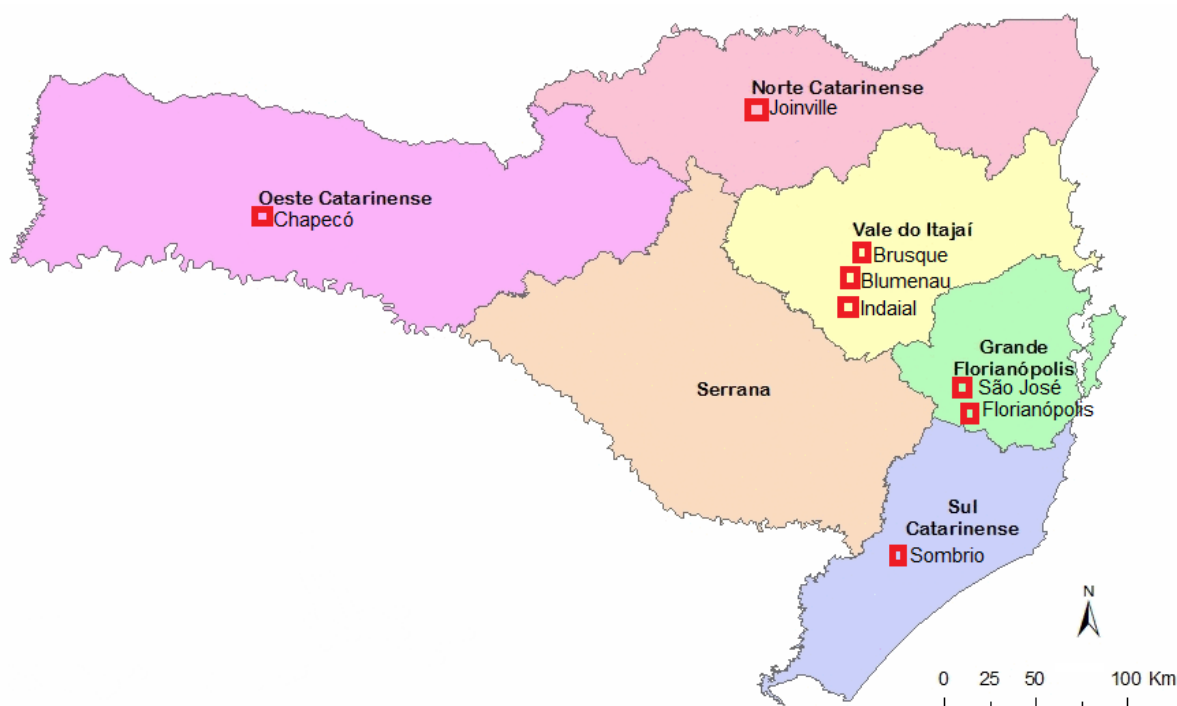
Outro aspecto que merece destaque é que há um certo equilíbrio quanto ao sexo masculino e feminino dos autores selecionados para a constituição do corpus.



Destes, 8 escritores são do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Vale salientar que houve repetição de um autor masculino (ZOTZ, 1967, 1978) e um feminino (KRIEGER, 1979, 1983), respectivamente.

No Apêndice A, trazemos brevemente algumas informações sobre cada uma das obras, a biografia de cada autor, bem como um resumo das obras analisadas.

Figura 1: Mapa das Mesorregiões de Santa Catarina e das localidades de publicação das obras da literatura infantojuvenil



Fonte: Profissionais em SC (Adaptado)

Após a descrição dos critérios de seleção das obras, passamos ao detalhamento da coleta e da transcrição dos dados.

#### 4.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Primeiramente, a coleta dos dados foi feita por meio de leitura atenta das 16 obras de escritores de Santa Catarina, que produziram textos para o público infantil

e juvenil, apresentadas no Quadro 5, para captar os contextos em que as variantes pronominais de P4 ocorreram.

Em seguida, os trechos das obras da literatura infantil catarinense que apresentam ocorrências das variantes pronominais para a referência à primeira pessoa do plural foram transcritos para uma planilha do Microsoft Excel para posterior análise, conforme exemplificamos a seguir:

9. E *nós*, as crianças da Rua Tagarela, sentávamos para comer dividindo as castanhas e os sonhos. (TESSARI, 2013, p.10).

10. *Debochávamos* de quem falasse com sotaque em nosso grupo. Não faltava meninos que aprendiam o alemão em casa para nos servir de vítimas. (HOFFMANN, 1967, p.7)

11. – Vamos, mano, é hoje ou nunca. Já que o barulho tá demorando bastante, *a gente* pode seguir ele e *ver* de onde vem. (GOMES, 1992, p.20)

Além das formas *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e *a gente* (pronominal — expresso ou marcado na desinência verbal), também levantamos dados do pronome oblíquo átono (nos e se) e do pronome oblíquo tônico (conosco)<sup>25</sup>, conforme exemplificamos na subseção 5.5.1.

Cabe destacar, por fim, que identificamos ocorrências na nossa amostra em que outras categorias (pronomes indefinidos e SN + eu/eu + SN) foram observadas na função de sujeito junto à marca morfêmica de P4 (-mos). Essas formas são detalhadas no Quadro 6 a seguir:

---

<sup>25</sup> Alertamos o leitor de que não controlamos o uso de *a gente* (nominal) nem do pronome possessivo *nosso* em nossa amostra. Restam como objeto de revisão de nossa amostra em investigação futura, conforme sugeriremos na seção 6.

Quadro 6: Ocorrências de sujeito preenchido por outros sintagmas nominais junto à marca morfêmica de P4 (-mos)

Ocorrências	Sujeito
A Águia, que era, mesmo, muito "águia", foi a primeira a concordar com o rei: Estou convencida de que Vossa Majestade tem razão. O entendimento poderá transformar a situação em que nos encontramos. O que me assusta é o problema do entendimento. Como poderemos entender-nos com <b>quem</b> temos perseguido tanto?(MARTINS, 1957, p. 8)	quem
Nós gostávamos muito também da Páscoa. Uma semana antes começávamos a preparar os ninhos para o Senhor Coelho. Eu achava graça, porque seu Carlos cria coelhos que nunca vi em ninhos, como galinhas. Mas se na Páscoa os coelhos gostavam de ninhos, e se isso era bom para <i>a gente</i> , então <b>Bia e eu</b> preparávamos quatro, no quintal: para <i>nós</i> , para a mãe e para o pai. (KRIEGER, 1983, p.17)	Bia e eu (SN + eu)
<b>Eu e Daniela</b> resolvemos a questão de Matemática e a de História. Nós estamos estudando a Guerra do Paraguai. Sabem, eu pensei... O quê? não sei... Dá pra <i>gente</i> estudar num livro de História do Paraguai? (KRIEGER, 1983, p. 21)	Eu e Daniela (eu + SN)
E claro que botávamos tanto açúcar colorido na boca quanto no glace fresco, ficando com a língua azul, roxa e verde, e antes de acabar a atividade, <b>todos</b> já tínhamos apanhado de novo...Contos...(KLUEGER, 2001, p. 32)	Todos
Depois do banho, já com roupas limpas, bem passadas a ferro, dávamos um jeito de nos comunicarmos com os primos da vizinhança-doce-de-Natal era uma coisa que se fazia em quase todas as casas no mesmo dia - e todos eles estavam com as língua coloridas, todos tinham apanhado, e <b>todos</b> estávamos felizes. Então ouvíamos as cigarras cantando nas árvores próximas, e sabíamos o quanto aquele dia fora bom! (KLUEGER, 2001, p. 26)	Todos
Porém, o que nos faz agir desta forma? Se somos bons, por que muitas vezes agimos ao contrário, como se fossemos animais selvagens? Essas são as indagações que tenho feito dentro de mim, que me fazem pensar em quem realmente <i>nós</i> somos. Ou melhor: em <b>quem</b> desejamos realmente ser. (SGARBOSA, 2020, p.1 )	quem
É o seguinte: vocês, pequenos, irão pelo lado de lá com sua mãe e então, próximo à canoa, farão com que o caçador se distraia até que <b>dona Traíra e eu</b> possamos nos aproximar pelo lado de cá. O resto vocês irão ver. (VIGNALI, 2021, p.28)	dona Traíra e eu (SN + eu)

Fonte:elaborada pela autora (2023)

As ocorrências exemplificadas, no Quadro 6, foram excluídas da análise quantitativa, restando apenas como mais um indicador qualitativo das formas de referência de P4<sup>26</sup> a ser objeto de investigação futura, conforme sugeriremos na seção 6.

Após a transcrição dos trechos em que as variantes ocorrem na amostra investigada, passamos à codificação dos dados em planilha do Microsoft Excel, considerando *nós* e *a gente* como variável dependente (de referência) e outros grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) como variáveis independentes. A seguir, detalhamos e exemplificamos a variável dependente e as variáveis independentes controladas.

### 4.3.1 Variável dependente e variáveis independentes

#### 4.3.1.1 Variável dependente

A variável dependente desta pesquisa — referência à primeira pessoa do plural — é binária e possui duas variantes: *nós*, forma canônica e mais usada na modalidade escrita (ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016; OLIVEIRA, 2017; CALDEIRA, 2019; MONGUILHOTT *et al.*, 2021), e *a gente*, forma inovadora e mais frequente na modalidade oral (OMENA, 1996; FREITAS, 1991; LOPES, 1998; MENON, 1995; FERNANDES, 1997; BOTASSINI, 1998; SEARA, 2000; ZILLES 2005, 2007; TONIOLI; BARUFFALDI, 2007; MUNIZ, 2008; SOUZA; BOTASSINI, 2009; KIRSTEN 2021).

Para evidenciar o uso das formas de P4 em diferentes funções sintáticas, levantamos todas as ocorrências de *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e *a gente* (pronominal — expresso ou marcado na desinência verbal), além de dados do pronome oblíquo átomo (*nos* e *se*) e do pronome oblíquo tônico (*conosco*), conforme exemplificamos na sequência:

---

<sup>26</sup> Silvano (2016) controlou a concordância verbal de primeira pessoa do plural com os sujeitos SN + eu.

12. Até ai, minha mãe já havia limpado a terra que caíra no chão encerado, e tudo era muito solene, com eles pendurando cuidadosamente as bolas coloridas de forma simétrica pelos galhos do pinheiro, e *nós* a querermos ajudar. (KLUEGER, 2001, p. 28).

13. Paramos quando esgotamos o mapa, eu vencido não pela precariedade do atlas em que *estudávamos*, que meu pai possuía um mais grosso, mas pela boa-fé irreduzível da vítima experimentada. (HOFFMAN, 1967, p.17)

14. Naquele tempo, *a gente* não entendia bem o que era progresso, acreditávamos que devia ser o nome de algum adulto rabugento que não gostava da amizade da Castanheira com as crianças. (TESSARI, 2013, p.27)

15. Estamos realizando um campeonato de peladas, com o pessoal da rua Pedro Werner, que fica do outro lado da cidade, eles são do Paiçandu e vestem as camisas verde-brancas e *nós*, do Carlos Renaux, temos as cores azul-vermelho-branco, que não é por nada não, porém são mais bonitas. Ou tem ainda das meninas *pra gente* se preocupar. (KRIEGER, 1979, p.10)

16. – Então não temos saída. Se ficarmos na água limpa os homens *nos* apanham, se formos para os aguapés, as traíras... (VIGNALI, 2021, p.15).

Nos exemplos apresentados, o uso dos pronomes *nós* e *a gente* pronominais — expressos ou marcados na desinência verbal — são empregados como forma de referir-se ao grupo ao qual o falante pertence. Ambos os pronomes — expressos ou marcados na desinência verbal — são utilizados para indicar a inclusão do falante e de outras pessoas na ação ou na situação mencionada.

Em 12, o pronome "*nós*" é utilizado para indicar que o falante e outras pessoas presentes na cena queriam ajudar a pendurar as bolas coloridas nos galhos do pinheiro. No exemplo "*nós* a querermos ajudar", o sujeito é "*nós*". Ele indica o grupo ao qual o falante pertence e está realizando a ação de querer ajudar. O verbo "querer" está flexionado na forma "querermos" para concordar com o sujeito "*nós*".

Em 13, o pronome "eu" é utilizado para se referir ao falante, enquanto a referência à primeira pessoa do plural está presente na desinência verbal (*estudávamos*). No exemplo "eu vencido não pela precariedade do atlas em que *estudávamos*", não há um sujeito expresso mas ele é marcado na desinência verbal "*estudávamos*", ou seja, é inferido pelo contexto.

Em 14, o pronome "*a gente*" é utilizado para se referir a um grupo de pessoas que, naquela época, não entendia bem o conceito de progresso. O uso desse pronome pessoal confere uma sensação de proximidade na narrativa e se refere a um grupo indeterminado de pessoas, sendo utilizado para se referir a si mesmo e a outras pessoas. No trecho "Naquele tempo, *a gente* não entendia bem o que era progresso", "*a gente*" exerce a função sintática de sujeito da oração. É importante ressaltar que, embora "*a gente*" seja um pronome de primeira pessoa do plural, neste exemplo, ele está conjugado na terceira pessoa do singular.

Em 15, o pronome "*nós*" exerce a função sintática de sujeito da oração e é utilizado para se referir ao grupo ao qual o falante pertence, no caso, as pessoas do Carlos Renaux que estão participando de um campeonato de peladas com o pessoal da rua Pedro Werner. O pronome "*a gente*" também é utilizado para se referir ao mesmo grupo, destacando a ideia de inclusão e pertencimento, mas essa forma pronominal exerce a função sintática de objeto indireto na oração "tem ainda das meninas *pra gente* se preocupar". Nesse contexto, "*a gente*" está recebendo a ação de preocupar-se com as meninas, indicando que é comum ou responsabilidade do grupo representado por "*a gente*" se preocupar com elas.

Em 16, o pronome "nos" é utilizado para se referir ao grupo ao qual o falante pertence, indicando que não há saída para eles se permanecerem na água limpa. Nesse exemplo, exerce a função sintática de objeto direto. Analisando a estrutura da frase, podemos identificar que o verbo "apanhar" possui um complemento direto, que é o pronome "nos". O pronome "nos" indica que a ação de "apanhar" é direcionada a *nós*, ou seja, às pessoas referidas pelo pronome. Nesse contexto, "nos" indica que os homens apanham ou capturam as pessoas mencionadas, sugerindo uma situação de perigo ou ameaça.

Em resumo, os exemplos mostram que as formas pronominais podem ocorrer de forma explícita, quando uma das variantes é mencionada explicitamente na frase, ou de forma implícita, quando uma das variantes está subentendida no contexto, mas não são expressas na oração. Quanto à função sintática, as formas pronominais podem desempenhar diferentes papéis na oração: sujeito, objeto direto e objeto indireto. É importante destacar ainda que a função sintática das formas pronominais de P4 pode variar de acordo com o contexto além de, em algumas situações, a função sintática do pronome pode ser identificada por meio do uso de

pronomes oblíquos átonos, que são específicos para exercerem função sintática de objeto direto e indireto.

#### 4.3.1.2 Variáveis independentes: linguísticas e extralinguísticas

As variáveis independentes controladas nesta pesquisa foram inspiradas nos estudos anteriores a respeito da alternância de *nós* e *a gente* na escrita (ZILLES, 2005, 2007; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016; OLIVEIRA, 2017; CALDEIRA, 2019; Monguilhott *et al.*, 2021). Estão divididas em variáveis linguísticas (função sintática, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, saliência fônica e tipo de referência) e extralinguísticas (gênero literário narrativo, tipo de narrador, faixa etária, sexo dos personagens, autor, localidade e década de publicação). Definimos o controle desses grupos de fatores com base naqueles que foram mais significativos nas pesquisas anteriores sobre a alternância no uso de *nós* e *a gente* na modalidade escrita.

Vamos detalhar cada conjunto de variáveis independentes controladas com exemplos de ocorrências da nossa amostra na seção 5 de descrição e análise dos dados. Também expomos as hipóteses específicas, os resultados e as discussões pertinentes.

#### 4.3.2 Análise dos Dados

A abordagem adotada na pesquisa foi uma análise quali-quantitativa dos dados, utilizando o aplicativo Microsoft Excel para calcular a frequência e percentuais de ocorrência das formas pronominais "*nós*" e "*a gente*" nas 16 obras investigadas. Essa análise permitiu traçar um perfil estatístico do fenômeno em termos de distribuição.

É importante ressaltar que a análise de frequência é apenas uma primeira etapa e não é um instrumento completo de mensuração, especialmente quando múltiplos fatores influenciam a variável em estudo. No entanto, os resultados

percentuais podem fornecer informações importantes sobre a prevalência das formas pronominais nas obras analisadas.

Embora a análise multivariada<sup>27</sup> seja uma técnica estatística valiosa para explorar a relação entre múltiplas variáveis, não foi realizada nesta pesquisa devido à limitação de tempo para a análise dos dados disponíveis. No entanto, as hipóteses e os resultados foram discutidos à luz dos pressupostos da TVM, apresentados na seção 2.1, e foram comparados, quando possível, com os resultados de outros estudos sobre a alternância nas formas pronominais na modalidade escrita, resumidos na seção 3.3.

---

<sup>27</sup> A análise multivariada resta como objeto de revisão de nossa análise em investigação futura, conforme sugeriremos na seção 6.



## 5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, primeiramente, passamos a cumprir nosso primeiro objetivo específico que é levantar as formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural em uma amostra de 16 obras da literatura catarinense, as quais derivam de um agrupamento por década, compreendendo a evolução no uso das formas num período aproximado de 70 anos.

Na sequência, cumprimos nosso segundo objetivo específico que é investigar a atuação de variáveis linguísticas e sociais no uso das formas variantes de P4.

### 5.1 RESULTADOS GERAIS

Inicialmente, conforme nosso primeiro objetivo específico, levantamos todas as ocorrências de *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e de *a gente* (pronominal — expresso ou marcado na desinência verbal), além de dados de pronome oblíquo átono (nos e se) e de pronome oblíquo tônico (conosco) para evidenciar o uso preferencial dessas formas de referência a P4 no conjunto de 16 obras da literatura catarinense.

Na amostra de obras da literatura infantojuvenil em Santa Catarina, abrangendo desde a década de 1950 até a década atual, foram encontradas 501 ocorrências das formas pronominais de primeira pessoa do plural. Dessas, 399 (80%) correspondem à forma canônica "*nós*", incluindo as variantes "nos" e "conosco", enquanto 102 (20%) correspondem à forma inovadora "*a gente*", agrupada com o pronome oblíquo "se".

Esses resultados são consistentes com estudos anteriores de Brustolin (2009), que encontrou que 14% das variantes pronominais de primeira pessoa do plural correspondiam à forma "*a gente*" e 86% à forma "*nós*". Silvano (2016) identificou 872 ocorrências do pronome "*nós*", 145 ocorrências de sujeito nominal "SN + eu" e 96 ocorrências do pronome "*a gente*". Oliveira (2017) localizou 2542 ocorrências das formas pronominais, com uma pequena diferença percentual entre a forma canônica (53%) e a inovadora (47%). Caldeira (2019) observou 118

ocorrências das formas pronominais de primeira pessoa do plural, com um uso menos frequente da variante inovadora em comparação com a forma canônica, e a forma nominal sendo mais comum (55%) do que a forma pronominal (45%). No estudo de Monguilhott et al. (2021), foram encontradas 13 ocorrências do pronome "nós" no século XIX e 129 ocorrências no século XX, enquanto o pronome inovador teve apenas 8 ocorrências neste último período.

Esses resultados destacam a predominância da forma "nós" nas obras investigadas da literatura infantojuvenil, embora a forma "a gente" também tenha sido identificada em um número significativo de ocorrências.

Tendo esse resultado em vista, nossa hipótese, baseada em Zilles (2007), Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017), Caldeira (2019) e Monguilhott *et al.* (2021), de que encontraríamos mais ocorrências da forma canônica em relação à forma inovadora, apesar desta última já apresentar amplo emprego na escrita, foi confirmada.

Os resultados gerais das formas pronominais para referência à P4 estão reunidos na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1- Distribuição das formas pronominais, segundo o preenchimento do sujeito

<b>Pronomes</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
nós (pleno e nulo), nos e conosco	399	80
a gente (pleno e nulo) e se	102	20
<b>Total</b>	<b>501</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Os resultados da Tabela 1 respondem à nossa questão sobre a forma preferencial para referência à P4 e confirmam que a variante canônica seria mais frequente na amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, tal como observado nos estudos de Zilles (2007), Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017), Caldeira (2019), Monguilhott *et al.* (2021), de.

Na sequência, a Tabela 2 apresenta os resultados em separado das ocorrências de *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e dos pronomes

oblíquo átono e tônico (nos e conosco) para evidenciar o uso preferencial das formas de referência a P4.

Tabela 2 - Distribuição de *nós*, *nos* e *conosco*, segundo o preenchimento do sujeito

<b>Pronomes</b>	N	%
nós (nulo)	290	72,6
nós (pleno)	73	18,5
nos	35	8,7
conosco	1	0,2
<b>Total</b>	399	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Os resultados em separado das formas pronominais revelam que as ocorrências de *nós* (nulo/expesso na desinência verbal) é mais alto do que as demais formas pronominais (*nós* pleno/expesso, *nos* pronome oblíquo átono e *conosco* pronome oblíquo tônico) para evidenciar o uso preferencial dessas formas de referência a P4.

Na sequência, a Tabela 3 apresenta os resultados em separado das ocorrências de *a gente* (expesso ou marcado na desinência verbal) e do pronome oblíquos átono (*se*) para evidenciar o uso preferencial das formas de referência a P4.

Tabela 3 - Distribuição das formas *a gente* e *se*, segundo o preenchimento do sujeito

<b>Pronomes</b>	N	%
<i>a gente</i> (pleno)	76	74,5
<i>a gente</i> (nulo)	25	24,5
<i>se</i>	1	1
<b>Total</b>	102	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Os resultados em separado das formas pronominais revelam que o total de ocorrências de *a gente* (pleno/expresso) é mais alto do que o das demais formas pronominais (*a gente* nulo/expresso na desinência verbal e *se* pronome oblíquo átono) para evidenciar o uso preferencial dessas formas de referência a P4.

Analisando as Tabelas 2 e 3, chama nossa atenção que houve maior frequência de ocorrência das formas variantes *nos* (nulo) e *a gente* (pleno) na amostra. Esse comportamento pode ser devido à função sintática desempenhada pelas formas pronominais, o que será objeto de detalhamento nas seções seguintes. Portanto, após a análise inicial e a quantificação dos dados, passamos, nas seções da sequência, a detalhar o comportamento das formas pronominais de P4 segundo cada fator linguístico e extralinguístico controlado.

## 5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis independentes podem ajudar a detalhar ainda mais o comportamento das variantes. Conforme a seção 3.3, identificamos, a partir de um amplo levantamento bibliográfico, várias pesquisas que tratavam da variação das formas pronominais de P4, não só na fala como na escrita. É nos resultados destas últimas que nos embasamos para definir as variáveis de natureza linguística (função sintática, preenchimento do sujeito, tipo de referência (genérica ou primeira pessoa do plural), marca morfêmica, saliência fônica) a serem controladas em nossa pesquisa.

Apresentamos, inicialmente, os resultados relativos ao controle da função sintática em que as variantes emergem e, posteriormente, restringimos o controle das demais variáveis linguísticas, exclusivamente às ocorrências em que *nós* e *a gente* atuam na função sintática de sujeito, em razão de esta ser a função sintática mais frequente em que as formas pronominais ocorrem nas pesquisas anteriores e também, como se verá, na nossa amostra.

## 5.2.1 Função sintática

### 5.2.1.1 Caracterização e hipóteses

A função sintática de uma palavra ou expressão é o papel que ela desempenha dentro de uma oração em relação a outros termos. Conforme nosso levantamento, localizamos *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e *a gente* (pronominal — expresso ou marcado na desinência verbal), além de dados de *nos* e *se* (pronome oblíquo átono) e *conosco* (pronome oblíquo tônico) como formas de referência à P4. Essas formas pronominais podem ocorrer em diferentes funções sintáticas, tais como: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial e predicativo.

Interessa, para nossa análise do comportamento dessa variável linguística, os resultados do estudo de Caldeira (2019)<sup>28</sup>, tendo em vista que o autor controlou diferentes funções sintáticas de *nós* e *a gente* nas duas obras de Monteiro Lobato investigadas. O autor alerta que examinou as formas de expressão de P4 em geral, desempenhando diferentes funções no paradigma pronominal. Todas essas formas recobrem subconjuntos de variáveis linguísticas que assumem diferentes formas, a saber:

*nós* ~ *a gente* na função de sujeito (considerando o pronome *nós* explícito ou apenas a morfologia verbal –mos); *conosco* ~ *com a gente* na função de adjunto adverbial ou de objeto indireto; *nosso* ~ *da gente* na função de adjunto adnominal; *nos* ~ *a gente* ~ *para nós/a gente* na função de objeto direto e indireto. (CALDEIRA, 2019, p. 81)

Em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, controlamos todas as ocorrências em que os pronomes *nós*, *nos* (pronome oblíquo átono), *conosco* (pronome oblíquo tônico), *a gente* e *se* (pronome oblíquo átono) ocorrem em diferentes funções sintáticas, conforme exemplificado a seguir:

#### Sujeito

---

<sup>28</sup> Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Monguilhott et al. (2021) partiram para análise exclusiva da função sintática de sujeito (pleno e nulo).

- (1) [...] Que bem, se *nós* pudéssemos viver em par! (MARTINS, 1957, p.8)
- (2) Por que é que *a gente* tem que escovar os dentes todos os dias, mesmo quando não tem vontade? (SILVA, 1984, p.6)

#### Objeto direto

- (3) Era nossa árvore preferida, ninguém cansava de brincar nos seus galhos que *nos* protegiam do mundo, para *nós*, a enorme Castanheira não era só uma árvore. (TESSARI, 2010, p.15)
- (4) [...] a mãe corria com o jeito lá dela de ajudar. Chamava *a gente*: *Vamos fazer nascerem minhocas*. (KRIEGER, 1979, p.17)

#### Objetivo indireto

- (5) Às vezes, temos dificuldade em falar de *nós* mesmos, Percebemos com muita facilidade os erros alheios. (SGARBOSA, 2020, p.01)
- (6) – Quando quiser brincar *com a gente*, apareça. (ZOTZ, 1960, p.15)

#### Complemento nominal

- (7) Justamente por isso !!! *A gente* conhecia draga e sirene e aquele barulho não tinha nada a ver. Começou a se esboçar entre *nós* muita divisão. (VENTURELLI, 1990, p. 10)
- (8) Mas se na Páscoa os coelhos gostavam de ninhos, e se isso era bom para *a gente*, então Bia e eu preparávamos quatro, no quintal: para *nós*, para a mãe e para o pai. (KRIEGER, 1979, p.17)

#### Adjunto adnominal<sup>29</sup>

- (9) A casa *da gente* virava de pernas para o ar, no dia de fazer doces-de-Natal, com a mãe *da gente* a fazer massas e mais massas [...] (KLUEGER, 2001, p.24)

<sup>29</sup> Não encontramos em nossa amostra nenhuma ocorrência de *nós* na função de adjunto adnominal.

### Adjunto adverbial

- (10) Aquele dia de fazer doces de-Natal era a certeza de que o Natal estava chegando mesmo, de que Papai Noel logo viria, de que a magia chegara definitivamente e estava no ar, acima de *nós*, esperando pela noite de Natal. (KLUEGER, 2001, p.26)
- (11) Ela voou de novo, deu uma volta por cima *da gente* e escutamos o barulho que fez, quando sentou no tombadilho. (ZOTZI, 1978, p.11).

No que diz respeito aos resultados, na obra RN, do total de 11 ocorrências do pronome *nós*, Caldeira (2019) registrou 8 ocorrências na função de sujeito e 1 ou 2 ocorrências nas demais funções, como objeto indireto, adjunto adverbial e complemento nominal. Do total de 29 ocorrências do pronome *a gente*, 24 pertencem à função sujeito, 4 à função de objeto direto e apenas 1 à função de adjunto adnominal. Portanto, as ocorrências mais altas das variantes pronominais de P4, na obra RN, predominam na função de sujeito.

Na obra EPG, do total de 27 ocorrências da variante *nós*, Caldeira (2019) observou que 18 foram registradas na função de sujeito e 9 ocorrências distribuídas entre as funções de objeto indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal e complemento nominal. Do total de 29 ocorrências da variante *a gente*, 22 pertencem à função sujeito, apenas 7 ocorrências relacionadas à função de objeto direto, objeto indireto e adjunto adnominal. Portanto, embora os resultados fossem mais equilibrados entre as variantes, a maior frequência de ocorrência das variantes predomina na função de sujeito também nesta obra.

Portanto, baseada em Caldeira (2019), de modo geral, nossa hipótese é que ambas as variantes devem ocorrer de modo mais frequente na função de sujeito na nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina. Supomos que a variante canônica (*nós* expresso) será preferencial nessa função, mas esperamos encontrar usos também da variante inovadora (*a gente* expresso) nas obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina. De modo específico, nossa expectativa é de localizar os seguintes contextos sintáticos que propiciam a variação entre as formas, segundo Caldeira (2019, p. 91, 101):

- (i) *a gente* alterna com *nós* na função de sujeito;

- (ii) *a gente* alterna com *nos* na função de objeto direto;
- (iii) *a gente* alterna com *nós*, *nos* e *conosco* na função de objeto indireto;
- (iv) *nós* alterna com *conosco* na função de adjunto adverbial;
- (v) *a gente* alterna com *nós* e *nos* na função de adjunto adnominal; e
- (vi) *nós* ocupa exclusivamente a função de complemento nominal.

### 5.2.1.2 Resultados e discussão

A seguir, na Tabela 4, apresentamos a distribuição das formas pronominais de acordo com o comportamento das variantes reunindo os dados de *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e de *a gente* (pronominal — expresso ou marcado na desinência verbal), mas separando as ocorrências de *nos* e *se* (pronome oblíquo átono) e *conosco* (pronome oblíquo tônico) para evidenciar a função sintática preferencial em que essas formas são empregadas.

Tabela 4 - Distribuição das formas pronominais, segundo a variável função sintática

FUNÇÃO SINTÁTICA	a gente	se	nós	nos	conosco	Total geral
	N	N	N	N	N	N/%
Sujeito	79	-	350	-	-	429/86
Objeto direto	7	1	-	29	-	37/7
Objeto indireto	7	-	8	5	1	21/4
Complemento nominal	2	-	5	-	-	7/1,4
Adjunto adnominal	4	-	-	-	-	4/0,8
Adjunto adverbial	2	-	1	-	-	3/0,6
<b>Total parcial</b>	101/501	1/501	364/501	34/501	1/501	501/100
<b>Total geral</b>	102/501		399/501			

Fonte: elaborada pela autora (2023)



Conforme nossa expectativa, de modo geral, a Tabela 4 atesta que *nós* e *a gente* alternam na função sintática de sujeito e o maior número de ocorrências da amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina se deu com essas duas formas desempenhando essa função sintática, com um total de 429 dados (86%). Esses resultados confirmam nossa hipótese inicial, baseada em Caldeira (2019), de que a frequência mais alta das ocorrências de *nós* e *a gente* se dariam na função de sujeito.

Outro aspecto geral a ser destacado diz respeito ao total de formas de *a gente* e de *nós* e a respectiva distribuição nas seis funções sintáticas controladas. A forma inovadora ocorreu nas seis funções, ao passo que a forma canônica ocorreu em quatro apenas, ou seja, observamos restrição no uso de *nós* nas funções de objeto direto e adjunto adnominal.

No caso da não realização da forma *nós* na função sintática de objeto direto, acreditamos que se deve à restrição da escrita formal, que só admite o pronome oblíquo átono (*nos*) correspondente para desempenhar essa função. No caso da restrição de realização da forma *nós* na função sintática de adjunto adnominal, nossa hipótese é porque essa função sintática é desempenhada principalmente por pronomes adjetivos. No exemplo “A casa **da gente** virava de pernas para o ar, no dia de fazer doces-de-Natal, com a mãe *da gente* [...]”(KLUEGER, 2001, p. 24, grifos nossos), “*da gente*” desempenha a função de adjunto adnominal de casa, porém a paráfrase “A casa de *nós*” não nos parece uma possibilidade em PB e talvez seja essa razão da restrição da forma canônica nessa função, exceto se for feita a substituição do pronome canônico pelo possessivo correspondente “A nossa casa”, mas não localizamos nenhuma ocorrência desse tipo em nossa amostra.

De modo específico, verificamos que nossas hipóteses, inspiradas em Caldeira (2019), também se confirmaram nos seguintes contextos:

(ii) *a gente* alterna com *nos* na função de objeto direto, totalizando 36 dados nessa função sintática. Porém, obtivemos mais ocorrências de *nos* ( $29/36 = 78\%$ ) do que de *a gente* ( $7/36 = 19\%$ ) nessa função. O pronome oblíquo átono *se* também apresentou uma ocorrência nessa função sintática.

(iii) *a gente* alterna com *nós*, *nos* e *conosco* na função de objeto indireto, totalizando 21 dados nessa função sintática. Essa expectativa se confirmou, porém

observamos que a frequência de *nos* ( $8/21 = 38\%$ ) e *a gente* ( $7/21 = 33\%$ ) apresenta distribuição equilibrada, diferentemente de *nos* ( $5/21 = 24\%$ ) e *conosco* ( $1/21 = 4,8\%$ ), que também podem desempenhar essa função.

De modo específico, verificamos que nossas hipóteses, baseadas em Caldeira (2019), se confirmaram parcialmente nos seguintes contextos:

(iv) *nós* alterna com *conosco* na função de adjunto adverbial, totalizando 3 dados nessa função sintática. Todavia, a alternância ocorreu entre a forma inovadora (1 dado) e a forma canônica (2 dados).

(v) *a gente* não alterna com *nós* e *nos* na função de adjunto adnominal, pois localizamos 4 dados exclusivos de *a gente* nessa função sintática, ou seja, não foram encontrados dados das variantes *nós* e *nos* na nossa amostra.

(vi) *nós* ocupa exclusivamente a função de complemento nominal, totalizando 7 dados nessa função sintática. Porém, dentre os dados localizados na modalidade escrita, verificamos que correspondem a 5 de *nós* (71%) e a 2 de *a gente* (29%).

Daqui em diante, tendo em vista que o uso das formas *nós* e *a gente* ocorrem em maior número na função sintática de sujeito, nossa análise se restringe às ocorrências das formas de P4 exclusivamente na função de sujeito como bem fizeram Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Monguilhott *et al.* (2021). Assim, contaremos exclusivamente com 429 ocorrências das variantes pronominais *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e *a gente* (pronominal — expresso ou marcado na desinência verbal) como formas de referência à P4 para análise do comportamento das demais variáveis linguísticas controladas (marca morfêmica, preenchimento do sujeito, saliência fônica e tipo de referência). Portanto, as 36 ocorrências de *nos* e *se* (pronome oblíquo átono) e *conosco* (pronome oblíquo tônico) e as 36 ocorrências de *nós* e *a gente* que desempenhavam outras funções sintáticas, foram excluídas da análise daqui para a frente.

Na sequência, tratamos da variável marca morfêmica porque observamos que muitas formas verbais da amostra de obras infanto juvenis não estavam acompanhadas de sujeito pronominal explícito *nós* e *a gente*, mas era possível

recuperar a referência à P4 através das marcas desinenciais das formas verbais. São esses resultados que apresentamos a seguir.

## 5.2.2 Marca morfológica

### 5.2.2.1 Caracterização e hipóteses

A marca morfológica é um “[...] indicativo da flexão das palavras, isto é, das variações por que elas passam para expressar as categorias gramaticais de número, modo e tempo (nos verbos)” (ROCHA LIMA, 2011, p. 243). As desinências -mos/zero presentes nas formas verbais também estão ligadas semanticamente ao pronome sujeito de referência à primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Dentre os estudos já realizados, predomina, entre os falantes da variedade culta, que as formas verbais com a flexão verbal -mos concordam com o pronome sujeito *nós*, ao passo que as formas verbais com a flexão zero concordam com o pronome sujeito *a gente*.

Em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, controlamos todas as ocorrências em que a flexão (-mos/zero) das formas verbais concorda com os pronomes *nós* e *a gente*, ambos expressos ou marcados na desinência verbal, conforme exemplificado a seguir:

- (12) As nossas Relações Públicas-respondeu o Leão- constarão de todas as informações que *nós* pudermos dar ao nosso povo, que é o nosso público, sobre a nossa maneira de pensar, o que desejamos fazer, como *vamos* agir de agora em diante, o quanto é importante e necessária a colaboração de todos, etc.; além disso, *teremos* que saber quais são as dificuldades, as necessidades, as idéias, os desejos e os interesses do nosso grande público. (MARTINS, 1957, p.11)
- (13) Sabem Vocês, que a carestia era muito grande, tão grande como hoje em dia, quando tudo está tão caro, que *a gente* pobre não pode mais comprar quase nada. Pois a vovozinha da menina sempre estava aflita,

a netinha estava crescendo a olhos vistos e tinha fome quase o dia inteiro!..Mas isto Vocês sabem com certeza muito melhor do que eu, como *a gente* sempre tem fome, quando se é pequeno e sempre se gosta de comer!..(SCHNEIDER, 1959, p.10)

Vejamos uma síntese dos resultados constatados pelos estudos anteriores que controlaram a variável marca morfêmica associada ao empregos das formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural:

Brustolin (2009)<sup>30</sup> constatou que o morfema Ø (zero) nas formas verbais ocorreu em 83% dos dados do pronome inovador e a marca morfêmica -mos nas formas verbais se deu em 98% dos dados associados ao pronome canônico. A autora observa que, nos resultados com dados de escrita, existe a predominância do uso do pronome canônico *nós*, porém o pronome inovador *a gente* já está muito presente nessa modalidade.

Silvano (2016) observou que o pronome *nós* foi amplamente seguido pela concordância com a marca morfêmica -mos com 97,7%, e o pronome *a gente* registrou um percentual de 94,8% na concordância com o morfema Ø. Conforme os resultados de Silvano (2016), há uso expressivo, quase categórico, dos sujeitos pronominais *nós*, SN + eu e *a gente* com a sua respectiva desinência padrão. Esse comportamento revela, segundo a autora, a predileção pelas formas consideradas canônicas na escrita, tendo em vista o monitoramento que a modalidade suscita e o incentivo do ambiente escolar pelo uso das variedades mais formais e consideradas privilegiadas pela sociedade.

Oliveira (2017) notou o uso de *a gente* seguido de verbo na forma não marcada para pessoa e número (terceira pessoa) e o emprego do pronome nulo seguido de verbo flexionado com a marca de pessoa e número de P4, expressa pela desinência -mos.

Monguilhott *et al.* (2021, p. 166) constataram que “[...] as combinações de *nós* com verbo em P4 (*nós* queremos) e de *a gente* com verbo em P3 (*a gente* quer) – quando surgem – prevalecem nos dados” de escrita de Santa Catarina do século XX.

---

<sup>30</sup> No trabalho da autora, a marca morfêmica foi o primeiro grupo selecionado como estatisticamente relevante.

Diante dos resultados das pesquisas anteriores, nossa hipótese, de modo geral, é de que ocorra a combinação do pronome com a respectiva flexão verbal. De modo específico, esperamos que a flexão do verbo em -mos esteja associada ao pronome sujeito *nós* e a flexão zero do verbo esteja associada ao pronome sujeito *a gente*. Poucos índices ou nenhum podem também ocorrer entre o pronome *nós* com a flexão verbal  $\emptyset$  e entre o pronome *a gente* com -mos. Portanto, esperamos demonstrar que a concordância das formas verbais com as variáveis pronominais em produções escritas é regida pela variedade culta da língua.

### 5.2.2.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável marca morfológica na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável marca morfológica

MARCA MORFÊMICA	<i>a gente</i>		<i>nós</i>	
	N	%	N	%
morfema -mos	-	-	350	100
morfema zero	79	100	-	-
<b>Total</b>	79	18	350	82

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados identificados na amostra, os resultados da Tabela 5 atestam que, na modalidade escrita, 79 (18%) ocorrências correspondem à forma *a gente* e 350 (82%) à forma *nós*. Considerando os resultados relativos à combinação dessas formas pronominais com suas respectivas desinências (*nós* + -mos e *a gente* + zero), atingindo ambas o máximo do percentual (100%), confirmamos nossa hipótese geral, baseada nos resultados de Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Monguilhott et al. (2021), da combinação do pronome pessoal com a respectiva flexão verbal. Salienta Silvano (2016) que o comportamento dessas variantes segue as exigências da modalidade escrita de um maior monitoramento e

por também serem produzidas em um ambiente escolar. Essa mesma observação pode ser estendida a nossa pesquisa em que se eleva a predileção pela forma canônica, vistos os requisitos investidos pelo público leitor que espera ter acesso a um registro formal da escrita mesmo nas obras de literatura infantojuvenil.

De modo específico, nossa expectativa também foi confirmada, pois observamos mais frequência de uso da forma *nós*, que mantém exclusivamente a possibilidade de concordância verbal com a primeira pessoa do plural (-mos), e baixa frequência da forma *a gente*, que mantém exclusivamente a possibilidade de concordância verbal com a terceira pessoa do singular nas obras da literatura infantojuvenil catarinense. Segundo Zilles (2007), os novos pronomes advindos de sintagmas nominais realizam concordância com a terceira pessoa do singular (você, *a gente*), ou com a terceira pessoa do plural (vocês). Por fim, cabe o destaque de que, conforme nossa expectativa, não identificamos nenhuma ocorrência nas obras investigadas do uso do pronome *nós* com a flexão verbal  $\emptyset$  e do pronome *a gente* com -mos.

Em resumo, os resultados da nossa pesquisa confirmam que as formas verbais concordam com as variáveis pronominais para se referir à primeira pessoa do plural nas produções escritas, de acordo com a norma culta da língua. Essa conclusão é consistente com as pesquisas realizadas por Silvano (2016) e Monguilhott et al. (2021).

### **5.2.3 Preenchimento do sujeito**

#### **5.2.3.1 Caracterização e hipóteses**

Ao longo das últimas décadas, estudos (por exemplo, DUARTE, 1993; DUARTE; MOURÃO; SANTOS, 2012) apontam que o uso do sujeito pronominal tem percorrido uma transição entre o uso da forma nula para o emprego da forma preenchida no português.

Porém, segundo prescrito pela gramática tradicional do português (por exemplo, Cunha, 2007, p. 296),

Os pronomes sujeitos eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa que se refere o predicativo, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa. (CUNHA, 2007, p. 296)

Na contramão da recomendação acima, pesquisas comprovam que esse tipo de ocorrência no PB sofreu alterações e o uso dos sujeitos pronominais expressos como *nós* e *a gente* tendem a ser mais frequentes na fala (DUARTE, 1993). Segundo Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 21), o aumento na frequência de sujeitos pronominais expressos sugere “[...] uma remarcação no valor do parâmetro do sujeito nulo: o PB estaria passando de língua [+ sujeito nulo] para língua [- sujeito nulo].”

Relativizando os resultados em razão da diversidade de gêneros da modalidade escrita analisados pelos estudos anteriores, vejamos três situações encontradas no que diz respeito ao controle da variável preenchimento do sujeito:

(i) sobre o uso de sujeito preenchido e não preenchido: Brustolin (2009) atestou que houve diferença maior entre os resultados relativos ao sujeito preenchido e sujeito nulo quando se emprega o pronome *a gente* do que quando se emprega o pronome *nós*; Oliveira (2017) verificou que o percentual de ocorrências foi de 42% de pronome *a gente* pleno e 4% de pronome *nós* pleno nas obras da literatura infantojuvenil gaúcha.

(ii) sobre o uso de *a gente* preenchido e nulo: Brustolin (2009) verificou que a forma *a gente* apresentou mais ocorrências de sujeito preenchido (97%) em relação às ocorrências de sujeito nulo (3%); Silvano (2016) observou que não houve ocorrência de sujeito nulo com concordância (-mos) ou sem concordância (zero) com sujeito *a gente*; Oliveira (2017) constatou que foram raras as ocorrências do pronome *a gente* nulo (5%) mas quando havia essas ocorrências de *a gente* nulo nas obras da literatura infantojuvenil gaúcha sempre vinham antecedidas pelo uso da forma preenchida; No estudo de Caldeira (2019), o sujeito *a gente*, se nulo, pode tornar a interpretação do referente ambígua, “[...] pois o verbo não marcado quanto a número-pessoa tanto pode remeter a P3 como a P4 (*a gente*) ou ainda a P1, a depender do tempo verbal (Ex.: eu/ele/*a gente* cantava), considerando-se a concordância

padrão.”; e Zilles (2007) alerta que *a gente* se manifesta pela forma preterivelmente preenchida porque sem a marcação pode ocorrer o aparecimento de ambiguidade em algumas orações subordinadas, como o exemplo em: “Naquele tempo você/*a gente* só podia sair quando você/*a gente* terminava o trabalho [...] também seria possível interpretar como naquele tempo você só podia sair quando o trabalho terminava” (ZILLES, 2007, p.31).

(iii) sobre o uso de *nós* preenchido e nulo: Brustolin (2009) verificou que a forma *nós* apresentou menos ocorrências de sujeito preenchido (35%) em relação ao sujeito nulo (65%); Silvano (2016) constatou que houve maior uso de sujeito nulo, com 753 dados dos 872 dados totais de *nós*; Oliveira (2017) constatou que robusta quantidade de pronome *nós* nulo (49%) na análise do percurso de obras literárias entre as décadas de 1970 a 1990. Portanto, um período fortemente marcado pelo uso da forma nula com o pronome canônico; e, no estudo de Caldeira (2019), o percentual com as ocorrências de *nós* explícito foi de 15% e 85% para as ocorrências implícitas (-mos), ou seja, o sujeito *nós*, se nulo, é facilmente recuperado pela desinência -mos, devido à concordância verbal padrão.

Em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, controlamos todas as ocorrências de sujeito preenchido com os pronomes *nós* e *a gente*, bem como todas as ocorrências de sujeito nulo marcado pelas desinências verbais -mos e zero, conforme exemplificado a seguir:

- (14) Eu esperei você se acalmar, filho, para que *nós* não ficássemos gritando, um mais que o outro, até eu perder a paciência e acabar batendo em você. (KRIEGER, 1979, p.12)
- (15) Deixa, depois conversamos sobre isso. Venha, Pedro: ao trabalho! (KRIEGER, 1983, p.19)
- (16) -Não, vô- como era gozado chamar uma pessoa de vô, pensou -, *a gente* estuda gramática, verbos, essas coisas. E Ø faz cópias. (GOMES, 1995, p.12)



Na ocorrência (14), observamos que a função de sujeito é preenchida pela forma pronominal *nós* seguida do verbo flexionado na respectiva desinência de P4; Na ocorrência (15), tem-se a ocorrência do sujeito nulo, que é seguida da desinência verbal -mos. Na ocorrência (16), observamos que a função de sujeito é desempenhada pela forma pronominal "a gente", seguida do verbo flexionado na respectiva desinência de terceira pessoa do singular. Em seguida, na mesma ocorrência, temos a presença de um sujeito nulo, seguido da desinência verbal zero.

De modo geral, baseada nos estudos de Brustolin (2009) e Oliveira (2017), nossa hipótese é que haverá mais ocorrências de sujeito não preenchido do que preenchimento do sujeito pelas formas *nós* e *a gente*.

De modo específico, baseada nos estudos de Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Zilles (2007), nossa expectativa é que a variante inovadora seja favorecida pelo preenchimento do sujeito, ao passo que, conforme Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Caldeira (2019), a variante canônica seja favorecida pelo não preenchimento em razão do aparecimento da desinência número-pessoal -mos.

### 5.2.3.2 Resultados e discussão

Veamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável preenchimento do sujeito na Tabela 6, a seguir:

Tabela 6 - Distribuição de *nós* e *a gente* segundo a variável preenchimento do sujeito

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	<i>a gente</i>		<i>nós</i>		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
sujeito preenchido	54	48	59	52	113	26
sujeito não preenchido	25	8	291	92	316	74

<b>Total</b>	79	18	350	82	429	100
--------------	----	----	-----	----	-----	-----

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados identificados na amostra, os resultados da Tabela 6 atestam que, na modalidade escrita, a frequência mais alta de ocorrência é de sujeito não preenchido com 316/429 (74%) dados em relação ao sujeito preenchido com 113/429 (26%) dados. De modo geral, nossa hipótese, baseada em Brustolin (2009) e Oliveira (2017), foi confirmada, pois encontramos mais ocorrências do não preenchimento do sujeito do que do preenchimento.

De modo específico, nossa expectativa confirmou a inversão nos resultados identificada pelas pesquisas anteriores. Ao considerarmos o total de 79 dados do sujeito com a variante inovadora, observamos 54 (48%) ocorrências de sujeito preenchido em comparação a 25 (8%) ocorrências de sujeito não preenchido, conforme atestado por Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Zilles (2007). Esse resultado revela o dobro de ocorrências de sujeito preenchido por *a gente* em relação ao sujeito não preenchido. Já do total de 350 dados do sujeito com a variante canônica, observamos 291 (92%) ocorrências de sujeito não preenchido em comparação a 59 (52%) ocorrências de sujeito preenchido, confirmando os resultados encontrados por Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Caldeira (2019). Esse resultado revela um resultado quadruplicado de sujeito nulo em relação ao sujeito preenchido por *nós*.

Confrontando os resultados da alternância entre as duas variantes, cabe destacar que, por um lado, a diferença é de apenas 4% entre *nós* e *a gente* nos resultados do sujeito preenchido, por outro lado, a diferença é de 84% entre *nós* e *a gente* nos resultados do sujeito não preenchido.

Em síntese, nossos resultados ficaram próximos aos de Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Zilles (2007) quanto ao preenchimento de sujeito e o uso da forma inovadora. Quanto ao preenchimento de sujeito e o uso da forma canônica, nossos resultados também foram significativamente próximos aos encontrados por Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Caldeira (2019). Quando observamos os dados da forma não preenchida, o pronome *nós* se destaca com o percentual mais elevado, o que também foi verificado por Brustolin (2009), Silvano (2016), Oliveira (2017) e Caldeira (2019). Com os resultados da pesquisa de Caldeira (2019) nossos resultados mais se assemelham, pois encontramos em

nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina 83% de dados de uso da forma *nós* implícito (uso da desinência -mos) enquanto o autor localizou 85%, ou seja, nossos resultados atestam 2% a menos de ocorrências de sujeito nulo *nós*; verificamos 17% de ocorrências de emprego de *nós* explícito, ao passo que o autor encontrou 15%, isto é, nossos resultados revelam uma diferença de 2% a mais de usos de sujeito expresso *nós*. Em outras palavras, se por um lado *nós* nulo diminui, por outro *nós* preenchido aumenta em nossa amostra, atestando a hipótese de Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 21), quanto ao aumento na frequência de sujeitos pronominais expressos, o que sugere “[...] uma remarcação no valor do parâmetro do sujeito nulo: o PB estaria passando de língua [+ sujeito nulo] para língua [- sujeito nulo].”

#### 5.2.4 Saliência fônica

##### 5.2.4.1 Caracterização e hipóteses

A saliência fônica diz respeito a uma “[...] escala ordinal de medição da diferença fônica entre as formas verbais singulares e plurais” (LEMLE; NARO, 1977 apud CHAVES, 2014, p. 526). Em outras palavras, “[...] as formas mais salientes tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes, i.e., as oposições mais salientes, sendo mais perceptíveis, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural”. (MONGUILHOTT, 2009, p. 89).

Assim, ao comparar as formas verbais no singular com as no plural, observa-se que a maior diferença entre elas favorece o uso de *nós* e a menor favorece o uso do pronome *a gente*. “O grau de diferença entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural também condiciona a ocorrência (ou não) de *a gente*” (OMENA, 1998, p.199).

Brustolin (2009) estabeleceu uma escala de saliência fônica das formas verbais a partir das propostas de Omena (1998 [1986]) e Lopes (1998). Vejamos o Quadro 7, a seguir:

Quadro 7: Níveis de saliência fônica

<b>Níveis</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Descrição</b>
Grau 1	falava/falávamos; fosse/fôssemos; ir/irmos; cantar/cantarmos.	Conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência verbal <i>-mos</i> .
Grau 2	fala/ falamos; conversa/conversamos; pôde/pudemos.	Não há coincidência entre a sílaba tônica das duas formas: a vogal temática é acentuada na forma plural, enquanto no singular o acento recai no radical do verbo (formas do presente e alguns casos do pretérito perfeito).
Grau 3	está/estamos; faz/fazemos; vê/vemos.	Engloba os casos dos monossílabos tônicos ou oxítonos no singular, que ao receberem a desinência <i>-mos</i> passam a paroxítonas. Em ambas as formas não se altera a posição da sílaba tônica (tempo presente)
Grau 4	vai/vamos; partiu/ partimos; comeu/comemos; foi/fomos; pediu/pedimos.	Formas em que o ditongo se desfaz com a mudança da desinência para <i>-mos</i> .
Grau 5	falou/falamos; passou/passamos; brincou/brincamos; voltou/voltamos.	Formas que apresentam alomorfa da vogal temática na 3ª pessoa do singular e que recuperam sua vogal temática como o acréscimo da desinência <i>-mos</i> .
Grau 6	é/somos; veio/viemos; teve/tivemos.	Diferenças fonológicas acentuadas entre o singular e o plural.

Fonte: Brustolin (2009, p.153)

Conforme o quadro 7, à medida que o grau aumenta, a saliência fônica das formas verbais também aumenta, tanto para as formas no singular quanto para as formas no plural. Assim, em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, controlamos a saliência fônica de todas as ocorrências das formas

verbais que ocorreram junto aos pronomes *nós* explícito e implícito (uso da desinência -mos) e *a gente* explícito e implícito (uso da desinência zero). A título de exemplificação, apresentamos algumas ocorrências a seguir extraída da nossa amostra:

- (17) Lá, ***nós tomávamos*** banho, pescávamos, andávamos com a canoa do seu Rui, um vizinho rico, dono do depósito de bebida. (VENTURELLI, 1994, p.3-5)
- (18) É, bem que o pai vive dizendo que ***a gente*** tem que ter atenção! (LORENZET, 2014, p. 22)
- (19) Depois ***nós*** vamos soltá-los na sarjeta, às vezes a mãe grita um aviso... (KRIEGER, 1979, p. 14)
- (20) Falo desta maneira para que tudo se torne claro e simples. É um método que ***a gente*** vai seguindo, compreende? – Não era fácil apreender a substância do meu método, mas ele fez que sim com a cabeça. – Esses risquinhos azuis dentro do mapa indicam os rios. Todos os rios importantes estão neste mapa. Logo, Ø ***vamos*** tirar daqui um esquema geral das bacias, e você vai pô-lo na cabeça, decorado. (HOFFMANN, 1967, p.15)
- (21) ***Nós somos*** amigos desde quando ele era bem pequeno. (SILVA, 1984, p.20)

Em (17), a forma pronominal *nós* explícita é seguida da forma verbal *tomávamos*, ou seja, trata-se de uma forma verbal de grau 1 de saliência porque conserva a sílaba tônica no singular e no plural mesmo com o acréscimo da desinência verbal -mos.

Em (18), há uma forma verbal de grau 3 de saliência, que é a ocorrência da variante explícita *a gente* seguida do verbo *ter* flexionado no singular *tem*. Essa forma verbal se insere nos casos dos monossílabos tônicos ou oxítonos no singular, que ao receberem a desinência -mos passam a paroxítonas (*nós temos*). Nas duas formas (singular e plural), não se altera a posição da sílaba tônica (tempo presente). Neste exemplo, as formas verbais *pescávamos* e *andávamos* estão sem sujeito expresso, mas também se situam no grau 3 de saliência.

Em (19) e (20), as ocorrências de *nós vamos* e *a gente vai*, respectivamente, são duas formas verbais de grau 4 de saliência, tendo em vista que o ditongo se desfaz com a mudança da desinência do singular zero para o plural -mos.

Em (21), há uma forma verbal de grau 6 de saliência, que é a ocorrência da variante *nós* explícita seguida do verbo ser flexionado no plural somos. Essa forma verbal expõe uma diferença fonológica acentuada em relação ao uso da variante pronominal no singular (*a gente é*).

Vejamus uma síntese dos resultados de Brustolin (2009) e Silvano (2016), que controlaram a saliência fônica na escrita:

Brustolin (2009) agrupou, de um lado, os graus 1, 2 e 3 das formas verbais com menor saliência e, de outro, os graus 4, 5 e 6 das formas verbais com maior saliência. Nesse agrupamento, a autora constatou que o pronome *a gente* foi pouco empregado nos dois níveis, mas no nível 1, com formas verbais com menos saliência, seu percentual foi de 19% e 13% para o nível com formas verbais com maior saliência. Consequentemente, os percentuais foram mais elevados com o pronome *nós*, 81% com o nível com menos saliência e 87% para os graus com maior saliência. Brustolin (2009) avalia que o pronome canônico está fortemente correlacionado com a escrita tanto dos graus com menos saliência, quanto dos graus com maior saliência.

Silvano (2016) analisou o comportamento de formas mais e menos salientes com a variável *nós*. Os resultados revelaram que as formas menos salientes foram mais expressivas com as ocorrências da concordância não padrão (*nós + zero*) 4,4%. Já a forma mais saliente foi totalmente favorável (100%) com as ocorrências em que a concordância (*nós + -mos*). Com o uso da forma pronominal *a gente*, a autora encontrou resultados diferentes do pronome canônico, neste caso, as formas menos salientes foram mais expressivas na concordância padrão, ou seja, com uso do pronome *a gente* com desinência zero (100%) e entre as ocorrências da forma mais saliente, o pronome *a gente* com a desinência -mos, foi mais representativo com o percentual de 7,9%.

Tendo em vista esses resultados, nossa expectativa, com base em Brustolin (2009) e Silvano (2016), é que, de modo geral, a variante conservadora seja favorecida pelos níveis mais altos (4, 5 e 6) de saliência fônica, ao passo que a variante inovadora seja favorecida pelos níveis mais baixos (1, 2 e 3) de saliência fônica.

#### 5.2.4.2 Resultados e discussão

Vejam os a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável saliência fônica na Tabela 7, a seguir:

Tabela 7 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável saliência fônica

SALIÊNCIA FÔNICA	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Grau 1	34	20	136	80	170	39,6
Grau 2	25	24,7	76	75,3	101	23,5
Grau 3	9	25,7	26	74,3	35	8,2
Grau 4	4	6,5	57	93,5	61	14,2
Grau 5	6	11,7	45	88,3	51	11,9
Grau 6	1	9	10	91	11	2,6
<b>Total</b>	79	18	350	82	429	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados identificados na amostra, os resultados da Tabela 7 atestam que, na modalidade escrita, à medida que aumentam os graus (4, 5 e 6) de saliência fônica cresce o uso da forma *nós* e diminui o uso da forma *a gente*, ou seja, a variante inovadora é favorecida pelos níveis mais baixos (1, 2 e 3) de saliência fônica, o que era esperado, conforme as pesquisas de Brustolin (2009) e Silvano (2016).

Em síntese, as ocorrências do pronome canônico foram elevadas em todos os graus de saliência, aproximando-nos dos resultados encontrados por Brustolin (2009): 81% para o nível com menor saliência e 87% para os últimos níveis que possuem maior diferença (87%). De outro lado, vimos também que as ocorrências do pronome inovador se centralizam em grande parte entre os três primeiros graus, com um percentual acima dos 20%, confirmando a hipótese de ser mais fácil haver

os registros do pronome inovador com os graus de menor saliência, pois a adição de apenas uma sílaba facilita a transição entre o pronome *nós* e *a gente*.

### 5.2.5 Tipo de referência (genérica ou primeira pessoa do plural)

#### 5.2.5.1 Caracterização e hipóteses

Os pronomes para referência a 1ª pessoa do plural na posição de sujeito se expandem semanticamente para níveis de referencialidade diferentes: determinado/específico e indeterminado/genérico.

O pronome *a gente*, inserido no século XVI como um pronome indefinido e expresso inicialmente como uma referência genérica, sofreu mudanças ao longo do tempo, conforme aponta Oliveira (2017), e a veicular uma referência determinada. Foi o constatado pela autora em sua pesquisa baseada em obras literárias infanto-juvenis gaúchas das décadas de 1970 a 1990. Também Zilles (2004) observa, em obras da literatura infantojuvenil, essa mudança de valor semântico de *a gente*:

*A gente* aparece, com valor de pronome pessoal pleno (eu+tu), em textos de literatura infantil, como em Tchau, de Bojunga (2001): a certa altura de uma conversa entre mãe e filha, esta diz àquela: 'Sozinha como? e eu? e o Donatelo? *a gente* tá sempre junto, não tá?' Este e outros tantos casos de *a gente* neste e em outros livros contribui para a perda do estigma da forma pronominal com referência específica? Ou, ao contrário, contribui para que a mesma seja percebida como marcada, própria apenas para certos contextos?

Em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, controlamos o tipo de referência a que se referem as ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, ambos expressos ou marcados na desinência verbal. Optamos por dividir essa variável pelos dois valores em que transitam semanticamente: a referência genérica/indeterminada e a específica/determinada. A primeira representa o sentido mais amplo, ou seja, o falante abrange o referente a qualquer pessoa, e a segunda diz respeito ao sentido mais específico, isto é, o falante integra a si e ao grupo/à



comunidade a qual ele pertence. A título de exemplificação, apresentamos algumas ocorrências desses usos a seguir extraídas da nossa amostra:

- (22) Por que é que *a gente* tem que escovar os dentes todos os dias, mesmo quando não tem vontade? (SILVA, 1984, p.6).
- (23) Ninguém ligava quando apanhava, o que *a gente* queria era ver o pinheiro enfeitado, e quando meu pai buscava a caixa com os enfeites de Natal, havia um frenesi de excitação tomando conta de *nós*. (KLUEGER, 2001, p.28-29).
- (24) Ela tem o rosto espinhento, é magra e as roupas que usa são bem usadas, mas quando *a gente* olha os dois juntos, se esquece de que a roupa do José também é simples e que a Rita não é bonita. (KRIEGER, 1979, p. 7).
- (25) Eu até gostava, porque *a gente* improvisava umas tábuas entre nossa janela e o terraço do seu Rui e quando a coisa apertava, íamos passando pra lá. (VENTURELLI, 1994, p.6 ).

No excerto (22), o sujeito *a gente* abrange a referência genérica, já que utiliza-se do referente como uma ação que deve ser realizada por diversas pessoas e, no exemplo (23), a situação muda, pois o sujeito *a gente* envolve uma referência específica. Entende-se que a ação era realizada pelo personagem e seus irmãos. Portanto, *a gente* se apresenta mais ampliada no contexto discursivo.

No trecho (24), o sujeito *a gente* é utilizado como uma referência genérica, indicando que uma determinada ação deve ser realizada por diversas pessoas, que poderia ser equivalente por “quando *o povo/a sociedade* olha os dois juntos...”. Já no exemplo (25), o caso é diferente, pois o sujeito *a gente* se refere especificamente a um grupo de pessoas. Portanto, há uma mudança na referência do sujeito.

Vejamos uma síntese dos resultados de estudos anteriores<sup>31</sup> que controlaram a variável tipo de referência:

Em Oliveira (2017), a variável tipo de referência (genérica ou específica) foi considerada significativa. De modo geral, os resultados revelaram que, do total de 1139 dados das formas pronominais *nós* e *a gente*, 963 ocorrências dizem respeito à

---

<sup>31</sup> Brustolin (2009), apesar de controlar a variável referência a *nós* e *a gente*, esta não se mostrou significativa em sua análise.

referência específica e 176 ocorrências à referência genérica. Portanto, a referência específica favorece o uso de ambas as formas pronominais, totalizando 84,5% dos dados coletados nas obras da literatura infanto-juvenil gaúcha. De modo específico, das 1029 ocorrências de *a gente* coletadas, 859 dados são de referência específica e 170 dados foram marcados pela referência genérica. Das 110 ocorrências de *nós* coletadas, 104 foram marcadas pela referência específica e 6 pela referência genérica. Logo, *a gente*, ainda que ocorra com sentido genérico, prevalece sobre *nós* nas obras de literatura infantojuvenil gaúcha nos casos em que a referência é específica.

Caldeira (2019)<sup>32</sup> classificou a referência do pronome *a gente* de dois modos: A primeira foi classificada como referente determinado para as ocorrências em que o referente menciona o personagem da história do livro, e a segunda como referente indeterminado ou genérico, que são os casos em que ocorre uma abrangência, um referente para além da obra. A maioria dos resultados de *a gente*, em sua análise das duas obras de Monteiro Lobato, foi da variante inovadora como de referência determinada. O autor afirma que é bem provável que o universo específico das duas obras “[...] que é basicamente o sítio – e personagens que atuam nesse universo, tenha propiciado o uso bastante frequente do pronome *a gente* com referência determinada.” (CALDEIRA, 2019, p. 97).

Nossa análise do tipo de referência visa entender de que modo se comportam as variantes no contexto escrito de obras infanto-juvenis da literatura de Santa Catarina. Controlamos, para isso, o referente específico como aquele no qual as variantes estão sendo utilizadas para mencionar personagens e cenas da história e o referente genérico como aquele aplicável a qualquer personagem ou pessoa, até fora do contexto da história.

Portanto, de modo geral, considerando os resultados de Oliveira (2017), nossa hipótese é que ambas as formas pronominais sejam mais frequentes na referência específica do que na referência genérica. De modo específico, nossa expectativa é que, em razão da modalidade escrita, os autores contribuam para a inserção de *a gente* como referente específico nas obras da literatura infanto-juvenil de SC, assim como constatado por Oliveira (2017) e Caldeira (2019).

---

<sup>32</sup> Caldeira (2019) controlou a referência apenas para o pronome *a gente*.

## 5.2.5.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável tipo de referência na Tabela 8, a seguir:

Tabela 8 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável tipo de referência

Tipo de referência	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
específico	59	15	331	85	390	91
genérico	20	51	19	49	49	9
<b>Total</b>	79	18	350	82	429	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados identificados na amostra, os resultados da Tabela 8 atestam que, na modalidade escrita, de um lado, a frequência mais alta das formas pronominais ocorre na referência específica, totalizando 390/429 (91%) dados e, de outro lado, a frequência mais baixa das formas pronominais ocorre na referência genérica, totalizando 39/429 (9%) dados. De modo geral, nossa hipótese, baseada em Oliveira (2017), foi confirmada, pois encontramos mais ocorrências das formas pronominais (expressa e nula) na referência específica.

De modo específico, observamos dois comportamentos das formas pronominais: (i) para a referência específica, localizamos mais dados das formas *nós* (explícito e implícito) e *a gente* (explícito e implícito), porém a primeira apresentou mais ( $331/390 = 85\%$ ) ocorrências que a segunda ( $59/30 = 15\%$ ); e (ii) para a referência genérica, observamos distribuição equilibrada entre as formas *nós* e *a gente*, visto que o percentual ficou próximo embora o pronome *a gente* (51%) tenha apresentado 2 ocorrência a mais em relação ao pronome *nós* (49%).

Nossas hipóteses foram parcialmente confirmadas, ou seja, a forma *nós* e *a gente* são fortemente condicionadas pelo referente específico em produções escritas, conforme Oliveira (2017). Porém, diferentemente dos resultados de Oliveira

(2017), foi o pronome canônico que veiculou mais esse sentido. Certamente, nossos dados se aproximam de Oliveira (2017) em termos gerais, quando menciona o alto número de ocorrências com o referente específico, mas nos afastamos da autora no que diz respeito à forma pronominal preferencial. Observando as duas variantes pronominal, vimos uma distribuição equilibrada das variantes no que tange à referência genérica. Por fim, de certa forma, é possível dizer que os autores estão contribuindo de modo mais tímido para a inserção de *a gente* como referente específico nas obras da literatura infanto-juvenil de SC, diferentemente do constatado por Oliveira (2017) e Caldeira (2019).

### 5.3 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Para nossa análise de dados, selecionamos sete variáveis extralinguísticas com a pretensão de observar quais condicionantes estão atuando na variação da referência à primeira pessoa do plural na amostra de obras da literatura infanto-juvenil de Santa Catarina.

Conforme a seção 3.3, identificamos, a partir de um amplo levantamento bibliográfico, várias pesquisas que tratavam da variação das formas pronominais de P4, não só na fala como na escrita. É nos resultados destas últimas que nos embasamos para definir as variáveis de natureza extralinguística (gênero narrativo, tipo de narrador, faixa etária, gênero dos personagens, autores, localidade e tempo) a serem controladas em nossa pesquisa.

#### 5.3.1 Gênero literário narrativo

##### 5.3.1.1 Caracterização e hipóteses

O gênero literário narrativo diz respeito a textos que contam histórias, sejam elas reais ou fictícias. Seguem uma estrutura contínua com começo, meio e fim. De

acordo com Castilho (2014), o gênero literário narrativo é aquele em que o texto é construído em torno de uma história ou narrativa que apresenta uma sequência de eventos ou ações que ocorrem ao longo do tempo. A narrativa é desenvolvida por meio de personagens que atuam em situações específicas e que possuem objetivos, conflitos e emoções que movimentam a história.

Esse gênero pode ser dividido em subgêneros, como o romance, o conto, a novela, a crônica, a fábula, a lenda, entre outros, cada um com suas próprias características e formas de construção. O gênero narrativo tem como principal objetivo envolver o leitor na trama, despertando sua curiosidade e interesse pela história contada.

A única pesquisa sobre a alternância de *nós* e *a gente* que levantou dois tipos de textos narrativos (conto e novela infantojuvenil) foi a de Oliveira (2017), que são os mesmos gêneros controlados por *nós* também, porém a autora não controlou se havia diferença no uso dos pronomes de P4 entre as narrativas ficcionais investigadas.

Em nossa amostra de obras da literatura infanto-juvenil de Santa Catarina, controlamos todas as ocorrências em que os pronomes *nós* e *a gente*, ambos expressos ou marcados na desinência verbal, ocorrem em obras do gênero literário narrativo. Nesse levantamento de obras da literatura infantojuvenil, conforme na seção da metodologia, a narrativa ficcional foi identificada em 16 obras catarinenses analisadas entre o período de 1950 até 2021:

- *Romance*: conhecido por apresentar um ou mais conflitos, abarca no geral as causas sociais, políticas e psicológicas; (MOISÉS, 1994, p. 283).
- *Conto*: possui uma narrativa mais curta e é organizada sobre algum episódio da vida do personagem. Diferentemente do romance, o conto se limita a explorar um único conflito; (CANDIDO, 2002, p.94).
- *Crônica*: é vista em geral por publicações em jornais e em revistas, contudo, também pode ser encontrada em livros. Sua estrutura contempla uma narrativa mais curta e narrada em primeira pessoa, seus temas abordam fatos e acontecimentos da vida cotidiana das pessoas, por isso, sua linguagem é mais coloquial; (MEDEIROS, 2005, p.9).
- *Fábula*: conhecida por trazer algum conteúdo moral e ético, em sua maioria, seus personagens são animais. A fábula, possui um texto

simples em prosa ou em verso e no geral é de curta duração; (BETTELHEIM, 2010, p. 79).

- *Novela*: é um segmento que fica entre conto e romance, sua estrutura é mais longa que um conto, porém mais curta que um romance. Os episódios decorrem de vários enredos que ocorrem de forma ininterrupta e dinâmica, em sua narrativa podem ser incluídos ou excluídos personagens, o que leva a resolução de vários conflitos. (GOTLIB, 1999, p. 99).

Como alertamos, dentre os gêneros das obras infanto juvenis coletados, temos 9 contos, 2 fábulas, 2 romances, 2 crônicas e 1 novela, totalizando 16 obras, duas por década. Temos consciência de que nosso levantamento apresenta desequilíbrio no quantitativo e nos tipos de gêneros narrativos, mas, para evitar enviesamento dos resultados, procederemos a análises comparativas em separado, para equiparar esse critério.

Como alertamos mais acima, a pesquisa de Oliveira (2017) foi a única que também investigou os gêneros narrativos conto e novela da literatura infantojuvenil, que são os mesmos gêneros controlados nesta pesquisa. No entanto, a autora não realizou um controle para verificar se havia diferenças no uso das variantes pronominais de primeira pessoa do plural entre as narrativas ficcionais investigadas. Devido a ausência de estudos dessa variável extralinguística, em nosso estudo não formulamos hipóteses específicas sobre a relação entre as variantes e o gênero literário.

### 5.3.1.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável gênero narrativo literário na Tabela 9, a seguir:

Tabela 9 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável gênero narrativo.

Gênero narrativo	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
conto	40	34,8	75	65,2	115	27
crônica	8	8,2	90	91,8	98	23
fábula	-	-	40	100	40	9
novela	15	34,9	28	65,1	43	10
romance	16	12	117	88	133	31
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>18</b>	<b>350</b>	<b>82</b>	<b>429</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados identificados na amostra, os resultados da Tabela 9 atestam que, na modalidade escrita, os três gêneros narrativos que mais se destacam em quantitativo de uso de variantes pronominais de primeira pessoa do plural são romance (133 ocorrências = 31%), conto (115 ocorrências = 27%) e crônica (98 ocorrências = 23%), totalizando 346 (81%) ocorrências da amostra. Porém, conforme alertamos na seção da metodologia, este é o gênero narrativo de que mais obras dispomos, o que nos obriga a relativizar esses resultados. Antes de fazer isso, observamos que a alternância das formas pronominais de P4 ocorre em obras narrativas como romance e crônica, porém apresentam mais ocorrências do pronome canônico, com o respectivo percentual de 92,9% e 91,5%, do que ocorrências do pronome inovador, com o respectivo percentual de 7,1% e 8,5%. O gênero novela também apresentou alternância das formas pronominais, com o percentual de 65% de ocorrências de *nós* e 35% de ocorrências de *a gente*. Apenas o gênero fábula concentrou as ocorrências exclusivamente na forma canônica.

Voltemos agora nosso olhar sobre a distribuição de *nós* e *a gente* exclusivamente nos contos infantojuvenis, tendo em vista que este é o gênero narrativo de que mais obras dispomos, o que nos obriga a relativizar esses resultados, conforme a Tabela 10, a seguir:

Tabela 10 - Distribuição de *nós* e *a gente* nos contos infantojuvenis.

Conto	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Schneider (1959)	4	80	1	20	5	4,3
Zotz (1967)	2	40	3	60	5	4,3
Zotz (1978)	27	66	14	34	41	35,6
Silva (1984)	2	50	2	50	4	3,5
Gomes (1992)	2	50	2	50	4	3,5
Van Steen (2001)	1	17	5	83	6	5,2
Tessari (2013)	1	7	14	93	15	13
Lorenzet (2014)	1	12,5	7	87,5	8	7,0
Vignali (2021)	-	-	27	100	27	23,5
<b>Total</b>	40	35	75	65	115	100

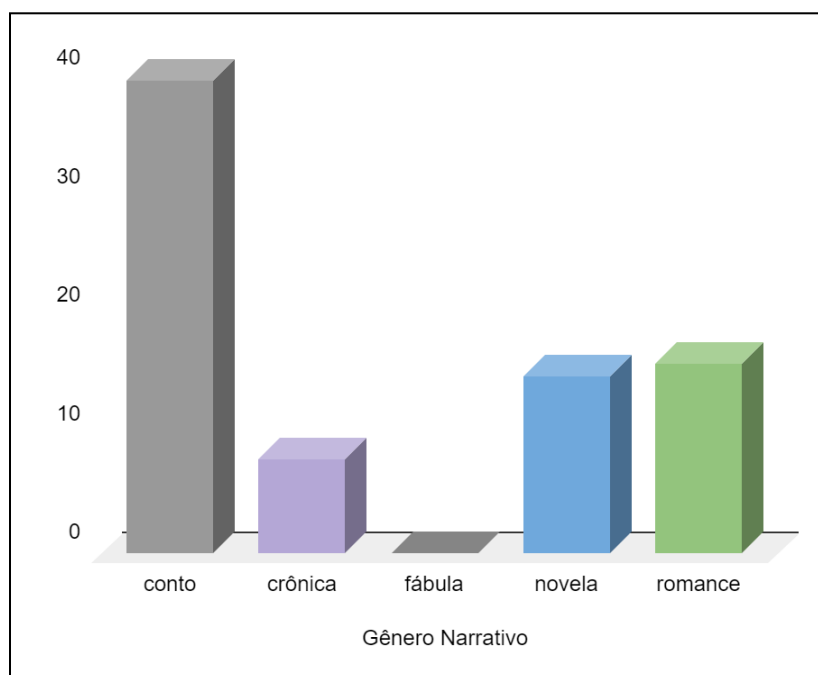
Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 115 dados identificados na amostra exclusiva de nove contos investigados, os resultados da Tabela 10 atestam que, de modo geral, em oito obras houve alternância das formas pronominais de P4, embora o uso da variante canônica (65%) seja superior ao uso da variante inovadora (35%). De modo específico, de um lado, apenas no conto de Vignali (2021) houve ocorrência exclusiva de *nós* (27 = 100%), ou seja, não localizamos indícios de *a gente*. De outro lado, o conto de Zotz (1978) foi o que mais apresentou ocorrências de ambas as variantes (35,6%). Ainda, para nossa surpresa, duas obras apresentaram mais ocorrências de *a gente* do que de *nós*. A primeira é a de Schneider (1959) com 4 dados de *a gente* e 1 de *nós*; e a segunda é a de Zotz (1978) com 27 ocorrências de *a gente* e 14 de *nós*. Em síntese, de modo geral, mesmo relativizando os resultados, desconsiderando o gênero conto da nossa amostra, vemos que o comportamento se mantém, ou seja, presença mais elevada de *nós* e menor de *a gente*.



Apesar da superioridade em termos de frequência da forma canônica em nossa amostra, observamos, a seguir, a partir de publicações infantojuvenis do estado catarinense, em quais tipos de gêneros narrativos a forma inovadora é mais usada pelos escritores. Para isso, vejamos a distribuição de *a gente* no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição de *a gente*, segundo a variável gênero narrativo.



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Do total de 79 dados de *a gente* na amostra, os resultados do Gráfico 1 mostram que essa variante ocorre mais nos gêneros narrativos conto, romance, novela e crônica, nesta ordem. O gênero narrativo fábula foi o único em que *a gente* não ocorreu em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina. Esse resultado aponta indícios de que, assim como foi observado por Oliveira (2017), nas obras de autores infantojuvenis gaúchas, também há um uso crescente de *a gente* nas obras de literatura infantojuvenil catarinenses.

### 5.3.2 Papel na narrativa

#### 5.3.2.1 Caracterização e hipóteses

A variável papel na narrativa envolve a observação mais pormenorizada do comportamento dos atores do gênero literário narrativo, a fim de aprofundar nosso estudo com o levantamento dos seguintes tipos de narrador:

- narrador onisciente: a história é narrada em 3ª pessoa. É o narrador que conhece bem seus personagens, inclusive conhece os pensamentos e as emoções dos personagens;
- narrador observador: a história também é narrada em 3ª pessoa, porém narra apenas as ações da personagem e não participa da história;
- narrador personagem: a história é narrada em 1ª pessoa, neste caso, o narrador está incluído como personagem da história, ele é o protagonista.

A única pesquisa sobre a alternância de *nós* e *a gente* que levantou os tipos de narrador foi a de Oliveira (2017). A autora analisou primeiramente as ocorrências da forma pronominal *a gente*, tendo um total de 836 dados do narrador em 1ª pessoa, 745 são representados pelo uso da forma inovadora (89.1%), já com o referente narrador em 3ª pessoa, de 303 dados observados, 284 foram ocorrências de *a gente* (93,7%). Do total de 21 obras, a autora descreve que 12 foram de narrador personagem.

Em nossa amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, controlamos o tipo de narrador em todas as ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, ambos expressos ou marcados na desinência verbal. Para exemplificar os três tipos de narrador, iremos apresentar, a seguir, fragmentos das obras analisadas.

- (26) É, eu acho que devia de ter uma lei que obrigasse os adultos a nos deixarem ir ao cinema, quanto se quisesse. Ou nos deixarem fazer outra coisa que *nós* quiséssemos, sem tantos conselhos. (KRIEGER, 1979, p.9)

(27) Daniela sente-se confusa. Porém não tem tempo para pensar no assunto.

Podemos continuar?, indaga o pai. Falávamos a respeito da sopa.

O que há com ela? - é tia Clara, virando-se para Maria do Carmo.

Há que vai esfriar, já ficou fria. É melhor tomarmos logo, depois falaremos a respeito dela. -previne Maria do Carmo. (KRIEGER, 1983, p.8)

(28) Ela ficou então morando com a Vovózinha, que era muito bondosa. Todo dia se levantava já bem cedo, para ferver o leite para a netinha e quando esta se encontrava na escola, escutando com atenção o que lhe ensinava a professora, a velhinha cuidava do almoço e ao anoitecer novamente da janta. SCHNEIDER, 1959, p. 11)

No exemplo (26), encontramos uma narrativa do João, um adolescente, que descreve seus sentimentos quanto ao controle e orientações impostas pelos adultos. Neste caso, pelo excerto da obra, ao observar o foco narrativo, identificamos que é o próprio narrador que fala em 1ª pessoa do discurso, portanto, classificado como narrador personagem, no qual o narrador ora conta os fatos da história, ora participa dela como personagem.

O exemplo (27) nos remete a uma narrativa entre pai e filha e narrador, neste caso, percebemos que o trecho em que as variantes pronominais se inserem é de uma narrativa em 3ª pessoa, a qual classificamos como narrador observador, que não se integra à história, apenas observa e relata o que acontece.

Em (28), temos o caso da avó e da netinha em que a ocorrência está em 3ª pessoa e o narrador é onisciente pelo fato de que tem acesso aos pensamentos e emoções dos personagens, descreve suas ações e seus comportamentos de maneira objetiva, apresentando detalhes minuciosos sobre cada personagem, além disso não está inserido na história, observa os eventos como um espectador.

Metodologicamente, primeiro levantamos todos os dados de *nós* e *a gente* considerando o trecho em que as formas pronominais foram produzidas a fim de verificar se a variante foi proferida por um personagem da narrativa ou pelo narrador. Depois, restringimos a análise apenas dos resultados relativos ao narrador, separando-os em dois conjuntos: narrador em 3ª pessoa ou narrador em 1ª pessoa.

O primeiro diz respeito ao narrador onisciente ou observador; e o segundo refere-se ao narrador que é também um personagem da narrativa.

Considerando esses dois passos metodológicos, de modo geral, nossa hipótese, baseada em Oliveira (2017), é que encontremos mais emprego das variantes pronominais em obras em que o narrador está incluído como personagem da história. De modo específico, em razão da modalidade escrita, nossa expectativa, também embasada em Oliveira (2017), é que o narrador personagem contribua mais para o uso do pronome inovador em relação ao uso do pronome canônico.

### 5.3.2.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável papel na narrativa em que as formas pronominais foram produzidas na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável papel na narrativa

Papel na narrativa	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
narrador	35	13,5	227	86,5	262	61
personagem	44	26	123	74	167	39
<b>Total</b>	79	18	350	82	429	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados identificados na amostra, os resultados da Tabela 11 atestam que, na modalidade escrita, 262 (61%) ocorrências das variantes foram produzidas pelo narrador e 167 (39%) ocorrências das variantes foram produzidas pelo personagem, contrariando nossa hipótese geral. Chama nossa atenção, quando nosso olhar recai sobre o uso exclusivo de *a gente*, que os personagens foram quem mais empregaram o pronome inovador em comparação ao narrador. Portanto, parece que os escritores tendem a usar a forma pronominal *a gente* na fala dos personagens como uma tentativa de reprodução do diálogo mais coloquial da

língua, mas, quando o trecho em que ocorre a produção das formas pronominais é somente do narrador, os usos da forma inovadora tendem a ser um pouco menor. Conseqüentemente, esse resultado não confirma nossa hipótese sobre o uso da forma inovadora ser mais frequente quando empregada pelo personagem.

Na sequência, restringimos a análise aos 262 dados empregados pelo narrador para verificar se os trechos em que as variantes ocorreram dizem respeito a um narrador em 3ª pessoa (onisciente ou observador) ou a um narrador em 1ª pessoa. Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável tipo de narrador na Tabela 12, a seguir:

Tabela 12 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável tipo de narrador.

tipo de narrador	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	N
narrador personagem (1ª pessoa)	31	12	227	88	258	98,5
narrador onisciente/observador (3ª pessoa)	4	100	-	-	4	1,5
<b>Total</b>	35	13,4	227	86,6	262	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 262 dados de *nós* e *a gente* na amostra, os resultados da Tabela 12 atestam que, na modalidade escrita, 258 foram produzidos pelo narrador personagem (1ª pessoa) e apenas 4 pelo narrador onisciente ou observador (3ª pessoa), confirmando nossa hipótese geral. Quando restringimos a análise dos dados produzidos pelos narradores em 1ª pessoa, a variante *nós* é mais elevada em termos de frequência do que *a gente*, contrariando nossa expectativa. Salta aos olhos que os dados produzidos pelos narradores em 3ª pessoa são exclusivos de *a gente*, apesar de poucos. Outro aspecto que merece destaque é que, ao distribuir os 35 dados de *a gente* entre os tipos de narrador, verificamos que, da mesma forma, a maior parte dos pronomes *a gente* foi empregada pelo narrador em 1ª pessoa, o que confirma a hipótese específica. A variante canônica, por sua vez, foi categórica entre o narrador em 1ª pessoa, ou seja, não houve dados dessa forma pronominal entre o narrador em 3ª pessoa.

### 5.3.3 Faixa etária

#### 5.3.3.1 Caracterização e hipóteses

A faixa etária tem sido uma variável amplamente controlada em estudos sociolinguísticos relacionados à língua falada, que, em sua maioria, demonstram que os mais jovens são os mais adeptos ao uso da forma inovadora do que os mais velhos.

Nos estudos sociolinguísticos relacionados à língua escrita, localizamos apenas a pesquisa de Oliveira (2017) em uma amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha que controlou essa variável. A autora distribuiu os personagens das narrativas ficcionais em três faixas: faixa 1 - crianças e adolescentes; faixa 2 - adultos; e faixa 3 - mais velhos. Os resultados demonstram que as taxas mais elevadas de ocorrência do pronome *a gente* se dá não só na faixa etária 1 (92,6%), mas também na 2 e na 3 (85,6%). É importante observar que o pronome inovador é favorecido na fala tanto das crianças e adolescentes, bem como dos adultos e velhos.

Para a análise da variável faixa etária, utilizamos a distribuição por duas faixas etárias:

- Faixa 1: Crianças e Adolescentes;
- Faixa 2: Adultos e Velhos.

A seguir exemplificamos por meio de trechos das obras literárias, a distribuição dos personagens das narrativas pelas respectivas faixas etárias:

(29) – Felício, fique aqui com *a gente*. Tome café e depois pode ir. Tome café antes, Felício. *Nós* gostamos muito de você e entre *nós* não têm esse negócio de menino rico e menino pobre. (ZOTZ, 1967, p. 14).

(30) Podemos continuar?, indaga o pai. Falávamos a respeito da sopa.

(31) – O que *a gente* precisa fazer pra poder falar com os passarinhos, com o barco, com o mar, como o senhor? ... – É que o Sonho não tem motor. Quer dizer, ter ele tem, mas *a gente* não usa. Faz muito barulho, suja a água de

óleo preto que depois mata os peixes e estraga a paisagem. **Nós** navegamos só com a ajuda do vento. Temos uma vela bem grandona. E com a ajuda do vento vamos pra todos os lugares. (ZOTZ, 1978. p.16)

Primeiramente identificamos que o trecho (29) seja de uma criança/adolescente pelo fato do personagem usar o substantivo menino para se referir a *nós*, todos os participantes da conversa. Além disso, a maneira como é expressa a mensagem demonstra uma simplicidade e uma preocupação com questões de inclusão e pertencimento que são típicas dessa faixa etária.

No excerto (30) fica claro que o diálogo pertence à faixa etária adulta, pois logo após a pergunta “Podemos continuar?” o narrador refere a fala ao pai. E o pai mesmo que pudesse ser jovem ou mais velho está inserido na categoria adulto, porque é pai de adolescente e criança.

Em (31), no discurso proferido observamos que o personagem fala com uma pessoa mais velha, pela utilização do pronome de tratamento “senhor”. E em outras partes do livro identificamos que seu Tomás é um senhor idoso pela sua experiência de vida, relatada pelo narrador. No segundo trecho do excerto a fala é do personagem Tomás, deduzimos que ele parece ter uma visão mais tradicional e talvez mais conservadora do que é importante em um barco. Ele menciona que o motor faz barulho e suja a água, o que pode sugerir que ele prefere um estilo de vida mais natural e menos poluído. Isso pode ser mais comum em pessoas mais velhas do que em pessoas mais jovens. Ele descreve a forma como navega sem mencionar tecnologia ou dispositivos modernos, mas sim confiando apenas no vento e em uma vela. Isso sugere que ele tem mais experiência e habilidade em navegar do que alguém que confia em tecnologia para navegar. Novamente, essa habilidade pode ser mais comum em pessoas mais velhas.

Nossa expectativa é que, de modo geral, devem emergir dados das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala de todas as faixas etárias. De modo específico, nossa hipótese é que os mais jovens empreguem mais *a gente* do que os mais velhos. Portanto, nossa suposição é que os personagens mais velhos utilizem mais o pronome *nós*, enquanto os personagens mais jovens utilizem mais o pronome *a gente*.

### 5.3.3.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável faixa etária na Tabela 13, a seguir:

Tabela 13 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável faixa etária

faixa etária	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
crianças e adolescentes	13	25,5	38	74,5	51	30,5
adultos e idosos	31	26,7	85	73,3	116	69,5
<b>Total</b>	44	26	123	74	167	100

Do total de 167 dados de *nós* e *a gente* localizados na fala dos personagens, os resultados da Tabela 13 atestam que, na modalidade escrita, de modo geral, as duas faixas etárias empregaram mais a variante *nós* (123 dados = 74%) do que a variante *a gente* (44 dados = 26%), ou seja, as formas pronominais para referência a P4 se encontram em variação na fala dos personagens das obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina independente da idade. De modo específico, por um lado, vemos que os mais velhos empregaram mais formas *nós* do que *a gente*, confirmando nossa expectativa. Por outro lado, os mais jovens usaram mais a variante canônica do que a inovadora, contrariando nossa hipótese. Outro aspecto que merece destaque é que, ao distribuir os 44 dados de *a gente* entre as duas faixas etárias, verificamos que a maior parte do pronome inovador foi empregada pela faixa etária dos mais velhos, seguida da faixa das crianças e dos adolescentes. Os 123 dados de *nós*, por sua vez, também segue essa mesma distribuição entre as faixas etárias: maior uso pelo mais velhos e menor emprego pelos mais jovens.

Em síntese, é possível perceber que a variação linguística entre os pronomes de primeira pessoa do plural também está atrelada aos diferentes grupos de faixa etária.



### 5.3.4 Sexo dos personagens

#### 5.3.4.1 Caracterização e hipóteses

A variável social sexo vem sendo analisada ao longo do tempo por diferentes pesquisas sociolinguísticas que, em sua maioria, investigam a língua falada. Tem-se observado o comportamento das mulheres frente ao uso da forma inovadora e o que se constatou é que elas têm mais predileção pelo uso dessa forma do que os homens (BRUSTOLIN, 2009). Sabemos que a variação pode ocorrer devido a diversos fatores sociais, por isso, em nossa análise, consideramos importante observar o comportamento da variável sexo dos personagens. Esperamos que tanto homens como mulheres apresentem comportamentos distintos com relação ao uso das variantes pronominais.

Nos estudos sociolinguísticos sobre a alternância de *nós* e *a gente* na língua escrita, localizamos a pesquisa de Brustolin (2009), de Silvano (2016) e de Oliveira (2017), que controlaram a variável sexo dos personagens.

Brustolin (2009) constatou que ambas as formas pronominais para referência a P4 encontram-se em variação na escrita de estudantes de Florianópolis. Os resultados revelaram que o pronome inovador foi mais representativo entre o sexo feminino (15%) do que entre o sexo masculino, em que as ocorrências foram de 11%. Em relação ao pronome canônico, as informantes femininas representaram 85% de uso, já os informantes masculinos elevaram um pouco mais o percentual de ocorrências dessa variante com 89%.

Diferentemente do resultado de Brustolin (2009), Silvano (2016) constatou que o pronome *nós* e *a gente* são altamente empregados pelas mulheres. Apesar de pouca diferença percentual, o sexo feminino foi o que apresentou uso mais elevado (99,8%) da variante canônica em relação ao sexo masculino (98,3%) na aplicação da concordância. Mas, em seus achados, o resultado revelou que os homens mais empregam o pronome *nós* nas ocorrências de não concordância (1,7%), enquanto que as mulheres registraram apenas uma ocorrência de não concordância (0,2%). Quanto à análise da concordância com a forma pronominal inovadora, o resultado registrado foi bem semelhante ao uso do pronome canônico. O sexo feminino marca

o maior percentual (97,2%) de concordância sendo seguido pelo sexo masculino, que também apresenta percentual alto (93,3%). Na análise das ocorrências de não concordância com o uso da forma *a gente*, o sexo masculino registrou o percentual mais elevado com 6,7%, enquanto que o sexo feminino apresentou somente 1 ocorrência de não concordância (2,8%).

Por fim, o estudo de Oliveira (2017) também traz um resultado diferente dos anteriores, pois mostrou que, com relação ao uso do pronome inovador, ambos os sexos apresentam percentuais aproximados de uso da forma inovadora nas obras literárias infantojuvenis gaúchas, com 91% de ocorrências do sexo masculino e 89% de ocorrências do sexo feminino.

Considerando que nossa amostra de obras se diferencia dos gêneros investigados pelos estudos anteriores, mas corroborando com os resultados de Oliveira (2017), nossa hipótese é que, de modo geral, encontraremos variação no uso da forma pronominal canônica para referência à P4 tanto na fala de homens quanto na de mulheres na amostra de obras da literatura infanto-juvenil de Santa Catarina. De modo específico, tendo em vista os resultados de estudos sociolinguísticos com dados de fala, nossa expectativa é que as mulheres estarão mais propensas a usar a forma canônica em relação aos homens. Quanto ao uso do pronome inovador, os indícios da pesquisa de Oliveira (2017) sugerem o emprego equilibrado entre homens e mulheres.

#### 5.3.4.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável sexo na Tabela 14, a seguir:

Tabela 14 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável sexo.

sexo	<i>A gente</i>		<i>Nós</i>		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
feminino	6	10	56	90	62	37

masculino	38	36	67	64	105	63
<b>Total</b>	44	26	123	74	167	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 167 dados de *nós* e *a gente* localizados na fala dos personagens de ambos os sexos, os resultados da Tabela 14 atestam que, na modalidade escrita, de modo geral, notamos que homens e mulheres empregam de modo alternado as variantes pronominais para referência à primeira pessoa do plural. Destaca-se o sexo masculino que empregou mais ( $105/167 = 63\%$ ) ambas as variantes do que as mulheres ( $62/167 = 37\%$ ). De modo específico, observamos que o sexo masculino empregou mais a variante canônica ( $67/105 = 64\%$ ) do que a variante inovadora ( $38/105 = 36\%$ ), contrariando nossa expectativa. Porém, vemos que também o sexo feminino usou mais a primeira variante ( $56/62 = 90\%$ ) em relação a segundo ( $6/62 = 10\%$ ), confirmando nossa hipótese. Outro aspecto que merece destaque é que, ao distribuir os 44 dados de *a gente* entre ambos os sexos dos personagens, verificamos que a maior parte do pronome inovador foi empregada pelos homens, contrariando os resultados de Oliveira e a nossa expectativa. Também, contrariando nossa expectativa, os 74 dados de *nós* foram mais empregados pelos homens do que pelas mulheres.

Portanto, nossos resultados se aproximam aos de Oliveira (2017) no que diz respeito ao uso do pronome inovador pelos homens e aos de Silvano (2016) no que tange ao emprego do pronome canônico pelas mulheres. Mas diverge do resultado de Oliveira (2017) porque ambos os sexos empregaram mais a forma canônica nas obras literárias infantojuvenis catarinenses.

### 5.3.5 Autor

#### 5.3.5.1 Caracterização e hipóteses

Nossa pesquisa tem por base a seleção de 16 obras da literatura infantojuvenil de escritores nascidos ou com publicações no território catarinense. Coletamos dados de 14 autores diferentes, sendo 8 do gênero masculino e 6 do feminino. Apresentamos brevemente a biografia<sup>33</sup> de cada um deles a seguir.

Balbino Martins é um escritor catarinense talentoso que tem uma escrita sensível e envolvente, capaz de transmitir valores humanos e éticos de forma lúdica e cativante. Suas obras abordam temas relevantes para jovens leitores, como a amizade, a solidariedade e a superação de desafios.

Adolfo Bernard Schneider é um escritor que utiliza sua escrita de forma crítica e reflexiva para abordar temas importantes e sensíveis relacionados ao meio ambiente e às questões ecológicas. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em provocar a reflexão e a conscientização sobre os problemas atuais do mundo.

Werner Zotz é um escritor catarinense que utiliza elementos da cultura local em suas histórias e aborda temas relevantes para a juventude, como a busca por identidade e o processo de amadurecimento. Suas obras são valorizadas por sua habilidade em cativar e envolver os jovens leitores.

Ricardo Luiz Hoffmann é um escritor que se destaca por suas obras que exploram a fantasia e a imaginação, levando os leitores a mundos mágicos e surpreendentes. Suas histórias são valorizadas por sua originalidade e criatividade, estimulando a imaginação e a criatividade das crianças e jovens.

Maria de Lourdes Krieger destaca-se por enaltecer a cultura e a história de Santa Catarina em suas obras, utilizando elementos locais em suas histórias e abordando temas relevantes para a região. Sua habilidade em transmitir a identidade e a riqueza cultural da região faz com que suas obras sejam valorizadas por aqueles que buscam conhecer mais sobre a história e a cultura do estado.

---

<sup>33</sup> As informações sobre os escritores foram compiladas por nós dos prefácios das obras, de redes sociais e de blogs pessoais. A leitura de cada uma das obras, bem como o contato pessoal com alguns escritores foram importantes para descrever as informações de cada um.

Marta Martins da Silva é uma escritora talentosa que tem em sua escrita uma forte carga poética e sensível, buscando transmitir valores humanos e éticos por meio de histórias emocionantes e envolventes. Suas obras são valorizadas por sua qualidade literária e sua capacidade em emocionar e sensibilizar os leitores.

Paulo Venturelli é um escritor catarinense que se destaca por suas obras que abordam temas relevantes para a juventude, como a amizade, a solidariedade e a superação de desafios. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em transmitir valores humanos e éticos de forma lúdica e envolvente.

Roberto Gomes é um escritor que aborda temas importantes relacionados à diversidade cultural e à inclusão social em suas obras, buscando transmitir valores de respeito e tolerância por meio de histórias emocionantes e envolventes. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em provocar a reflexão e a conscientização sobre temas relevantes.

Urda Klueger é uma escritora catarinense que utiliza a cultura local em suas histórias, transmitindo valores humanos e éticos por meio de personagens cativantes e histórias emocionantes. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em transmitir a identidade e a riqueza cultural da região.

Edla Van Steen é uma escritora catarinense que tem em sua escrita uma forte carga poética e sensível, buscando transmitir valores humanos e éticos por meio de histórias emocionantes e envolventes. Suas obras são valorizadas por sua qualidade literária e sua capacidade em emocionar e sensibilizar os leitores.

Dinara Tessari é uma escritora catarinense que utiliza a literatura para abordar temas importantes relacionados à inclusão social, valorizando a diversidade e a multiplicidade de vozes e perspectivas. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em transmitir valores humanos e éticos de forma lúdica e envolvente.

Sérgio T. Lorenzet é um escritor catarinense que utiliza a literatura para abordar temas relevantes relacionados à história e cultura de Santa Catarina, valorizando a identidade local e a riqueza cultural da região. Suas obras são valorizadas por sua qualidade literária e sua capacidade em transmitir a história e a cultura da região.

Adriana Sgarbosa é uma escritora catarinense que utiliza a literatura para abordar temas relevantes relacionados à infância e juventude, valorizando a imaginação e a criatividade dos leitores. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em estimular a imaginação e a criatividade das crianças e jovens.

Antônio Natálio Vignali é um escritor catarinense que utiliza a literatura para abordar temas sensíveis e importantes relacionados à vida e ao cotidiano, buscando transmitir valores humanos e éticos por meio de histórias emocionantes e envolventes. Suas obras são valorizadas por sua capacidade em provocar a reflexão e a conscientização sobre questões relevantes.

O levantamento breve da biografia de cada autor permite observar que a maioria dos autores são nascidos em Santa Catarina. Com o levantamento dos autores, pretendemos observar qual o escritor contribuiu na sua obra para a implantação da forma inovadora no estado catarinense em detrimento da forma canônica. Como se vê, em razão da dificuldade de localizar obras pelo critério exposto na seção da metodologia, apenas dois autores têm seus nomes repetidos na Tabela 16 abaixo: Zotz (1967, 1978) e Krieger (1979, 1983).

Nos estudos sociolinguísticos relacionados à alternância de *nós* e *a gente* na língua escrita, localizamos apenas a pesquisa de Oliveira (2017) em uma amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha que controlou a variável autor. A autora observou que apenas dois escritores não empregaram o pronome *a gente* nas narrativas ficcionais gaúchas, ou seja, a maioria tem percentuais acima de 60% da variante inovadora. Os dois autores que não elegeram o pronome *nós* para referência à primeira pessoa do plural foram Luís Dill e Walmir Ayala.

Devido à ausência de estudos anteriores que investigaram essa variável extralinguística, em nossa pesquisa não formulamos hipóteses específicas sobre a relação entre as variantes e o autor das obras da literatura infantojuvenil catarinense.

#### 5.3.5.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável autor na Tabela 16, a seguir:

Tabela 15 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável autor.

autor	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Martins (1957)	-	-	18	100	18	4,2
Schneider (1959)	4	80	1	20	5	1,1
Zotz (1967)	2	40	3	60	5	1,1
Hoffmann (1967)	4	7,1	52	92,9	56	13
Zotz (1978)	27	65,8	14	34,2	41	9,5
Krieger (1979)	12	15,5	65	84,5	77	18
Krieger (1983)	3	7,7	36	92,3	39	9
Silva (1984)	2	50	2	50	4	1
Gomes (1992)	2	50	2	50	4	1
Venturelli (1994)	15	34,9	28	65,1	43	10
Klueger (2001)	5	8,5	54	91,5	59	13,7
Van Steen (2001)	1	16,7	5	83,3	6	1,5
Tessari (2013)	1	6,7	14	93,3	15	3,5
Lorenzet (2014)	1	12,5	7	87,5	8	2,0
Sgarbosa (2020)	-	-	22/22	100	22	5,1
Vignali (2021)	-	-	27/27	100	27	6,2
<b>Total</b>	79	18	350	82	429	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados de *nós* e *a gente* localizados na amostra, os resultados da Tabela 15 atestam que, na modalidade escrita, de modo geral, das 16 obras investigadas, os autores de 13 obras empregaram as duas variantes pronominais para referência à primeira pessoa do plural, mas a forma que se sobressaiu foi a *nós* em relação à forma *a gente*, confirmando nossa hipótese de que nesse tipo de modalidade o registro escrito mais formal prevaleceria. Apenas três autores não alternaram as formas e a variante preferencial foi a canônica: Martins (1957), Sgarbosa (2020) e Vignali (2021). Embora tenhamos a repetição de nomes de dois

autores na Tabela 16 (Zotz, 1967, 1978; Krieger, 1979, 1983), não foram eles que apresentaram uso categórico do pronome *nós*. Como vimos, resultado semelhante foi observado por Oliveira (2017).

Em relação ao uso da forma canônica, os autores que concentraram as ocorrências mais altas da forma *nós* foram Tessari (2013) com 93,3%, Hoffmann (1967) com 92,9%, Krieger (1983) com 92,3%, Klueger (2001) com 91,5%, Lorenzet (2014) com 87,5% e Van Steen (2001), que também registrou índices altos (83,3). Portanto, o resultado da Tabela 16 demonstra que a maioria dos autores emprega a forma canônica de forma preferencial em 12 obras literárias, contrariando nossa expectativa.

No que diz respeito ao uso da forma inovadora, Schneider (1959) apresentou o maior percentual de uso (80%), seguido de Zotz (1978) com 65,8%, além de Silva (1984) e Gomes (1992), que apresentaram distribuição equilibrada de ambas as formas (50%). Porém, a frequência de ocorrência das variantes nestas duas obras é baixo: apenas 4 dados cada uma. Logo, o resultado da Tabela 16 mostra que apenas dois autores empregam a forma pronominal inovadora de modo preferencial em suas narrativas, contrariando nossa hipótese. Os demais escritores empregam índices abaixo de 50% ou até mesmo não registraram nenhuma ocorrência de *a gente*, como comentamos acima.

Em síntese, a Tabela 16 mostra como a forma *a gente* concorre com a forma *nós* segundo a variável autores na amostra de obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, mas a variante canônica ainda é a eleita pela maioria dos autores.

### **5.3.6 Localidade**

#### **5.3.6.1 Caracterização e hipóteses**

Santa Catarina é um estado brasileiro localizado na região Sul do país, que faz fronteira com Paraná, Rio Grande do Sul e Argentina. Possui uma área de 95 736,165 km<sup>2</sup> e uma população de 6,2 milhões de habitantes, sendo o décimo estado mais populoso do Brasil.



A população de Santa Catarina é composta por caucasianos, mestiços, afro-brasileiros e povos indígenas. Além disso, a região foi povoada por portugueses e diversos imigrantes europeus, como italianos, alemães, poloneses, ucranianos, entre outros.

Como vimos na seção da metodologia, as 16 obras da literatura infantojuvenil catarinense são publicações representativas das cidades de Florianópolis, Joinville, Blumenau, Indaial, Brusque, Chapecó, São José e Sombrio, contemplando assim quase todas as seis mesorregiões do estado catarinense. No Norte Catarinense se destacou o gênero conto, assim como no Vale do Itajaí, no Sul Catarinense, na Grande Florianópolis e no Oeste Catarinense. Infelizmente, não foi possível encontrar obras infantojuvenis da região serrana do estado que atendessem ao perfil de investigação buscado em nossa pesquisa.

A seguir, caracterizamos brevemente cada uma das oito cidades representativas das obras:

Brusque, Blumenau e Indaial estão localizadas na Mesorregião do Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina. Essa região é conhecida por sua forte presença na indústria têxtil e de confecções, com destaque para a produção de jeans.

Brusque é uma cidade com forte presença na indústria têxtil e de confecções, sendo considerada o polo brasileiro da moda íntima. A cidade também é conhecida por sua rica cultura e tradição alemã, com festas típicas.

Blumenau é uma cidade também com forte influência da cultura alemã, sendo famosa pela Oktoberfest, um festival de cerveja e música que atrai turistas de todo o Brasil e do mundo. A cidade é também um importante polo tecnológico, com diversas empresas de tecnologia e inovação.

Indaial é uma cidade que apresenta forte presença na indústria têxtil e de confecções, assim como Brusque. A cidade também é conhecida por sua produção de artigos esportivos e por sediar importantes instituições de ensino superior.

Florianópolis e São José estão localizadas na Mesorregião da Grande Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Essa região é conhecida por sua forte presença na indústria, comércio e turismo, sendo um importante polo econômico do estado.

Florianópolis é a capital do estado e está localizada em uma ilha no litoral, com praias paradisíacas e rica biodiversidade. A cidade é também um importante centro de tecnologia, com diversas empresas instaladas na região.

São José é uma cidade próxima a Florianópolis, também localizada na região litorânea. É um importante polo industrial, abrigando diversas empresas de diferentes setores, como construção civil, tecnologia e serviços.

Joinville está localizada na região norte catarinense. A cidade é a maior do estado em termos de área territorial e apresenta grande relevância no cenário econômico e cultural da região.

Sombrio é uma cidade no sul de Santa Catarina, conhecida por suas praias e pelo turismo de verão.

Chapecó está localizada na mesorregião do Oeste Catarinense e é conhecida por sua produção agroindustrial e agrícola, sendo um importante polo de produção de alimentos e agroindústria.

Nos estudos sociolinguísticos relacionados à alternância de *nós* e *a gente* na língua escrita, não localizamos nenhuma obra que tivesse feito o controle da variável localidade, por isso, partindo da premissa de que o estado catarinense foi povoado por diversas etnias, com características típicas em cada região, nossa hipótese é que o comportamento das variantes *nós* e *a gente* também se alterne entre as localidades de publicação dos livros.

### 5.3.6.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável localidade na Tabela 16, a seguir:

Tabela 16 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável localidade.

localidade de publicação da obra	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Blumenau	11	9,2	108	90,8	119	27,7
Brusque	30	18,9	129	81,1	159	37

Chapecó	2	8,7	21	91,3	23	5,5
Florianópolis	3	10,7	25	89,3	28	6,5
Indaial	29	63	17	37	46	10,7
Joinville	4	80	1	20	5	1,2
São José	-	-	22	100	22	5,1
Sombrio	-	-	27	100	27	6,3
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>18</b>	<b>350</b>	<b>82</b>	<b>429</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados de *nós* e *a gente* localizados na amostra, os resultados da Tabela 16 atestam que, na modalidade escrita, de modo geral, seis das oito cidades catarinenses contempladas apresentaram alternância dos pronomes *nós* e *a gente*. Em apenas duas cidades (São José e Sombrio) a única forma empregada para referência à primeira pessoa do plural foi a canônica. De modo específico, as cidades cujo registro do uso do pronome inovador foi mais alto são Joinville (80%), Indaial (63%), mas a primeira obteve apenas 5 dados totais e a segunda 29, o que configura certo desequilíbrio na frequência das variantes. Já as cidades cujo registro do uso do pronome canônico foi mais elevado são Chapecó (91,3%), Blumenau (90,8%), Florianópolis (89,3%) e Brusque (81,1%).

Outro aspecto que merece destaque é que, ao distribuir os 79 dados de *a gente* entre as oito localidades onde as obras foram publicadas, verificamos que a maior parte das ocorrências do pronome inovador foi empregada nas publicações de Indaial e Brusque e a menor parte das ocorrências desse pronome foi usada nas publicações de Chapecó, Florianópolis, Joinville e Blumenau. Por fim, como destacamos acima, os 350 dados de *nós* foram empregados em todas as localidades onde as 16 obras foram publicadas em Santa Catarina.

Na sequência, porque obtivemos sucesso em conseguir obras da literatura infantojuvenil de 5 das 6 mesorregiões catarinenses<sup>34</sup>, decidimos por agrupar as localidades de acordo com as seguintes regiões: Oeste (Chapecó), Norte (Joinville), Sul (Sombrio), da Grande Florianópolis (São José e Florianópolis), do Vale do Itajaí (Brusque, Blumenau e Indaial) para observar o comportamento das variantes para

<sup>34</sup> Lembramos o leitor que não localizamos nenhuma obra da literatura infantojuvenil do Planalto Serrano.

referência à primeira pessoa do plural. Infelizmente, como se observa, não temos uma distribuição equilibrada entre as cidades de cada mesorregião, visto que a Grande Florianópolis e o Vale do Itajaí concentram a maior representatividade do que as outras três mesorregiões. Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável mesorregião na Tabela 17, a seguir:

Tabela 17 - Distribuição de *nós* e *a gente*, segundo a variável mesorregião de publicação da obra.

localidade de publicação da obra	A gente		Nós		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Vale do Itajaí	70	21,6	254	78,4	324	75,5
Oeste Catarinense	2	8,7	21	91,3	23	5,4
Grande Florianópolis	3	6	47	94	50	11,6
Norte Catarinense	4	80	1	20	5	1,2
Sul catarinense	-	-	27	100	27	6,3
<b>Total</b>	79	18	350	82	429	100

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados de *nós* e *a gente* localizados na amostra, os resultados da Tabela 18 atestam que, na modalidade escrita, de modo geral, quatro das cinco mesorregiões catarinenses contempladas apresentaram alternância dos pronomes *nós* e *a gente*. Apenas na mesorregião Sul catarinense a forma canônica foi categórica. Como era esperado, porque não temos uma distribuição equilibrada entre as cidades de cada mesorregião, visto que a Grande Florianópolis e o Vale do Itajaí concentram maior representatividade do que as outras três mesorregiões, foram estas duas que apresentaram a mais alta frequência de dados das variantes. Ao analisar as duas formas pronominais em separado, vemos que esse resultado não se altera.

### 5.3.7 Tempo

#### 5.3.7.1 Caracterização e hipóteses

A extensão do tempo no controle da alternância da referência à primeira pessoa do plural tem sido uma variável testada em diversas pesquisas sociolinguísticas, seja na dimensão do tempo real ou do tempo aparente. Embora ainda haja poucas pesquisas que investiguem a variação entre o uso de "nós" e "a gente" em dados escritos, Zilles (2007), Vianna (2012), Oliveira (2017) e Monguilhott et al. (2021) observaram um aumento no uso da forma inovadora em relação à forma canônica ao longo do tempo.

Segundo Zilles (2007), os percentuais começam em 56% na década de 1970 e aumentam para 72% na década de 1990. Em um estudo posterior, Oliveira (2017) constatou que a forma inovadora foi utilizada em 90,3% dos casos, em contraste com a forma canônica. No estudo de Vianna (2012), a adoção do uso de "a gente" foi identificada em uma análise comparativa entre "nós" e "a gente" no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB). Ao investigar a ocorrência do fenômeno na cidade de Funchal, na Ilha da Madeira em Portugal, os resultados mostraram uma preferência pelo uso da forma inovadora em detrimento da forma mais antiga.

De acordo com Oliveira (2017), a literatura infantil gaúcha tem desempenhado um papel significativo na disseminação da mudança linguística ao utilizar o pronome inovador "a gente" em suas obras. A amostra de obras de literatura analisada inclui autores renomados de nível nacional, como Walmir Ayala, Lygia Bojunga Nunes, Sérgio Caparelli e Moacyr Scliar, entre outros, o que evidencia a aceitação da mudança na língua escrita.

Na amostra diacrônica examinada por Monguilhott et al. (2021), foi observado que os resultados encontrados para o pronome inovador "a gente" está em consonância com o que é afirmado na literatura. Assim, em relação à expressão de P4, a forma pronominal "nós" mostrou-se categórica no século XIX e praticamente exclusiva no século XX, com poucos casos da forma pronominal *a gente*. Com

relação à concordância verbal de P4, as autoras notaram uma prevalência da variante marcada, ou seja, "*nós* + -mos".

Considerando essas pesquisas, é possível observar algumas tendências no uso de pronomes de primeira pessoa do plural na língua portuguesa. Oliveira (2017) constatou uma maior recorrência do uso do pronome "*a gente*" em obras de literatura infanto-juvenil gaúcha, enquanto Caldeira (2019) encontrou maior frequência do uso nominal em comparação ao uso pronominal de "*a gente*". Já Monguilhott et al. (2021) verificaram que o pronome "*nós*" é predominante na escrita, especialmente no século XIX. É importante ressaltar que, apesar do aumento no uso do pronome "*a gente*" ao longo do tempo, o pronome "*nós*" ainda é amplamente utilizado na escrita, o que indica uma persistência do uso da forma canônica.

Assim, com o intuito de avaliar se a mudança linguística no uso de pronomes de primeira pessoa do plural, especialmente identificada por Oliveira (2017) em uma amostra de escrita gaúcha, também se manifesta em obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, pretendemos controlar essa variável de maneira mais aprofundada, considerando oito décadas analisadas.

A partir das constatações dos estudos anteriores, nossa hipótese é que haverá variação no uso das formas pronominais em Santa Catarina, com um aumento progressivo no uso da forma inovadora ao longo das oito décadas que controlamos e, conseqüentemente, uma maior presença da forma canônica nas primeiras décadas. Com essa hipótese, buscamos verificar se há um aumento no uso do pronome *a gente* ao longo das oito décadas nas obras de literatura infantojuvenil de Santa Catarina.

### 5.3.7.2 Resultados e discussão

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* de acordo com a variável década<sup>35</sup> na Tabela 18, a seguir:

---

<sup>35</sup> Lembramos o leitor que foram 8 décadas analisadas, contendo em cada período 2 publicações literárias.

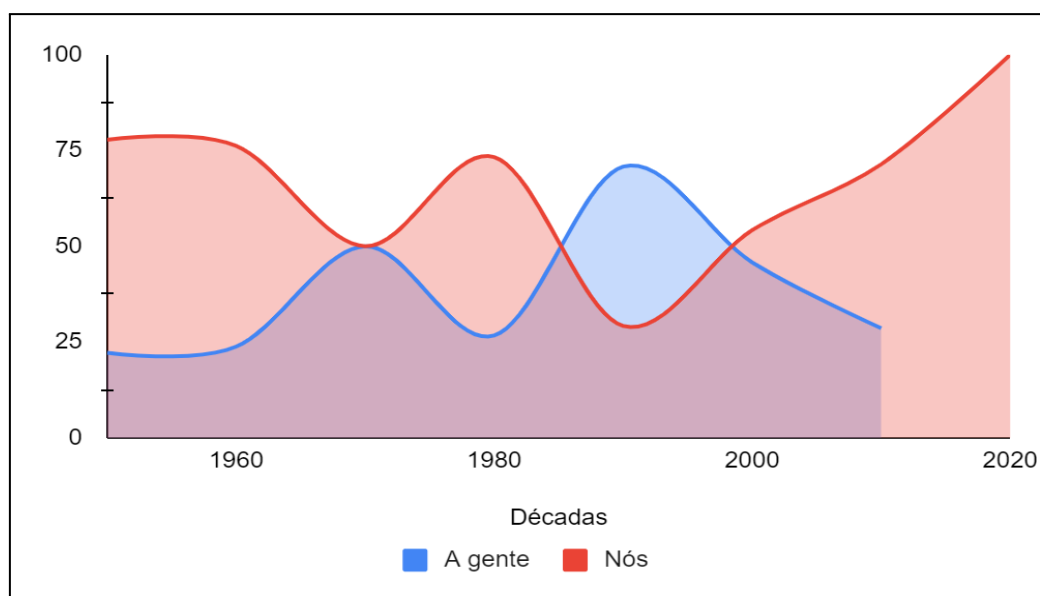
Tabela 18 - Distribuição das formas *nós* e *a gente* por década

Décadas	<i>a gente</i>		<i>nós</i>		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
1950	4	17,4	19	82,6	23	5,4
1960	6	9,8	55	90,2	61	14,2
1970	39	33	79	67	118	27,5
1980	5	11,6	38	88,4	43	10
1990	17	36,2	30	63,8	47	11
2000	6	9,2	59	90,8	65	15,1
2010	2	8,7	21	91,3	23	5,4
2020	-	-	49	100	49	11,4
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>18</b>	<b>350</b>	<b>82</b>	<b>429</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Do total de 429 dados de *nós* e *a gente* localizados na amostra, os resultados da Tabela 18 atestam que, na modalidade escrita, de modo geral, ao longo das décadas, a variante canônica ( $350/429 = 82\%$ ) se sobressai diante da variante inovadora ( $79/429 = 18\%$ ), conforme nossa expectativa. Porém, nos chama atenção que, na década mais recente e ainda não finalizada, a forma pronominal *nós* foi categórica. De modo específico, nossa hipótese também se confirmou, pois, nas duas primeiras décadas, o percentual da variante canônica em relação à variante inovadora manteve-se acima de 82%, contudo, na década de 1970 e 1990 esse percentual diminuiu e se equilibrou com a variante *a gente*. Já nos últimos 30 anos, nos deparamos com a manutenção da forma canônica. A julgar pelo percentual de dados coletados nesses dois últimos períodos, é incerto afirmar que o pronome *nós* está mais presente nas obras, mas precisamos estar atentos e observar o desempenho da variável canônica em tempos atuais. A forma inovadora também demonstrou ter alcançado mais espaço em obras da literatura infantojuvenil, mas ainda sofre a pressão da escrita formal pelo uso da forma mais prestigiada.

Vejamos a distribuição de *nós* e *a gente* no Gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 - Frequência das formas *nós* e *a gente* por década

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Os resultados do Gráfico 2 confirmam nossa hipótese de que a forma canônica é ainda a preferida para emprego nas obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina. Contudo, a forma pronominal de primeira pessoa do plural *a gente* também está sendo incrementada ao longo das décadas pelas obras em razão da aproximação da linguagem ao público infantojuvenil. Vimos que, a partir de seu crescimento no mercado editorial na década de 1970, os livros direcionados ao público infanto-juvenil de Santa Catarina têm acompanhado as evoluções e atualizações necessárias para se adaptarem às mudanças do tempo e do público-alvo. Além disso, têm expandido e diversificado suas criações, abordagens temáticas, formas de produção e distribuição.

Em síntese, os resultados mostram que, nas obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, tanto os participantes mais velhos quanto os mais jovens utilizaram mais a variante *nós* (74%) do que a variante *a gente* (26%) ao se referirem à primeira pessoa do plural na modalidade escrita. Isso sugere que há uma variação



no uso das formas pronominais. Contrariando nossa hipótese, os participantes mais jovens preferiram a forma canônica em vez da forma inovadora. Além disso, observamos que a faixa etária mais velha utilizou mais a forma *a gente* do que as crianças e adolescentes. Esses resultados dão pistas de uma possível mudança linguística no uso dos pronomes de primeira pessoa do plural nas obras da literatura infantojuvenil, corroborando com estudos anteriores realizados por Oliveira (2017).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, esta dissertação investigou as formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural em 16 obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina e revelou informações importantes sobre o uso da língua ao longo de oito décadas entre os séculos XX e XXI. Ao partirmos do pressuposto de que a variação pronominal de P4 ocorre nas obras investigadas em função de condicionadores linguísticos e extralinguísticos, baseamo-nos nos princípios teórico-metodológicos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), que fundamentam a variação e a mudança linguística a partir do contexto social.

Este estudo se inscreve na primeira onda, segundo Eckert (2012), porque enfatiza a importância do contexto social e das relações de poder na variação linguística, o que é relevante para a identificação dos possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos do uso de "*nós*" e "*a gente*" nas obras da literatura infantojuvenil catarinense examinadas. A análise da dissertação contribui para a compreensão de como os autores usam a linguagem para criar e manter grupos sociais, outro tema central dos estudos de Eckert.

No primeiro capítulo, introduzimos o tema descrevendo e exemplificando o objeto de estudo, que é a variação na referência à primeira pessoa do plural em trechos de obras literárias infanto juvenis. Em seguida, estabelecemos os objetivos gerais e específicos e, posteriormente, propomos questões e hipóteses correspondentes.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão teórica, abordando os princípios teóricos da Teoria da Variação e da Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), também conhecida como Sociolinguística Variacionista. Em seguida, explicamos as dimensões interna e externa da variação e o fenômeno da mudança linguística.

No terceiro capítulo, realizamos um levantamento bibliográfico em gramáticas normativas e descritivas, bem como em estudos prévios sobre as variantes que são objeto de estudo, com destaque para os resultados de análises de amostras da língua escrita.

No quarto capítulo, descrevemos a metodologia quali-quantitativa adotada na análise das obras selecionadas para a amostra, visando identificar os diversos aspectos linguístico e extralinguísticos que se relacionam à alternância da referência à primeira pessoa do plural. Além disso, apresentamos uma descrição da evolução histórica da literatura brasileira e catarinense voltada ao público infantojuvenil.

Por fim, no quinto capítulo, descrevemos e analisamos os resultados obtidos a partir do corpus e da amostra selecionada, examinando a frequência e o percentual de uso das formas pronominais para referência à primeira pessoa do plural. Nosso objetivo foi identificar como a referência à primeira pessoa do plural se alterna ao longo do tempo, tendo em conta a influência de fatores linguísticos e sociais controlados nesta pesquisa.

Nosso primeiro objetivo específico foi fazer o levantamento das formas pronominais preferenciais empregadas para referência à primeira pessoa do plural nas obras de literatura infantojuvenil catarinense examinadas.

Para isso, foram feitos o levantamento e a coleta de dados de 16 obras de autores catarinenses, inserindo os dados em uma planilha do Excel e organizando em colunas todos os dados das variantes pronominais de P4 e os fatores linguísticos e extralinguísticos controlados na pesquisa. Inicialmente coletamos informações sobre todas as instâncias em que foram utilizados os pronomes *nós* (expresso ou marcado na desinência verbal) e *a gente* (pronominal - expresso ou marcado na desinência verbal), bem como os dados referentes aos pronomes oblíquos átonos *nos* e *se* e ao pronome oblíquo tônico *conosco*, para destacar o uso predominante dessas formas em referência a P4.

Analisando as obras de literatura infantojuvenil publicadas em Santa Catarina desde a década de 1950 até a atualidade, identificamos resultados em frequência e percentual das formas pronominais de primeira pessoa do plural, totalizando 501 ocorrências. Dentre esses dados totais, 399/501 (80%) correspondem à forma canônica *nós*, que inclui os pronomes oblíquos *nos* e *conosco*, enquanto 102/501 (20%) se referem à forma inovadora *a gente*, que agrupamos com o pronome oblíquo *se*. Esses resultados são consistentes com os estudos anteriores (ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009; SILVANO, 2016; CALDEIRA, 2019; MONGUILHOTT et al., 2021), de que a variante canônica seria mais frequente na amostra de obras de literatura infantojuvenil de Santa Catarina, embora também se observe o emprego da variante inovadora.

O segundo objetivo específico de nossa pesquisa foi investigar possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos do uso de *nós* e *a gente* nas obras da literatura infantojuvenil catarinense examinadas e identificar qual(ou quais) o(s) tipo(s) de fator mais favorecedor(es) dessa variação. Diversas pesquisas foram conduzidas sobre a variação das formas pronominais de P4, tanto na fala quanto na escrita. Utilizamos os resultados dessas pesquisas, em especial da escrita, para definir quais variáveis linguísticas e extralinguísticas a serem controladas em nosso estudo. No entanto, apenas apresentamos a frequência e os percentuais de ocorrência das formas "*nós*" e "*a gente*" nas obras investigadas.

Iniciamos com a definição dos seguintes fatores linguísticos: a função sintática, o preenchimento do sujeito, o tipo de referência, a marca morfêmica e a saliência fônica. Os resultados observados no controle da função sintática confirmaram a nossa hipótese de maior ocorrência na posição de sujeito (86%). De 429 dados, 79 foram ocorrências do pronome sujeito *a gente* e 350 do pronome sujeito *nós*. As demais funções, como objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adnominal e adjunto adverbial, se distribuíram em apenas 72 ocorrências. O segundo fator linguístico nos possibilitou verificar que, em nossos dados da escrita, não houve nenhuma ocorrência de não concordância. Portanto na análise da marca morfêmica, obtivemos 100% de combinação entre o pronome *a gente* + zero e o pronome *nós* + o morfema -mos. Percebemos, no que tange ao preenchimento do sujeito, que as obras catarinenses infantojuvenis ainda carregam o traço presente na escrita formal do sujeito não preenchido (74%), inclusive a maior ocorrência foi do uso da marca morfêmica -mos (92%). Na sequência, quanto à variável saliência fônica, visivelmente atestamos nossa hipótese, pois a frequência mais alta das formas pronominais ocorreu com os graus 1, 2 e 3, e a frequência mais baixa das variáveis se deu entre os graus 4, 5 e 6. Nosso último fator linguístico controlado foi o tipo de referência cujos percentuais que mais se destacaram foram do tipo específico (91%), ou seja, diante do contexto narrativo, a menção utilizada elenca, além do locutor que está falando, outro personagem ou até uma cena da história, sendo assim sujeitos e elementos da história que estão próximos ao locutor.

Na sequência, partimos para definição dos fatores extralinguísticos: o gênero literário narrativo, tipo de narrador, faixa etária, sexo dos personagens, o autor, a localidade e o tempo. Os resultados verificados no controle do gênero literário

narrativo apontam que as formas pronominais se concentraram mais entre o gênero romance (31%), seguido pelo gênero conto (27%). Perante a necessidade de investigação dos resultados mais a fundo, percebemos que oito dos 9 contos selecionados apresentaram significativa alternância entre as formas pronominais de *nós* e *a gente*. A análise do tipo de narrador precisou partir primeiramente para uma observação das 429 ocorrências de sujeito, dentre esses dados entendemos que 167 eram registros da narrativa dos personagens e 262 eram participações do narrador. Portanto, quando o narrador estava presente na narrativa das obras, no geral eram ocorrências de 1ª pessoa (98,5%), ou seja, o narrador se inclui no texto como personagem. Já analisando o outro conjunto de dados, ou seja, as 167 ocorrências das formas pronominais de P4 só na fala dos personagens, fomos surpreendidos, pois os resultados atestaram contra nossa hipótese inicial. De um lado, a faixa etária mais jovem (crianças e adolescentes) que sempre era considerada como a que mais impulsiona a variante *a gente* mostrou maior uso do pronome *nós* (74,5%). Por outro lado, a faixa etária mais velha (adultos e mais velhos) que tende a ser considerada mais conservadora e mais adepta em inúmeras pesquisas ao uso da forma *nós* apresentou mais registros do pronome *a gente* (26,7%). A próxima análise prossegue com a base dos 167 dados do personagem. Nela observamos a distribuição das formas *nós* e *a gente* entre os personagens do sexo feminino e masculino. Destacam-se o sexo masculino por apresentar mais ocorrências (105/167) das variantes pronominais de primeira pessoa do plural contra 62 ocorrências do sexo feminino. Para as próximas análises, regressamos aos 429 dados e observamos o comportamento da variável autor. Constatamos que a maioria dos autores alternaram as ocorrências das formas pronominais de primeira pessoa do plural, mas três deles se limitaram ao registro exclusivo da forma canônica. Para observar mais atentamente o envolvimento dessas obras e de seus respectivos autores, consideramos relevante a análise da localidade de publicação dessas obras. Das 8 cidades catarinenses contempladas em nossa amostra, seis apresentaram alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*. Por último, finalizamos nosso estudo com a análise do tempo, a fim de verificar se a forma inovadora é crescente ao longo de oito décadas de escrita das obras literárias infanto juvenis. Entre o período de 1950 até 2021, dois períodos em especial foram marcados pelo uso da forma inovadora: as décadas de 1970 e 1990. Nas demais, a forma canônica manteve seus altos índices de uso da modalidade de escrita.

O nosso terceiro objetivo específico foi observar se houve um processo de mudança linguística em andamento no uso dos pronomes para expressão da primeira pessoa do plural nas obras de literatura infantojuvenil catarinense.

Nossa investigação permitiu inferir que a mudança linguística, identificada anteriormente por Oliveira (2017), no uso de pronomes de primeira pessoa do plural em obras da literatura infantojuvenil de Santa Catarina, também pode ser observada nesse tipo de literatura.

Mostrou que, nas duas primeiras décadas, a forma canônica foi a mais utilizada, com percentual acima de 82%. Na década de 1970 e 1990, houve uma diminuição desse percentual e um equilíbrio com a forma pronominal inovadora "*a gente*". Nos últimos 30 anos, houve uma ascensão da forma canônica. Os resultados confirmam a hipótese de que a forma canônica é a preferida nas primeiras décadas, mas afirmam parcialmente que a forma "*a gente*" foi incrementada nas últimas décadas para se aproximar da linguagem do público infantojuvenil. Contudo a forma inovadora ainda sofre com o embate da forma mais prestigiada.

Ao chegarmos ao fim desta dissertação, temos consciência de suas limitações, mas acreditamos na sua contribuição com os estudos descritivos que tratam da variação e da mudança entre os pronomes de P4 no PB, tendo em vista que nenhum trabalho sobre a literatura infantojuvenil catarinense foi localizado com propósitos semelhantes.

Portanto, consideramos que ainda existem várias possibilidades de desdobramentos futuros para esta pesquisa sobre as formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural na literatura infantojuvenil catarinense, tais como:

1. Tratamento dos dados coletados pelo Programa R, criado na Bell Laboratories por Rick Becher, John Chambers e Allan Wilks. Trata-se de um programa computacional que permite a realização de cálculos, simulações e desenvolvimento estatístico. Além da grande variedade de cálculos matemáticos, o programa possibilita a construção de gráficos.
2. Análise comparativa: uma análise comparativa com outras amostras diacrônicas de obras literárias infantis e juvenis de outras regiões pode fornecer informações sobre a variação linguística regional e nacional.

3. Estudo de gênero: uma investigação sobre as diferenças de uso das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural em obras literárias infantis e juvenis escritas por autores de diferentes gêneros pode contribuir para a compreensão das questões de identidade de gênero e representatividade.
4. Análise linguística e extralinguística do uso de *a gente* (nominal) e do pronome possessivo *nosso* em nossa amostra.
5. Análise de aspectos discursivos: uma análise mais aprofundada dos aspectos discursivos relacionados ao uso das formas pronominais, como a intenção comunicativa do autor e o efeito sobre o leitor, pode enriquecer a compreensão do uso dessas formas linguísticas na literatura infantojuvenil.
6. Estudo de impacto social: a pesquisa pode ser expandida para investigar o impacto social das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural na literatura infantojuvenil catarinense, especialmente em relação à formação de identidade e empoderamento de grupos minoritários.

## REFERÊNCIAS

- ALVES PINTO, Ziraldo. **O menino maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- AYALA, Walmir. **A toca da coruja**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BERTOZZO, André Fabiano. **De Conector a Marcador Discursivo: “Como”, “Que nem” e “Tipo” em Chapecó/SC**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 18. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado. UFPR, 1998.
- BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRANCO, Irdes Melyna. **Anglicismos no Português Brasileiro: Um estudo sociolinguístico em tweets do Oeste Catarinense**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021.
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. Coleção Primeiros Passos.



CALDEIRA, Wilson José. **Uso Pronominal de “a gente” na fala de personagens da obra de Monteiro Lobato**: contribuições para o ensino. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206343> Acesso em: 10 mar. 2021.

CALLOU, Dinah. A propósito da mudança. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs ). **Ensino de Gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

CAMARA Jr. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 35. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002 [1970].

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CAVALCANTE, M. C. B. Sociolinguística. In: Faria, E. M. B. de; Cavalcante, M. C. B. (Org.). **Língua Portuguesa e Libras**: teorias e práticas vol. 3, 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2011. p. 239-81.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 141-155, 2008.

CHAVES, R. G. **Princípio de saliência fônica: isso não soa bem**. *Letrônica*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 522–550, 2014. DOI: 10.15448/1984-4301.2014.2.17892. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/17892>. Acesso em: 18 mar. 2023.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de; **Sociolinguística**. UFSC. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172 p. Disponível em: [http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf). Acesso em: 22 fev. 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. Florianópolis: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. **Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX** [recurso eletrônico]. Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/978-65-5805-024-7>. Acesso em 31 de mar.2022.

COUTINHO, Marilda. **Entrevista com o escritor Salim Miguel**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17578/16150> Acesso em: 11 out. 2021.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**: edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Contos plausíveis**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

DUARTE, M. Eugênia L.; MOURÃO, Gabriela; SANTOS, Heitor. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. **O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992)**: estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 21-44.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual review of Anthropology**, Palo Alto, v. 41, p. 87-100, 2012.

ELY, L. **As construções condicionais em cartas pessoais do português brasileiro: uma análise baseada no uso**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó (SC).2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3249/1/ELY.pdf>. Acesso em: 01 março/ 2022.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. In: M. BAGNO (org.) São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

\_\_\_\_\_. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C.E. ; MOURA, F.M. **Gramática Nova**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M.. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo:Contexto,2017

FERNANDES, Eliene Alves. **Nós e a gente**: variação na cidade de João Pessoa. Dissertação de Mestrado. UFPB, 1997.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maia Alice. **Banco de dados Sociolinguísticos do Português Brasileiro e os Estudos de Terceira Onda**: Potencialidades e Limitações. São Paulo: Alfa, 2012.

FREITAS, J. Nós e a gente em elocuições formais. **Estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, n. 11, p. 91-102, ago. 1991.

GOMES, Roberto. **O menino que descobriu o sol**. São Paulo: FTD, 1995.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. **Variação linguística e ensino de gramática**. Working Papers em Linguística, v. 10, p. 73-91, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73> Acesso em: 13 de set. 2021.

GÖRSKI, E.; ROST SNICHELOTTO, C. A. **Estudos Gramaticais**. Florianópolis: LLV/ CCE/ UFSC, 2008.

GÖRSKI, E. **Variação pronominal em obras infantis de Monteiro Lobato: motivações socioestilísticas**. Porto das Letras, v. 6, n. 1, p. 142-166, 17 abr. 2020.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 53-92.

HOFFMANN, Ricardo L. **A superfície**. Rio de Janeiro: GRD, 1967.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

KIRSTEN, Vanessa Jacqueline. **Variação e mudança linguística na fala de crianças de Chapecó: um estudo da referência de primeira pessoa do plural**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, 2021

KRIEGER, Maria de Lourdes. **Recordações de Um Agente Secreto**. II. Leonardo Menna Barreto Gomes. 8.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

\_\_\_\_\_. **Uma família tão comum**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KLUEGER, Urda Alice. **Crônicas de Natal e Histórias da minha Avó**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, [1972] 2008.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008 .

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: Histórias & Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Revista Delta**, vol. 14, n.º2, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum linguístico**. Florianópolis, v.4, n.1, p.47-80, julho 2004.

LOPES, Jezebel Batista. **Variação, percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

LORENZET, Sérgio. **Nico e Anita e as aventuras no rio Ariranha**. Chapecó: Ed. do Autor, 2014.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MACHADO, Lisandro Bitencourt; BECHER, Edinei Luís. Aprendendo estatística com o software R. **Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Encontro Nacional de Educação Matemática**, São Paulo: 2016. Disponível em: [http://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/6345\\_2685\\_ID.pdf](http://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/6345_2685_ID.pdf). Acesso em nov. 2021.

MARTINS, Balbino. **Um grande entendimento**. Escola Domingos Sávio: Florianópolis, 1957.

MEDEIROS, Martha. **Feliz por nada**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

MENON, O. P. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Letras, Curitiba, p. 91-106, 1995.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1994.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Monguilhott *et al.* Variação nós e a gente em Santa Catarina: do presente para o passado. In: **Aspectos sócio-históricos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX**. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227756>

MUNIZ, Cleuza Andrea Garcia. **Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento**. Dissertação (mestrado). UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - MS (2008).

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Ana Paula Moraes dos Passos de. **A variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural Nós e A gente numa amostra de literatura infantojuvenil gaúcha**. Dissertação (Mestrado). UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS (2017).

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. Pe. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Departamento de linguística e filologia, UFRJ, 1998. p.183-215.

\_\_\_\_\_. **A referência à primeira pessoa no plural**. In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 311-323.

\_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, Maria; DUARTE, Eugênia (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**, v.1.0.1 (dez/2017). Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Disponível em: <<https://rpubs.com/oushiro/iel>>. Acesso em 19 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. p.134-177. In FREITAG, R. M. (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>>. Acesso em 19 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. p.117-132. In FREITAG, R. M. (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>>. Acesso em 19 mar. 2022.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMPÃO, Tatiana Schowchow; SANTOS, Wendel Silva dos. **Varição ou mudança em progresso? A expressão do modo subjuntivo em três variedades do português brasileiro**. 30. ed. Caderno Seminal Digital Especial: [s. n], 2018.

ROCHA, João. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

ROCHA, Pedro Albeirice da; LOPES, Robson Vila Nova. **Literatura infantojuvenil: história e relações com a pedagogia**. Revista Querubim: revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, v. 12, Seção Especial, p. 1-6, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/querubim/issue/download/2481/557>. Acesso em 01/02/22.

ROCHA, Ruth. **A Arca de Noé**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística**: Panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. In: Fórum Linguístico, Florianópolis, V. 8, n. 2, p. 187-207, abr. 2012. ISSN 1984-8412. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012. Capítulo I. Visão geral da história da Linguística (pp. 31-35).

SCHERER, Eliane. **De verbo causativo a marcador discursivo em Santa Catarina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **O coelhinho do halo azul**. Rásio-sketch pré-natalino em um ato. Joinville: s/ed., 1959.

SCHNEIDERS. Michele. **O tratamento da variação de primeira pessoa do plural em livros didáticos do português do ensino médio**. TCC Letras Português e Espanhol (Licenciatura) - Universidade Federal da Fronteira Sul, 2014.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Revista Organon**. Porto Alegre, v.14, n.28-29, p. 179-194, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30203/18711>>. Acesso em: 19 nov. 22.

SGARBOSSA. Adriana. **A lagarta que mudou a minha vida**. São José: Editora Meninas Ltda, 2020.

SILVA, João da. **O impacto das mudanças climáticas na economia mundial**. Revista de Economia Global, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 45-60, jul./dez. 2018.

SILVA, Josiana Aparecida da. **Modalizadores epistêmicos na fala de Chapecó/SC**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SILVA, Marta Martins da. **Maricota e Cocota**. Florianópolis: Cuca Fresca, 1984.

SILVANO, Gabriella Ligocki Pedro. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2016. 244f Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169216/342136.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

STRAPAZZON, Leila Teixeira da Rosa. **Usos de assim na fala e na escrita dos chapecoenses**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

TESSARI, Dinara. **A Árvore da Rua Tagarela**. Chapecó: Editora do Autor, 2013.

TONIOLI, Selma e BARUFFALDI, Vanda Bartalini. Sociolinguística: uso e norma na fala urbana. **Revista da Pós-graduação – Letras**. vol. 1 n.º 2, Edifício, 2007.

TRAPP, Kelly. **Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de informantes do município de Chapecó/SC**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VAN STEEN, Edla. **O Presente**. São Paulo: Global, 2001.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

VENTURELLI, Paulo. **O anjo rouco**. Curitiba: Editora Braga, 1994.

VIANNA, Juliana; LOPES, Célia. **A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador**. Caligrama, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, Juliana S.; LOPES, Célia Regina dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco A.; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-132.

VIEIRA, Francisco E.; FARACO, Carlos A. **Escrever na universidade: fundamentos**. São Paulo: Parábola, 2019.

VIGNALI, Antônio Natálio. **Quatro contos infantis**. Morro da Fumaça, SC: Soller Indústria Gráfica, 2021.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Tradução de Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, v. 1968, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ZILLES, Ana Maria Stahl. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, V. 42, N. 2, p. 27-44, 2007. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/277851899\\_O\\_que\\_a\\_fala\\_e\\_a\\_escrita\\_nos\\_dizem\\_sobre\\_a\\_avaliacao\\_social\\_do\\_uso\\_de\\_a\\_gente](https://www.researchgate.net/publication/277851899_O_que_a_fala_e_a_escrita_nos_dizem_sobre_a_avaliacao_social_do_uso_de_a_gente). Acesso em: 16 set. 2021.

ZILLES, Ana M. S. **The development of a new pronoun:** the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. Language Variation and Change, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005.

ZORTÉA, Tamires Regina. **Marcadores Discursivos em Talian no Programa Radiofônico Un Pochetin Dela Itàlia em Caibi**, Santa Catarina. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.


ZOTZ, Werner. **Balão de Cor**. Curitiba: Paulinas, 1967.

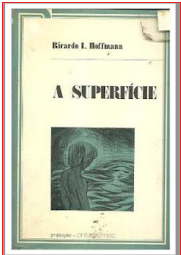
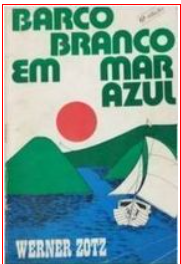
\_\_\_\_\_. **Barco branco em mar azul**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 1978.



## APÊNDICE A - Biografia e Resumo das Obras

Na sequência apresentamos uma breve biografia de cada autor, bem como, resumo das obras analisadas:

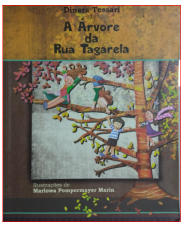

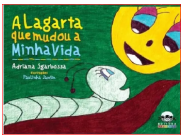
CAPA/ANO	BIOGRAFIA RESUMIDA DO AUTOR	BREVE RESUMO DA OBRA
<p>1957</p> 	<p><b>BALBINO MARTINS</b></p> <p>Balbino Martins é considerado um dos primeiros escritores do início da literatura infantil catarinense da década de 50.</p>	<p><b>UM GRANDE ENTENDIMENTO</b></p> <p>Um livro infantojuvenil que explica sobre as relações públicas por meio de uma história com animais. O cenário se dá em uma floresta onde os animais discutem sobre a sobrevivência de cada espécie.</p>
<p>1959</p> 	<p><b>ADOLFO SCHNEIDER</b></p> <p>Adolfo Schneider nasceu na cidade de Joinville, em 1906, e faleceu na mesma cidade, em 2001, aos 94 anos. Publicou vários artigos sobre temas diversos na imprensa de Santa Catarina, bem como livros, também de diversos temas e gêneros, entre os quais, podemos citar "O coelho do halo azul" em 1959.</p>	<p><b>O COELHINHO DO HALO AZUL</b></p> <p>Mariazinha, uma pobre menina europeia, auxiliada, na véspera de Natal, por um coelho de halo azul, e recebe dele auxílio para toda a comunidade que, vivendo na floresta e desprovida de alimentos por causa do rigoroso inverno, passava muita privacidade. As dificuldades eram reais, mas o auxílio, num primeiro momento foi invenção, pois não passava de um sonho da menina. No entanto, quando ela acorda percebe que muito havia mudado e um novo tempo de fartura se havia iniciado.</p>
<p>1967</p>	<p><b>WERNER ZOTZ</b></p> <p>Werner Zotz (Indaial, 1947) é um escritor brasileiro de literatura infanto-juvenil. Passou a infância em Rio Negrinho e viveu no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Teve também uma curta</p>	<p><b>BALÃO DE CÔR</b></p> <p>Conta a triste história de um menino muito pobre que vivia com uma senhora que o explorava e o fazia trabalhar. Felício vendia balões. Certo dia vendeu todos os balões para</p>


	<p>passagem pelo Parque Nacional do Xingu. Desde 1987 reside em Florianópolis.</p>	<p>alguns meninos ricos e foi convidado a lanchar e ganhou uma roupa nova. Chegando em casa não encontrou o dinheiro recebido pela venda dos balões então muito da senhora e teve que sair para a rua novamente com novos balões. Foi atropelado e morreu. A senhora que vivia com ele encontrou o dinheiro no bolso da calça velha que havia trocado pela nova e correu para alcançá-lo, mas deparou-se com ele morto sob uma poça de sangue.</p>
<p>1967</p> 	<p>RICARDO HOFFMANN</p> <p>O criciumense Ricardo Luiz Hoffmann nasceu em 1937, mas viveu sua infância em Blumenau. Residente em Florianópolis, Ricardo, advogado e mestre em administração universitária, foi colaborador dos jornais Diário Catarinense, O Estado (SC), O Estado de São Paulo e Correio Brasiliense (DF).</p>	<p>A SUPERFÍCIE</p> <p>“A Superfície” considerada pela crítica literária nacional o livro de ficção revelação do Brasil em 1967. O jovem Heinz passa a frequentar aulas particulares com o professor, também jovem, Beto. Mas o interesse por informação escolar é logo mais suplantado pela vivência existencial. E Heinz vai enveredando por tentativas de libertação do domínio paterno autoritário, dando vazão ao seu potencial artístico de pintor. Mas, superando o desajuste da submissão e opressão, Heinz não logra alcançar a harmonia interior e com seu meio ambiente, pelo que, ao final, acaba desaparecendo misteriosamente.</p>
<p>1978</p> 	<p>WERNER ZOTZ</p> <p>Werner Zotz (Indaial, 1947) é um escritor brasileiro de literatura infanto-juvenil. Passou a infância em Rio Negrinho e viveu no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Teve também uma curta passagem pelo Parque Nacional do Xingu. Desde 1987 reside em</p>	<p>BARCO BRANCO EM MAR AZUL</p> <p>A narrativa de Barco branco em mar azul, de Werner Zotz, é carregada de imaginação, envolvendo um velho, um menino e um barco. O autor nos conta a história de Geraldinho, um menino que mora em um vilarejo de pescadores, onde</p>

	Florianópolis.	certo dia aparece um grande barco. Todos ficam curiosos; alguns moradores tentam chegar perto e ouvem um velho, no barco, conversando com uma gaivota e com o próprio barco.
1979	MARIA DE LOURDES KRIEGER  Natural de Brusque, Santa Catarina, Maria de Lourdes nasceu em 1941. Fez curso de Letras na FURB — Universidade Regional de Blumenau — e mestrado em Letras pela UFSC — Universidade Federal de Santa Catarina — , desenvolvendo trabalho sobre hábitos de leitura. Professora desde os dezesseis anos, começou a publicar suas primeiras histórias em 1973, em um suplemento infantil de um jornal catarinense.	RECORDAÇÕES DE UM AGENTE SECRETO  João Oscar é um garoto que mora na pequena cidade de Brusque e começa a perceber que tem alguma coisa estranha na cidade quando dá um esbarrão num tipo mal-encarado. Uns dias depois, mistério: desaparecem os selos olho-de-boi de um filatelista conhecido. João começa a se interessar pelo assunto e dá uma de detetive.
1983	MARIA DE LOURDES KRIEGER  Maria de Lourdes Krieger é natural de Brusque, Santa Catarina, Maria de Lourdes nasceu em 1941. Fez curso de Letras na FURB — Universidade Regional de Blumenau — e mestrado em Letras pela UFSC — Universidade Federal de Santa Catarina — , desenvolvendo trabalho sobre hábitos de leitura. Professora desde os dezesseis anos, começou a publicar suas primeiras histórias em 1973, em um suplemento infantil de um jornal catarinense.	UMA FAMÍLIA TÃO COMUM  Daniela surpreende-se ao conhecer a família de Mirela. Uma família, talvez, tão comum quanto à sua: a mãe de Mirela costuma voar para espantar a tristeza; o pai é um professor de Biologia, que até comemora quando uma de suas pesquisas científicas fracassa; o irmão, Tiago, brinca com uma cutia de estimação que apenas ele pode ver; sua tia faz crochê com um fio invisível aos olhares desatentos, mas na trama de seus trabalhos estão aprisionadas variadas emoções. Mirela adora piano, mas sabe que não há espaço em sua casa. Ela tem uma solução muito simples: ter um piano imaginário. Parece loucura? Mas assim, com humor e sensibilidade o

		livro Uma família tão comum revela-nos que é possível encarar a vida com sabedoria e afeto.
<p>1984</p> 	<p>MARTA MARTINS DA SILVA</p> <p>Marta Martins da Silva nasceu em 1953 na cidade de São Paulo, e vive há mais de 30 anos em Florianópolis. Além do ofício da escrita, ela é uma ativista do livro para a infância, em particular. Na década de 1980, instalou, em Florianópolis, a Livraria Cuca Fresca, terceira livraria no País, especializada em Literatura Infantil e Juvenil.</p>	<p>MARICOTA E COCOTA</p> <p>Maricota e Cocota (publicado pela primeira vez em 1984) - um belo livro, ilustrado com figuras feitas com massinha de modelar, conta a história do menino Rafael, que justo naquele dia acordou sem a menor vontade de escovar os dentes, enquanto sua mãe o apressava. As escovas, nova e antiga, conversavam sobre o Rafael, principalmente sobre seus dentes. Então o menino escovou os dentes com as duas escovas ao mesmo tempo e as levou à escola.</p>
<p>1992</p> 	<p>ROBERTO GOMES</p> <p>Roberto Gomes é um escritor brasileiro. Nascido em Blumenau, SC, no dia 8 de outubro de 1944. Escritor, professor universitário, editor, tradutor, publica crônicas no Caderno G do jornal Gazeta do Povo.</p>	<p>O MENINO QUE DESCOBRIU O SOL</p> <p>Conta as descobertas que um menino faz quando seu avô – que a família julga maluco e inconveniente – vem morar em sua casa. No universo tenso e medíocre da família, os dois, menino e avô, vão estabelecer uma cumplicidade que irá transformar para sempre suas vidas</p>
<p>1994</p> 	<p>PAULO VENTURELLI</p> <p>Paulo Venturelli nasceu em Brusque, SC, no Verde Vale do Itajaí, em 17 de dezembro de 1950. Filho de operários tecelões, estudou como interno em um colégio em Corupá, e, ainda adolescente, foi morar com os pais em Jaraguá do Sul, cidade na qual terminou sua educação básica.</p>	<p>O ANJO ROUCO</p> <p>O anjo rouco, de Paulo Venturelli, é uma daquelas histórias de suspense que é impossível de largar até a última página. Adriano, juntamente com o pessoal da vizinhança, ouve durante várias noites um som estranho que se parece com um gemido. De onde vem aquele estranho e assustador ruído?</p>

		Para descobrir isso, Adriano vive aventuras, conhece novas emoções e descobre algo importante para sua vida de adolescente. As belíssimas ilustrações de Márcia Széliga para esta intrigante narrativa contribuem para tornar o livro ainda mais interessante.
2001	URDA ALICE KLUEGER	CRÔNICAS DE NATAL E HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ
	Urda Alice Klueger é escritora, professora, historiadora e economista. Licenciada em História. É membro, além da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da União Brasileira de Escritores, da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil.	Décimo-primeiro livro da autora, traz uma coletânea de crônicas de Natal, onde a autora conta sobre os mais mágicos Natais da sua vida. Descendente de imigrantes europeus, a autora nos traz os costumes antigos conservados na sua família e em muitas famílias da sua região (Blumenau/SC), os mesmo costumes natalinos que muita gente está esquecendo devido à nova vida de um mundo globalizado. Desde seu lançamento que o livro é um grande sucesso.
2001	EDLA VAN STEEN	O PRESENTE
	Edla Van Steen nasceu em Florianópolis, no dia 12 de julho de 1936. Com mais de 20 livros publicados, a autora escreve romances, contos, entrevistas, peças de teatro e livros de arte, possuindo vários prêmios nas áreas de cinema, teatro e literatura.	Conta uma divertida história de um peru chamado Alencar, que é muito esperto e vaidoso. No decorrer da história, o peru resolveu garantir sua sobrevivência fazendo regime e exercícios. Assim não viraria o prato principal de alguma data comemorativa. Hoje ele reina orgulhoso e magérrimo no sítio da vovó.
2013	DINARA TESSARI	A ÁRVORE DA RUA TAGARELA
	Dinara Gonçalves Tessari, escritora e educadora, nasceu em Chapecó, no mês de dezembro de 1962. Sempre foi	A árvore da rua Tagarela trás lembranças da escritora chapecoense durante a sua infância. Na frente de sua casa

	<p>uma apaixonada por livros. Tem três filhos: Alexandre, Amanda e Alyssa e é casada com Pedro. Tem cinco livros publicados: O Fantasma Amarelo em tinta e em braille; O Menino do Sonho Guardado; As aventuras de Alyssa e Cacá em: O livro Encantado; A menina que Engolia as Palavras ; e a Árvore da Rua Tagarela.</p>	<p>havia uma árvore castanheira que permeou a infância de Dinara e várias outras crianças da rua. Era o lugar onde todos se encontravam e brincavam deixando a imaginação fluir. No final da história a árvore é derrubada para construção de um prédio e o campinho de futebol passou a ser o novo ponto de encontro das crianças.</p>
<p>2014</p> 	<p>SÉRGIO LORENZET</p> <p>Sério Lorenzet é natural de Xavantina, oeste catarinense. Cursou engenharia civil na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. A natureza e a simplicidade sempre permearam sua vida. Suas lembranças de infância o inspiraram para a criação de seus livros, seguindo a corrente logosófica.</p>	<p>NICO E ANITA E AS AVENTURAS DO RIO ARIRANHA</p> <p>Nico e Anita brincavam com os primos, na infância, costumavam brincar nas margens do Rio Ariranha, local onde viveram várias histórias. Mas, o tempo passou, as crianças cresceram e foram estudar em outra cidade. Anos depois, retornaram ao lugar de infância, quando perceberam que o rio estava poluído, com mau cheiro, e as ariranhas não estavam mais lá. Assim, decidiram criar um projeto comunitário para salvar o rio. Com a ajuda de todos da comunidade, realizaram a limpeza do rio, e conseqüentemente, conscientizaram a população a preservar a natureza por várias gerações.</p>
<p>2020</p> 	<p>ADRIANA SGARBOSA</p> <p>Adriana Sgarbossa reside em São José e é autora de vários livros infantis. Como dona gata e seus dois gatinhos, o gato xadrez, o bom lobo mau, a confusão de Risadinha, Brincando de poetar, Anita e as cores, Anita e seus cabelos, A menina que tinha medo de</p>	<p>A LAGARTA QUE MUDOU A MINHA VIDA</p> <p>Uma história com um impressionante diálogo entre duas personagens que se consideram distantes, e surpreendentemente descobrem algo em comum. O diálogo marcante traz um proveitoso ensinamento para crianças sobre empatia, tolerância e</p>

	<p>clarear, A família alfabeto, Anita e os cinco sentidos, A cidade do som pela Editora Menina. Participa ativamente da Literatura Catarinense expondo seus livros em feiras e participando de projetos de leitura em escolas.</p>	<p>amizade. O livro é marcado por um diálogo bastante profundo e complexo, mas ao mesmo tempo leve e divertido. Perfeito para induzir reflexões sobre como vemos o mundo e as pessoas à nossa volta. Conta a história de uma borboleta e uma lagarta e o processo de metamorfose.</p>
<p>2021</p> 	<p>ANTÔNIO NATÁLIO VIGNALI</p> <p>Antônio Natálio Vignali, cujo pseudônimo é A. N. VIGNALI, nasceu em 30 de janeiro de 1936 em Sombrio-SC, nunca frequentou uma universidade, tornando-se um autodidata. Trabalhou em 1962, como editor no jornal Tribuna Sombriense, foi apresentador de programas de rádio até 2014. Em 2008, publicou seu primeiro livro "Mampituba".</p>	<p>QUATRO CONTOS INFANTIS: "Lambico, o Peixinho Esperto"</p> <p>Uma emocionante história de uma família de lambaris que passam por vários perigos. A mãe Lambari leva seus filhotes a um passeio pelo lago. Sua intenção é fazer com que todos os seus pequenos filhos conheçam os outros moradores e principalmente, os perigos com os quais terão que conviver dali em diante. Entretanto, o pequeno Lambico, o mais esperto dos filhotes, acaba aprontando diversas situações que colocam em risco sua vida, e também do resto de todo o grupo, inclusive de sua mãe. O livro é permeado pela solidariedade.</p>